FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 20 DE FEVEREIRO DE 1964 ANO 43.º — NÚMERO 14 792

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O faroleiro da ponta de Rosais descreve ao «Diário de Lisboa» em entrevista telefónica a dramática situação na ilha mártir

O «Diário de Lisboa» conseguiu falar hoje ao telefone, pelas 15 e 30, com a ilha martirizada de S. Jorge, mercê de facilidades que solicitámos e nos foram amavelmente concedidas pelos C. T. T. — o que mostra, uma vez mais, cabal compreensão da missão e do trabalho da Imprensa.

«Aqui, ilha de S. Jorge!»

Assim, seriam 15 e 30 quando estávamos a falar com a vila da Calheta:

— Aqui, fala o presidente da Câmara de Velas... Fala o dr. Gonçalves de Sá...

Estava muito rouco e extremamente fatigado com o esforço despendido na organização do

(Continua na 16.ª página)

SÍMBOLO — A actriz inglesa Lisa Peake, que é um símbolo da juventude moderna. Nos intervalos entre as filmagens e actuações na TV e no Teatro, Lisa conduz uma furgoneta da Defesa Civil, num serviço de distribuição de refeições a pessoas idosas e necessitadas

2.ª EDIÇÃO

Voltaram a registar-se nos Açores abalos sísmicos de intensidade média

PONTA DELGADA, 20 — Segundo um comunicado do Observatório Afonso Chaves, desta cidade, ontem, depois dos sismos destrutivos que produziram grandes estragos na parte ocidental da ilha de S. Jorge, houve um período de calma.

No entanto, á tarde, recomeçou a actividade sísmica, na região central da ilha, especialmente nas localidades de Urzelina, Manadas de Toledo e Norte Grande.

A partir das 19 horas de ontem sentiram-se na zona central da ilha mais alguns sismos, cujo epicentro

(Continua na 14.ª página)

Os terremotos de S. Jorge

pelo PROF. ORLANDO RIBEIRO

Segundo notícias dos jornais, pouco depois da meia-noite do dia 15, começaram a sentir-se abalos sísmicos na ilha de São Jorge, aumentando de intensidade e frequência a partir das primeiras horas do dia. As destruições produzidas e a natural apreensão das populações sinistradas, levaram a evacuar alguns lugares da ilha. Por outro lado, os abalos sentiram-se também nas ilhas próximas. Os jornais têm aqui matéria de sensação, de que são ávidos. O publico, um motivo de curiosidade e de inquietação. Os homens de Ciência, um tema de observações e de reflexões, de que muita gente gostaria de ter conhecimento. O «Diário de Lisboa» pediu a um dos seus colaboradores intermi-

(Continua na 14.ª página)

A Argélia e Marrocos chegaram a acordo quanto às fronteiras

—anunciou o presidente Ben Bella

ARGEL, 20. — O presidente Ben Bella anunciou hoje que a Argélia e Marrocos tinham chegado a acordo sobre a questão das fronteiras.

Falando aos jornalistas antes de partir para a Republica da Guiné, o presidente disse que o acordo levará ao rápido restabelecimento das relações diplomáticas e a uma melhoria geral das relações entre os dois países.

Ben Bella confessou-se muito satisfeito com o acordo alcançado e prestou homenagem aos esforços do imperador Hailé Sellassié e do presidente do Mali na elaboração desse acordo. Acrescentou esperar que possa servir de exemplo á Etiópia e á Somália na resolução do seu diferendo fronteiriço.

Depois da nomeação de uma comissão militar etíope e maliana — que deveria fiscalizar o cessar-fogo

(Continua na 16.ª página)

• Mais notícias do estrangeiro na pág. 12.

JOHNSON: Os E. U. A. aprovam as aspirações dos países africanos

WASHINGTON, 20. — O presidente Johnson declara que os Estados Unidos «aprovam calorosamente as aspirações das nações

(Continua na 16.ª página)

Nota do dia

A MÁSCARA E O ROSTO

Ao que parece com o propósito de atrair turistas, e de fazer acreditar que tudo corre no melhor dos mundos, as autoridades de Goa pretenderam reviver, este ano, os festejos carnavalescos que costumavam realizar-se naquela cidade e que proporcionavam uma oportunidade feliz de descontracção, adequada ao espirito alegre e despreocupado dos seus naturais. As coisas, porém, mudaram muito em Goa desde a ocupação indiana. Um documento assinado por alguns intelectuais de Margão, e tornado público através do nosso prezado colega «Diário de Notícias», dá-nos a medida do estado de espírito em que se encontra a população goesa depois da «libertação» que lhe foi imposta pela União Indiana. Segundo se afirma nesse documento, e a Imprensa local não se coibe de repetir, «em Goa as coisas não correm tão bem como os seus novos governantes gostariam de levar o Mundo a acreditar». Aqueles cuja discordância se manifestou algumas vezes, por não verem satisfeitas as aspirações que por mais de uma vez formularam, dão agora o braço a torcer, reconhecendo, como pretende o ditado, que «atrás de mim virá quem de mim bom fará». Mas já é tarde para voltar atrás. Sonhavam com o Paraíso e cairam, estateladamente, no Purgatório. O panorama de Goa é, com efeito, desolador. A miséria alastra. A intranquilidade apoderou-se dos espíritos. «A porta do Goês já não se abre hoje em dia a amigos e a estranhos com a facilidade e a paz de alma que antes existiam». Os festejos carnavalescos com que se pretendia iludir a opinião mundial não conseguem fazer esquecer a triste realidade. O rosto é muito diferente da máscara que pretende escondê-lo. E a sombra tutelar de Afonso de Albuquerque perdeu a virtude que os Goeses durante quatro séculos lhe atribuiram. «Levanta-te, capitão, que se perde a índia» — imploravam os habitantes de Goa junto do seu túmulo nos momentos de crise. E o mais grave é que o grande capitão parece ter ficado indiferente aos rogos que lhe fizeram.

Diario de Lisbôa
HOJE 28 PÁGINAS
nas quais se inclui
«VIDA LITERARIA E ARTISTICA»
VISADO PELA CENSURA

As minhas entrevistas com Kruchtchev — 2

Erros de cálculo e transformações das indústrias atrasaram a execução do plano económico russo

por HANS KROLL

(Antigo embaixador da República Federal Alemã em Moscovo)

«Sem citar concretamente Mao Tsé Tung, o chefe do Kremlin fez, um dia, alusão, na minha frente, ás declarações dos dirigentes chineses, que pretendem que a China pode perder, sem prejuízos sensíveis, 300 milhões de homens num conflito nuclear, pois ficar-lhe-iam outros tantos para conquistar o Mundo. «É preciso ser-se completamente doido—disse-me ele — para encarar tão levianamente a morte de centenas de milhões de seres humanos. As pessoas que adoptam tal atitude não passam de aventureiros que perderam a razão e o bom senso».

Se é verdade que Kruchtchev exclui a guerra como meio político, não é menos certo de que decidiu levar por diante a revolução mun-

(Continua na página seguinte)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA TAP

As minhas entrevistas com Kruchtchev

(Continuação da página anterior)

dial socialista. É o fim do dogma em que acredita, e crê nele com toda a convicção. Falta-lhe apenas encontrar um meio diferente do que havia sido preconizado por Lenine. É aqui que intervém o segundo dos seus objectivos, tantas vezes subestimado no Ocidente: o desenvolvimento económico.

Repetiu-me frequentemente:

«Quero fazer da U.R.S.S. a primeira potência económica do Mundo. Tal é a finalidade dos planeamentos económicos. Daqui até 1970 apanharemos os Estados Unidos na produção de matérias-primas e de derivados alimentares. Por conseguinte, ultrapassá-los-emos e asseguraremos ao povo russo o mais elevado nível de vida do Mundo. É deste modo que tomaremos a direcção política do planeta. Os países subdesenvolvidos de África, Ásia e América Latina verão, nessa altura, que os métodos comunistas permitem um progresso muito mais rápido do que os capitalistas. Vocês tiveram necessidade de dezenas de anos — quase cento e cinquenta — para chegar a este resultado. Nós conseguimos fazer-vos um curto-circuito nessa evolução. E, enquanto todo o Mundo, fascinado por este resultado se converterá aos nossos métodos, nós viveremos numa sociedade de abundancia, que nos vai permitir chegar ao estado supremo do comunismo.»

Vi, por mim próprio, enquanto estive em Moscovo, e examinei os numeros, com minucia, tendo concluído que o plano de sete anos foi bem realizado apenas nos primeiros dois. Depois, as dificuldades acumularam-se, não só na agricultura de que se fala constantemente, mas também nos outros sectores e, principalmente, nas industrias.

Houve erros de cálculo e de investimentos e, sobretudo, certas transformações das industrias modernas que foram mal conhecidas. Esqueceram-se de que se exigia a passagem do carvão ao petróleo e gás e do aço a materiais artificiais.

Não se teve muito em conta a automatização e a electrónica. Os trabalhadores especializados fazem muita falta na Russia, como, aliás, nos países ocidentais industrializados.

Ora, tudo isto preocupa Kruchtchev. Muitas vezes, falei com ele sobre estas dificuldades e ele não me contradisse, afirmando que procurava suprimi-los rápidamente. Aconteceu que, frequentemente, era ele quem abordava este tema, com toda a franqueza. O que me agradou imenso em Kruchtchev é que nunca vi que me mentisse. Mas acrescentava: «Nós resolveremos estes problemas. Veja o que conseguimos realizar no domínio do espaço, dos mísseis, da industria electrónica... Quem pode o mais, também pode o menos».

A questão dos investimentos

Exactamente como nos outros países, também na Russia a questão decisiva é a dos investimentos.

Um certo dia, Kruchtchev disse-me: «O plano de sete anos exige investimentos superiores a todos quantos efectuámos em planos precedentes, desde há quarenta anos».

Será possível encontrar essas dezenas de milhões de rublos e prosseguir, ao mesmo tempo, no esforço do armamento?

Num dia de Verão de 1958, quando regressava de Bonn, onde falara com Adenauer sobre o plano septenal tive ensejo de encontrar Kruchtchev durante uma recepção no Kremlin e disse-lhe:

«O chanceler pede-me para lhe transmitir os seus votos de êxito para o seu programa económico». Olhou-me atentamente e retorquiu: «Pensá-lo-á, realmente?» Tive pressa em sossegá-lo: «Certamente, deseja-o, com sinceridade».

Falei-lhe, então, do plano soviético de sete anos.

Transmiti-lhe o pensamento do chanceler Adenauer: «Faça saber a Kruchtchev que me rejubilo com isso, porque esse plano não beneficiará apenas o povo russo, mas também outras populações. O seu êxito pressupõe a manutenção da paz. É lógico que ele custará tanto que não ficará dinheiro suficiente para que os soviéticos pensem em armamento».

Kruchtchev sorriu com um ar embaraçado, depois deu-me uma palmada nas costas, dizendo: «Mesmo assim, ainda teremos um pouco para isso, não vos inquieteis!»

E é precisamente neste ponto que se coloca o problema-chave a que Kruchtchev deve fazer face. A U.R.S.S. não pode financiar os seus dois programas, ao mesmo tempo. Foi por isso que, em 1960, o chefe do Kremlin procurou fazer economias no domínio militar, decidindo desmobilizar um milhão e meio de oficiais e tropas, a fim de os enviar para os trabalhos dos *Kolkhoses*.

«Estes velhos marechais — afirmou-me — não são de qualquer utilidade numa guerra moderna. Os seus altos feitos e capacidades datam do tempo das armas convencionais, mas desconhecem tudo que se relacione com um conflito atómico, totalmente diferente das antigas guerras clássicas.»

No entanto, não conseguiu efectuar mais do que metade do programa de desmobilização o qual encontrou viva resistência e oposição.

Aqueles oficiais, habitando nas grandes cidades, não se tentavam com a perspectiva de ir trabalhar a terra e, além disso, não sabiam nada de agricultura. Quanto ás suas mulheres, a Sibéria metia-lhes medo. Tinham a sua vida e relações nas cidades, as suas «datchas» nos arredores, os seus filhos seguiam cursos universitários. A mudança seria radical, o que provocou descontentamento.

EM 3 LINHAS

O «Diário das Sessões» da Assembleia Nacional publicou o relatório e as contas da Junta do Crédito Publico referentes ao ano de 1962

///

Vai ser integrada na Repartição Provincial dos Serviços de Obras Publicas, Portos e Transportes, a brigada de estudos e construção de estradas da Guiné.

///

A brigada de estudos e construção de estradas de Cabo Verde vai ser integrada na Repartição Provincial dos Serviços de Obras Publicas, Agrimensura e Cadastro daquela província.

///

E' de 300 contos o orçamento da Missão Organizadora do Museu do Ultramar para o ano corrente.

///

Foi publicada uma portaria que manda pôr em vigor os quantitativos diários para os diferentes ranchos das forças terrestres e aéreas nas províncias ultramarinas.

///

Foi prorrogada até 30 de Junho próximo a aplicação do regime estabelecido pelo decreto que criou o Fundo de Estabilização do Algodão.

///

Foi mandado aplicar em todas as províncias ultramarinas, com alterações e aditamentos, o decreto-lei referente aos programas do ensino primário.

///

O sr. António Çandido Mouteira Guerreiro foi nomeado vogal do conselho administrativo do Fundo de Teatro, instalado no S. N. I., como representante do Ministério das Finanças.

///

Foi fixado em 4 de Outubro de 1965 o prazo limite do início da exploração do hotel que a Sociedade Imobiliária e de Turismo Açoriano, Lda. tem em construção em Angra do Heroísmo.

///

O capitão-de-fragata António Bénard da Costa Pereira foi exonerado do cargo de comandante da fragata «Diogo Cão».

///

O prof. José Luís da Silva Leitão foi nomeado director da Biblioteca da Escola Superior de Medicina Veterinária.

///

Na Quinta de Vale de Ranes, em Alverca do Ribatejo, a Camara Municipal de Vila Franca de Xira vai construir jardins e um parque infantil.

///

Foi constituída em Lisboa, com sede na Avenida Duque de Loulé, 47, 5.' dto., a Praial — Companhia Portuguesa de Turismo, com o capital de 9900 contos.

«Porque não deixam passar os carros?»

A propósito de uma local publicada no nosso numero do passado dia 15 de Dezembro, subordinada ao título «Porque não deixam passar os carros?», escreve-nos o director dos Serviços de Urbanização e Obras da Camara Municipal de Lisboa, esclarecendo o assunto:

Encarrega-me o presidente de informar que por parte desta Camara se tem providenciado pela rápida execução das obras de colectores na Avenida D. Carlos I e Rua do Poço dos Negros.

Neste ultimo arrugmento, a demora na construção do colector é devida ao aparecimento de um antigo aqueduto e onde está instalado um cabo pertencente ás instalações da Emissora Nacional, cuja retirada foi imediatamente solicitada. A vedação foi beneficiada».

O caso do atropelamento na auto-estrada do Norte

Continúa internado no Hospital de Santa Maria o sr. Manuel da Silva Figueiredo, de 37 anos, morador em Campo Cevadeiro, que na segunda-feira, foi atropelado na auto-estrada perto de Vila Franca de Xira, por um automóvel conduzido pelo sr. José Manuel Franco Mira, de Arruda dos Vinhos. Foi este mesmo senhor quem conduziu o ferido ao Hospital de Santa Maria, tendo o caso sido entregue à G. N. R. de Vila Franca que realiza o inquérito.

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — As 21: «Todas eram encantadoras» (17 anos).

CARCAVELOS — *Vitória-Cine* — A's 21 e 30: «A respeitável carcaça» (12 anos).

PAREDE — *Royal-Cine* — A's 21: «O herói da cidade» (12 anos).

ESTORIL — *Casino* — A's 21 e 30: «Rocambole» (17 anos).

CASCAIS — *S. José* — A's 21 e 30: «Mundo cão» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Branco* — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS — *Nova* — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839).

PAÇO DE ARCOS — *Trindade Brás* — Rua Costa Pinto, 186 (Tel. 2420034).

OEIRAS — *Godinho* — Rua Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).

PAREDE — *Aisir* — Bairro das Caixas de Previdência, Lote A.

ESTORIL — *Ostende* — Rua de Espinho, 1 - Monte Estoril (Tel. 260391).

CASCAIS — *Marginal* — Av. Marginal (Tel. 280078); *A. Costa* — Rua Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214).

ALMOÇO de confraternização do Centro das Actividades Económicas de Angola

A direcção do Centro das Actividades Económicas de Angola promove um almoço de confraternização, no próximo dia 29, ás 13 horas, no restaurante de Montes Claros, em Lisboa.

A inscrição, de 130$00 por pessoa, deverá fazer-se na sede do Centro, até ao próximo dia 24, por meio de carta, telegrama ou simples aviso telefónico.

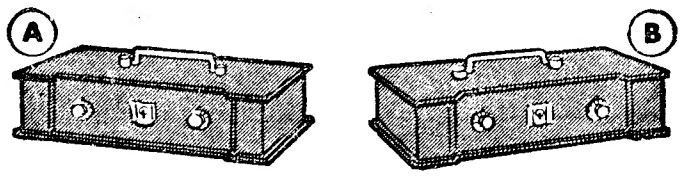
CONCURSO DA R. T. P.

OU SIM OU NÃO

D. L.

10.ª SESSÃO 28/II/64 II SÉRIE

BOLETIM - PALPITE



☐ VENDE ☐ VENDE

☐ NÃO VENDE ☐ NÃO VENDE

NOME .....

MORADA .....

ATENÇÃO: Indicar com uma cruz X qual o seu palpite do cofre que o concorrente vai escolher e se vende ou não a chave. O palpite refere-se sempre ao ultimo concorrente de cada sessão. De entre os votantes no boletim vencedor será sorteado um televisor **Philips**. Recortar pelo tracejado e remeter até á próxima quarta-feira, ás 12 horas, para CONCURSO «OU SIM OU NÃO» — RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA — Alameda das Linhas de Torres, 95 — LISBOA-5

estúdio M

sentir-se bem é tão simples!

sem dores de cabeça
sem resfriamentos
sem dores reumáticas
com ASPIRINA!

porquê ASPIRINA?
por causa da acção do seu triplo efeito

* acalma as dores
* baixa a febre
* restabelece o bem-estar

e lembre-se

ASPIRINA®

HÁ SÓ UMA, A VERDADEIRA, A LEGÍTIMA, A DA BAYER

Pento
penteia melhor

Actualidades mundiais

★ Canções de Gershwin no cinema

HOLLYWOOD, 20 — As canções compostas há mais de um quarto de século pelos irmãos George e Ira Gershwin vão ser ouvidas pela primeira vez no filme «Kiss me, stupid», de Billy Wilder.

Ira Gershwin confirmou que três das canções criadas com o irmão, George, morto em 1937, vão ser incluídas na película e revelou que outras 14 melodias, fruto da colaboração dos dois irmãos, que escreviam a musica e a letra das composições, foram submetidas á apreciação do maestro André Kostelanetz e do coreógrafo George Balanchine para o seu possível aproveitamento num bailado.

Declarou ainda que das setecentas canções que compôs com o irmão, apenas cerca de duzentas foram publicadas. — (A. N. I.).

★ Mel Ferrer vai encarnar El Greco

MADRID, 20 — Passou uns dias nesta capital o artista de cinema Mel Ferrer á procura de intérpretes para a película que vai fazer sobre a vida de El Greco e de que Mel Ferrer será o protagonista principal.

O filme será rodado em Toledo e Madrid.

Há seis meses que Mel Ferrer anda a recolher material e documentos sobre a vida do famoso pintor. — (A. N. I.).

★ Prémio italiano para filmes de amadores

PIETRASSANTA (Itália), 20 — Entre sessenta concorrentes, o filme «Pietre Vive» («Pedras Vivas»), de Gualteroni-Montemezzi-Muciaccia, conquistou o prémio nacional «Selce d'Oro», atribuido na Itália aos amadores cinematográficos. — (A. N. I.).

★ Festival de prosa

BOLONHA, 20 — Está em curso o XIV Festival Nacional de Prosa, no Teatro Comunal de Bolonha, devendo encerrar-se a 16 de Abril.

Apresentam-se sete obras, desempenhadas pelas companhias do Teatro Stabile, de Génova, do Teatro Stabile, de Palermo, de Lullo-Falk-Valli-Albani, do Teatro Stabile, de Bolonha, do Teatro Stabile, de Turim, do Teatro Stabile, da Catânia, e de Proclemer-Albertazzi.

«Cada um a seu modo», de Pirandello, inaugurou o programa, que comporta também: «D. João» de Moliére, na adaptação de Berthold Brecht, Bonno Bosson e Elizabeth Hauptman, «Seis personagens em busca de autor», de Pirandello, «La polizia e in alto mare», de Slawomir Mrozok, «As mãos sujas», de Sartre, «Il giorno della civetta», de Leonardo Sciascia Giancarlo Sbragia, e «Hamlet», de Shakspeare. — (A.N.I.).

★ Silvana Pampanini em «Um italiano na Argentina»

ROMA, 20 — Silvana Pampanini, que terminou recentemente o seu desempenho no filme «Napoleoncito», ao lado de Amador Pendejan e sob a direcção de Gilberto Martinez Solarez, no México, está de regresso e tenciona ultimar as suas negociações com o produtor para a sua participação em «Um italiano na Argentina», cujas filmagens principiam em Março. — (A. N. I.).

★ Centenário de Shakespeare

MILÃO, 20 — Para celebração do quarto centenário do nascimento de Shakespeare, o Teatro Delle Novitá, dirigido por Manor Lualdi, levou á cena uma nova versão do «Otelo», interpretado por Renzo Ricci, Gianni Santucci, Bianca Tocoafondi, Lia Angelerei e Carlo Ninchi e com musica extraída das óperas de Monteverdi e Vivaldi.

À encenação presidiu a preocupação do «Regresso ás origens. Os actores representaram num palco isabelino, reconstruido segundo os esquemas originais de Johannis de Witt, publicados em estampas da época. Sobre a pista central do teatro, edificou-se um palco multiplo, iluminando-se sucessivamente apenas a parte da cena onde os intérpretes estivessem a representar. — (A. N. I.).

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- A companhia do Teatro Variedades, que ontem representou, com grande êxito, a revista «Elas são o espectáculo», em Setubal, segue hoje para o Porto. A estreia da peça no Porto verifica-se no sábado, no Teatro Sá da Bandeira.
- O maestro-compositor Carlos Dias será o autor da música de uma película de curta-metragem, destinada á Eurovisão, e a rodar em França, muito brevemente.
- A artista Helena Tavares vai gravar, muito brevemente, os numeros que interpreta na revista em cena no Capitólio, e que têm musica de Fernando de Carvalho e versos de Aníbal Nazaré.
- Serão dirigidos pelo actor Eugénio Salvador os ensaios da nova revista do Avenida, «Férias em Lisboa», original de Fernando Santos e Nelson de Barros.

NO D. MARIA II

Lucien Donnat desenhou os cenários para «Delírio»

Quando da estreia de «Delírio», a peça de excepcional conteudo dramático e de elevada expressão humana que continua a obter, no Teatro Nacional Dona Maria II, um êxito triunfal, a crítica destacou, em nota de unânime agrado, as duas cenas criadas por Lucien Donnat, com um conhecimento um bom gosto e uma riqueza de pormenor que permitem situar o ambiente da peça na moldura exacta de que ele carece. O trabalho de Lucien Donnat, cujas provas de competência se têm sucedido num ritmo ininterrupto, é uma das notas altas em que decorre a extraordinária realização teatral levada a cabo pela empresa Rey Colaço-Robles Monteiro. Desde o critério com que foram desenhados os móveis, até aos delicados cuidados da decoração e ao irrepreensível sentido que preside aos mais ínfimos detalhes, Lucien Donnat creditou na sua brilhante carreira um novo título de valor. O seu trabalho foi muito bem compreendido por José Maria Marques, que pintou os cenários, e por Joaquim Alves da Silva que se encarregou da montagem

NO TRINDADE

«O Casamento», de Gogol desempenhado por bons actores

A Companhia Nacional de Teatro, num impulso de boa vontade, consegue levar à cena no Trindade (F. N. A. T.) algumas das peças universais, de autores célebres, por intermédio de um elenco de bons artistas a preços tão baratos que ninguém pode deixar de apreciar teatro válido e de aplaudir a companhia que se tem proposto representar peças mundialmente conhecidas, como: «O Principe de Homburgo», «A Primeira Família», «Tirésias», «O Pai», etc. E. na presente época, a Companhia de Couto Viana guarda dois enormes êxitos já: «O Mercador de Veneza», em cena durante sessenta dias consecutivos, e «O casamento», em pleno sucesso — Shakespeare e Gogol — dois nomes imortais.

A crítica á estreia de «O casamento» vincou, em uníssono, o brilhantismo da representação da C. N. T., da encenação de A. M. Couto Viana e a beleza dos cenários de Pinto de Campos.

Um espectáculo sério e grandioso, este do Trindade (F. N. A. T.). A crítica reconheceu-lhe o justo valor, mas o público quer certificar-se e, por isso, acorre todas as noites a comprar os bilhetes (os mais baratos do Teatro português) e a aplaudir pròdigamente a Companhia Nacional de Teatro que A. M. Couto Viana soube elevar a nível cimeiro.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«Hotel Internacional», no São Luiz e no Alvalade

Os cinemas São Luiz e Alvalade estrearam ontem o vigoroso filme de Anthony Asquit «Hotel Internacional», que em Lisboa vai, por certo, continuar a carreira de êxito iniciada nas grandes capitais europeias. Filme dirigido ás multidões e que se afirma como um acontecimento cinematográfico da época, o célebre «The V. I. P. S.», impõe-se pelo poderoso interesse da sua história e pela riqueza do quadro, pela variedade das situações que surgem e pela multiplicidade das personagens que intervêm na empolgante acção, cada uma com os seus problemas, as suas angustias, a sua psicologia e as ânsias de solução para as suas interrogações e para as suas vidas.

«Hotel Internacional» transforma um aeroporto numa encruzilhada de paixões e algumas horas de espera em pausa angustiosa de processos sentimentais em evolução. Com efeito, retida no aeroporto de Londres, devido ao nevoeiro, gente de várias terras vê, subitamente, a sua vida parada ou alterada, conforme as situações. O nevoeiro é assim, um obstáculo para o fecho de um negócio ou para a resolução de um caso passional. Os sentimentos afervoram-se e chocam com a demora da partida, que vai dar rumo diferente a muitas vidas. E' a situação de uma mulher que vai deixar o marido por amor a um aventureiro, que acaba por partir sòzinho. E' o caso do produtor de filmes que receia as doze badaladas da meia-noite por causa do fis

(Continua na 7.ª página)

PRÉMIO DA UNESCO para o cinema

ROMA, 20 — A U. N. E. S. C. O vai atribuir o prémio Kalinga, de duas mil libras esterlinas (160 contos) á longa-metragem produzida entre 1 de Janeiro de 1963 e 30 de Junho de 1964 que melhor «contribua para fazer o publico compreender uma realização excepcional no campo da educação, da ciência e da cultura, graças á cooperação internacional». — (A. N. I.).

UMA HORA NO TEJO
NO NOVO BARCO «Estoril-Sol»
UMA INICIATIVA ESTORIL-SOL, S.A.R.L.
TODOS OS DIAS EXCEPTO ÀS SEGUNDAS-FEIRAS
CONHEÇA MELHOR O TEJO
E VEJA UM PANORAMA DE SONHO
LISBOA VISTA DO RIO
PARTIDAS ás 10 e 10 — 11 e 20 — 13 e 40 — 14 e 50 — 16 horas
TERREIRO DO PAÇO (Pontão dos Cacilheiros) — PREÇO 25$00
A PARTIR DE HOJE

RAMPA
GRANDE LIQUIDAÇÃO
EM TODAS AS SECÇÕES E TODOS OS ARTIGOS
DESCONTO DE 30 %
SOBRE OS PREÇOS MARCADOS DE VENDA
Recente colecção de confecções para a Primavera
— Vestidos e Tailleurs —
LARGO RAFAEL BORDALO PINHEIRO, 15

FEDERICO FELLINI
8 1/2
O FILME QUE REVOLUCIONOU O MUNDO DO CINEMA!
-ADULTOS-

BRANDY
HUTCHESON
MEDALHA DE OURO

EDEN
ASTÓRIA FILMES
ANUNCIAM A ESTREIA EM LISBOA
AMANHÃ, às 21.45
do forte filme de «suspense» do eminente director
ROBERT ALDRICH
QUE TERIA ACONTECIDO A BABY JANE?
com sublimes interpretações das grandes
BETTY DAVIS e JOAN CRAWFORD
«monstros sagrados» da Arte de representar no cinema de eleição

A mais perversa das histórias, o mais sinistro dos ódios, o mais alucinante dos crimes num filme monumental!
UMA DAS OBRAS MAIS EXTRAORDINÁRIAS QUE HOLLYWOOD PRODUZIU NOS ÚLTIMOS ANOS
— ADULTOS —
Representante do cinema americano no Festival de Cannes

UMA HISTÓRIA DE AMOR E SANGUE QUE ASSOMBROU O MUNDO!

INSPIRADO NO ROMANCE IMORTAL DE
NICOLAU GOGOL

TARAS BULBA

RANK FILMES DE PORTUGAL LDA.

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA EM ESTREIA

HOJE

ÀS 21.30

ADULTOS

O FATALISMO DA ALMA ESLAVA E A INDOMÁVEL IMPETUOSIDADE DOS COSSACOS, DÃO A ESTE ESPECTÁCULO, DE MONUMENTAL GRANDEZA, UM VIGOR BÁRBARO E DIFERENTE!

SAM WANAMAKER BRAD DEXTER GUY ROLFE PERRY LOPEZ George Macready Ilka Windish Vladimir Sokoloff Daniel Ocko Vladimir Irman CHRISTINE KAUFMANN

Argumento de WALDO SALT e KARL TUNBERG — Prod. associado Alexander Whitelaw — Música de Franz Waxman — Realização de J. LEE THOMPSON — Produção de HAROLD HECHT — Filmado em PANAVISION EASTMANCOLOR — Um filme da UNITED ARTISTS

A TRADUÇÃO INTEGRAL DO ROMANCE DE GOGOL, «TARAS BULBA», FEITA POR JOÃO GASPAR SIMÕES, ESTÁ PUBLICADA PELA PORTUGÁLIA EDITORA

LADO A LADO
BOITE
TONY DE MATOS
Conjunto CARLOS VILARET
com TIBURCIO e EDUARDO
Av. Oscar Monteiro Torres, 60-C
T. 771432 (Junto à Av. de Roma)
(Maiores de 17 anos)

As 21.45
(Adultos)
DONA MARIA II
DELÍRIO
(Frénésie)
UM ÊXITO INESQUECÍVEL

DISCOS ESTAB. MELODIA
LISBOA R. DO CARMO, 23
PORTO R. DE S.TA CATARINA, 360
R. DE S.TO ANTONIO, 35
Televisores — Rádios — Aparelhos electrodomésticos

FEDERICO FELLINI
8 1/2
O FILME QUE REVOLUCIONOU O MUNDO DO CINEMA!
-ADULTOS-

TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)
II CONCERTO DA
BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA
Dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.
Maestro-Chefe: Tenente SILVA DIONISIO
Domingo, dia 23 — às 11 horas
PROGRAMA
OBÉRON, de Weber; CARRILHÃO MÁGICO, de Pick Mangiagalli; RAPSÓDIA ROMENA N.º 1, de Enesco; CANTARES PORTUGUESES, de David de Sousa; e STENKA RAZINE, de Glazounow
Não é permitida a entrada na sala depois de iniciado qualquer número do concerto — Distribuição gratuita de bilhetes — (Maiores de 6 anos)
Atenção: Pede-se a todos os espectadores que requisitem bilhetes na bilheteira do Teatro, o favor de pedirem apenas os que necessitarem, em virtude do elevado interesse que despertaram estes concertos e em consequência dos numerosos pedidos de bilhetes.

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em CASTELO DE VIDE no SALÃO ROYAL

Em MOSCAVIDE o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se à venda na TABACARIA AUGUSTO DA SILVA CARVALHO, Av. de Moscavide, 43

SEAN FLYNN

EM

DUELO NO RIO GRANDE

«DUEL AT THE RIO GRANDE»
EASTMANCOLOR - DYALISCOPE
COM
FOLCO LULLI — CASEY ROBINSON
GABY ANDREU — DANIELLE DE METZ
WALTER DE BARNES
PRODUÇÃO: HARRY JOE BROWN

UM «WESTERN» DE GRANDE CLASSE!

TODOS AO **POLITEAMA**!

ESTREIA — HOJE

(MAIORES DE 12 ANOS)

UMA SUPERPRODUÇÃO EXTRAORDINÁRIA, DE UM NOVO E SIMPÁTICO AVENTUREIRO, A QUEM NÃO RESISTEM BANDIDOS NEM MULHERES...

UM FILME «LUSOMUNDO»

DUELO NO RIO GRANDE

«DUEL AT THE RIO GRANDE»
EASTMANCOLOR - DYALISCOPE
Realização: N. JURAN

CAPITÓLIO

Às 20.45 e 23 h. — Ad. M/17 anos

FOI UM ÊXITO

A ESTREIA DO BALLET

THE CARAVELLES

que o publico aplaudiu entusiásticamente

SALVADOR

NA REVISTA POPULAR

O QUE É BOM É P'RA SE VER!

A UNICA REVISTA EM CENA!

UM FILME DE
JULIEN DUVIVIER

Robert HOSSEIN — **Jean SOREL**
Catherine ROUVEL — **Georges WILSON**

SEGUNDO O FAMOSO ROMANCE de JAMES HADLEY CHASE

FEBRE de DINHEIRO

IMPÉRIO

AMANHÃ
ESTREIA

LUSOMUNDO
ADULTOS

---

teatro
MONUMENTAL
telef. 55 51 33

"A IDIOTA"

de MARCEL ACHARD, encenação de António Lopes Ribeiro
TODAS AS NOITES, ás 21.45 h.
O ESPECTÁCULO DO ANO
com
LAURA ALVES

PAULO RENATO

YOLA ● MARIA LAURENT
CARLOS JOSÉ TEIXEIRA
CARLOS DUARTE ● NICOLAU BREYNER, e o actor cómico
HUMBERTO MADEIRA

ADULTOS
SÁBADO: 2 SESSÕES, ás 20.45 e 23 horas
DOMINGO: MATINÉE, ás 16 h.
(Bilhetes á venda)

Sábado, ás 16 e ás 18.15 h.: FESTIVAL DE RITMOS MODERNOS (M/ 12 anos)
Domingo, ás 18.45 h.: ESTRELAS EM LISBOA (M/6)

COLISEU

Emp. Ricardo Covões, Herds.
SÓ ATÉ DOMINGO
Cinema a preços populares
HOJE, ás 21.30
(Maiores de 12 anos)
OS GRANDES FILMES
KERIM,
O FILHO DO SHEIK
E
A FACA DO CRIME

IMAGEM DO DIA

Há muito tempo que não se exibe em Lisboa uma comédia tão engraçada como a que entra hoje em 3.ª SEMANA, no Tivoli: «AS NOIVAS DO PAPÁ» («The Courtship of Eddie's Father»), com uma história encantadora, que tem apaixonado o mundo pela graça das suas situações e prestígio da sua interpretação, confiada a dois grandes actores: GLENN FORD e SHIRLEY JONES. «AS NOIVAS DO PAPÁ» foram filmadas em Panavision e Metrocolor, É um dos grandes êxitos da temporada.

TRINDADE
(F. N. A. T.)

Todas as noites, ás 21.45 e sábados ás 17.00 horas

(Maiores de 12 anos)

Um êxito de gargalhada com a peça de NICOLAU GOGOL

O CASAMENTO

com Brunilde Júdice, Assis Pacheco, Alves da Costa, Álvaro Benamor, Virgílio Macieira, Mário Pereira, Maria Albergaria, Fernanda Montemor, Lúcia Mariani e Manuel de Oliveira

Espectáculo subsidiado pelo FUNDO DE TEATRO e dedicado aos Beneficiários da F. N. A. T. e sócios dos C. A. T., C. R. P. e Sindicatos Nacionais

---

Em ALBERGARIA - A - VELHA o «Diário de Lisboa» vende-se no CAFÉ-RESTAURANTE BOAVISTA.

O PERIGO E' DE MORTE PARA QUEM TENTA DESVENDAR

O SEGREDO DAQUELE «DOSSIER» CONFIDENCIAL!

PORQUÊ?

IMPLACÁVEL E EMPOLGANTE OFENSIVA DO «2.ème BUREAU» e DA POLÍCIA PRIVADA

A MAIS TERRÍVEL DAS ORGANIZAÇÕES DE ESPIONAGEM!

UM FILME DE
ALFRED RODE

(PARA ADULTOS M/ 17 ANOS)

DOSSIER SECRETO 1413

HOJE, no **AVIS**

EXCLUSIVO «OCIDENTE»

CLAUDINE DUPUIS
JEAN DANET
HENRI VILBERT
RITA CADILLAC

JOHNNY HALLIDAY
e o seu conjunto

EDDIE BARCLAY
e a sua orquestra

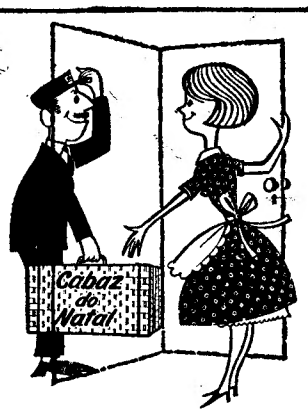
EMOÇÃO NO «MUSIC-HALL» PARISIENSE!

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda em PEDRAS RUBRAS a partir das 19 horas, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto e a partir das 20 horas nas Tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas.

BEM-FAZER

O Grupo «Os Amigos da Caldeirada», no Poço do Bispo, para festejar o seu 28.º aniversário, vestiu dez crianças pobres.



Cabaz do Natal

UMA ORGANIZAÇÃO DO CLUBE DAS DONAS DE CASA

RUA LUCIANO CORDEIRO, 89-1.º—TELEFS. 731474-731841 P.P.C. — APARTADO 1363—LISBOA 1

cdc

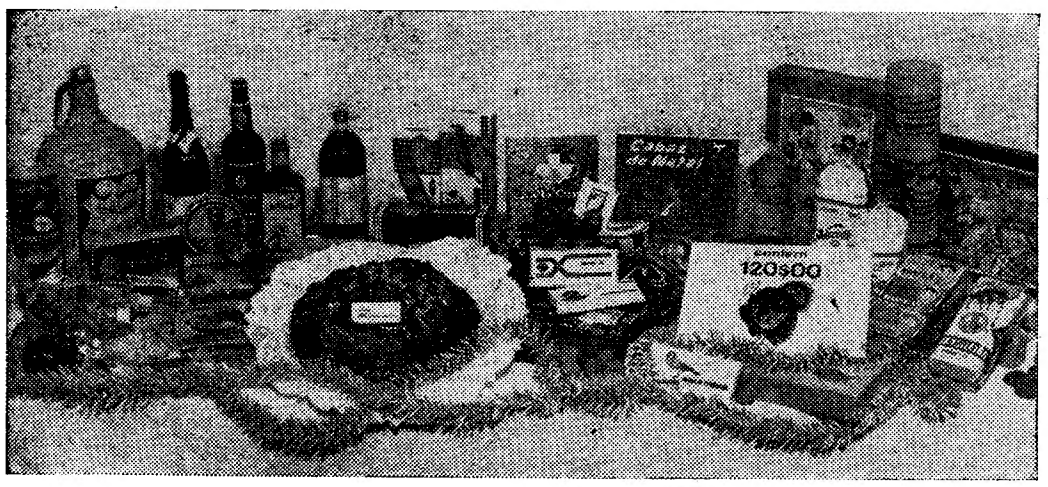
4º ANO DE EXITO CRESCENTE!

CONTEÚDO DO CABAZ

Um peru (envelope com 120 escudos para a compra do mesmo) — Um bacalhau — Uma garrafa de vinho do Porto — Uma garrafa de espumante — Uma garrafa de licor — Um garrafão de 5 litros de vinho de mesa — Uma garrafa de azeite especial — Um bolo-rei ou Uma caixa com bolos — Um pacote de café — Ananás — Brinquedos e jogos — Uma caixa de queijo — Sopas e caldos — Um pacote de frutas cristalizadas — Diversas embalagens de bolachas — Um pacote de chá — Uma caixa com produtos de beleza — Uma caixa de chocolates — Conservas variadas — Embalagens de figos, ameixas, passas, nozes, etc. — Embalagens de farinha para bolos — Uma agenda para donas de casa — Pudins — Um brinde para seu marido — Maravilhosas e valiosas surpresas — Um brinde de utilidade doméstica — Uma linda boneca — O cabaz útil e prático e ainda... — A possibilidade de receber alguns dos milhares de brindes que distribuímos todo o ano e habilitar-se ao sorteio final de uma maravilhósa vivenda, este ano, MOBILADA, na Praia de Santa Cruz, a 50 quilómetros de Lisboa

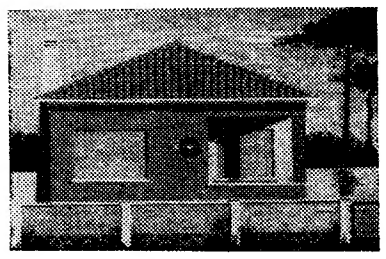
FIRMAS E MARCAS

REAL VINÍCOLA ● NACIONAL ● BRASILEIRA DO PORTO ● RAJA ● MAJORA ● C. U. F. ● LI-CUNGO ● AMBAR ● NESTLÉ ● IRMAOS COSTA DIAS ● MALA POSTA ● SUPERSUMOS ● MEXICANA



CONDIÇÕES DE INSCRIÇÃO

- ★ **O CABAZ DO NATAL, mantendo o preço dos anos anteriores, custa apenas Esc. 650$00, incluindo no seu conteudo um envelope com Esc. 120$00 para a compra do «seu» peru de Natal, e é vendido para todo o País.**
- ★ **Para se inscrever no CABAZ DO NATAL, basta preencher o boletim de inscrição aqui publicado e enviá-lo em carta ou colado num postal para o «Clube das Donas de Casa» — Apartado 1363 — Lisboa 1.**
- ★ **Durante dez meses receberá á cobrança pelo correio o respectivo recibo de Esc. 65$00.**
- ★ **As mensalidades são pagas de 1 a 8 de cada mês.**
- ★ **O pagamento pode também ser efectuado nos nossos escritórios.**
- ★ **Dias antes do Natal receberá em sua casa o CABAZ DO NATAL.**



OUTRA LINDA VIVENDA

Situada na bela Praia de Santa Cruz, a vivenda a sortear entre todas as inscrições do CABAZ DO NATAL de 1964 é ainda mais valiosa e bonita do que a sorteada em 1963.

E este ano ainda recheada com belos, funcionais e lindos móveis!

4.º ANO CABAZ DO NATAL – 1964

Boletim de inscrição

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE ..... TELEFONE .....

OSERVAÇÕES .....

.....

REMETER AO CLUBE DAS DONAS DE CASA — APARTADO 1363 LISBOA-1

3.ª SEMANA NO TIVOLI

ESTREIAS DE HOJE — DOSSIER SECRETO 1413 — DUELO NO RIO GRANDE — TARAS BULBA — AVIS — POLITEAMA — SÃO JORGE

TIVOLI — Telefone 50595
A's 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite em 3.ª SEMANA
de **Glenn Ford** e **Shirley Jones** na famosa comédia musical
AS NOIVAS DO PAPÁ
(Para maiores de 12 anos)

MONUMENTAL — Telefone 555131
A's 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
Uma mulher que arrisca a vida por amor
Simone Signoret e **Stuart Whitman**
O DIA E A HORA

AVIS — Telefone 47663
Às 21.45 (M. 17 anos)
NOITE DE ESTREIA
Um empolgante e movimentado inquérito policial
DOSSIER SECRETO 1413
com **Claudine Dupuis** e **Dora Doll**

ODEON — Telefone 326283
A's 15.15 e 18.15 (p. red.) e ás 21.30
A' tarde — 6 anos
A' noite — 12 anos
EM 4.ª SEMANA
9 RAPAZES E 1 CÃO
com Alves da Costa, Leónia Mendes, Pereira Neto, um grupo de garotos endiabrados e o cão «Farrusco»
Uma história tão humana e simples como as suas personagens humildes.

LIZ — Telefone 48560
A's 21 horas (M. 12 anos)
Um filme que é uma gargalhada pegada
AQUI HÁ FANTASMAS
COMPLEMENTOS SELECCIONADOS

TERRASSE — Telefone 320917
A's 21 horas (M. 17 anos)
13 RAPARIGAS ATERRORIZADAS EM BUSCA DO AMANHÃ

CASINO ESTORIL
A's 17 e 21.30 (M. 17 anos)
ROCAMBOLE
com
Channing Pollock, Hedy Vessel, Nadia Gray e Guy Delorme

IMPÉRIO — Telefone 555134
A's 15.15 e 21.30 (Adultos)
Ultimas do filme que reuniu treze grandes nomes do cinema francês
OS SORRISOS DO DESTINO
de PIERRE KAST...
Às 18.30 — «UMA PORTUGUESA EM PARIS», com Clara d'Ovar

SÃO LUIZ — Telefone 327172
A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 17 anos)
Uma história de amor dos nossos dias, interpretada pelos dois actores mais falados dos ultimos tempos.
Elizabeth Taylor e **Richard Burton**
HOTEL INTERNACIONAL

SÃO JORGE — Telefs. 54153/54
Às 21.30 (M. 17 anos)
SENSACIONAL ESTREIA
Um espectáculo de vigor bárbaro, inspirado na obra imortal de NICOLAU GOGOL
TARAS BULBA
com **Tony Curtis, Yul Bryner** e **Christine Kaufmann**

EDEN — Telefone 320768
A's 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 17 anos)
4.ª SEMANA
Ultimos espectáculos
PÃO, AMOR E... TOTOBOLA
AMANHÃ — ESTREIA — 17 anos
QUE TERIA ACONTECIDO A BABY JANE?
com **Bette Davis** e **Joan Crawford**

CINEMA IDEAL — Telefone 324194
A's 21 horas (M. 17 anos)
A POSSE DO AMOR
O CÃO DOS BASKERVILLES

A VOZ DO OPERÁRIO — Telefone 862155
Às 21 horas (M. 12 anos)
O FIO DA MEADA
A BONECA CHINESA
Sábado, 22 — OS 3 SARGENTOS
(M. 12 anos)

CONDES — Telefone 322523
A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 17 anos)
O impetuoso e espectacular drama histórico em Totalscope e Eastmancolor
O IMPÉRIO DE ROMA
Rossana Podestá e **Jeffries Lang**

POLITEAMA — Telefone 326305
Hoje, ás 21.30 EM ESTREIA
O grandioso filme de heróicas aventuras
DUELO NO RIO GRANDE
com **Sean Flynn** e **Daniel Metz**
A odisseia de um aventureiro a quem a morte espreita a cada passo
CINEMASCOPE (col.) — (M. 12 anos)

ALVALADE — Telefone 763080
A's 15.45 (p. red.) e 21.45 (M. 17 anos)
Elizabeth Taylor e **Richard Burton**
numa bela história de amor
HOTEL INTERNACIONAL
com **Louis Jourdan — Elsa Martinelli** e **Orson Welles**

ROMA — Plateia 727778 Balcão 729192
A's 15.30 e 21.45 (Adultos)
Um programa alegre para agradar em cheio!
NA TELA: A superfarsa colorida
TOTÓ E CLEÓPATRA
com **Magali Noel** e dezenas de perturbantes mulheres

RESTELO — Telefone 610375
A's 21.15 (M. 17 anos)
A magnífica comédia de acção
OS 3 SARGENTOS
com **Frank Sinatra, Dean Martim, Joey Bishop** e **Peter Lawford**

ROYAL — Telefone 865037
As 21 horas (M. 12 anos)
O CERCO DE SIRACUSA
SINFONIA DO AMOR

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 3.ª página)

co britânico e acaba por casar com a protegida, em nome da qual passam a figurar os direitos de certa película. E' ainda o problema de uma velha duquesa arruinada, que ao fim acaba por encontrar a forma de poder conservar um castelo. E são muitos outros casos, todos apaixonantes, como o do financeiro, que está á beira da ruína.

Rodado em panavision e a cores, o filme, que Anthony Asquit dirigiu com acerto, conta com um desempenho excepcional, soberbo, em que intervêm numerosos artistas de primeiro plano. Destacam-se, pela sobriedade com que interpretam os seus papéis, Elizabeth Taylor e Richard Burton, Orson Welles e Elsa Martinelli, Margaret Rutherford, Maggie Smith e Rod Taylor, Richard Wattis, Dennis Price, Ronald Fraser e tantos outros. Enfim: uma obra admirável, com uma acção plena de interesse e emotiva. — *Visor 60.*

Recital de uma cantora lírica brasileira

MADRID, 20 — A cantora lírica brasileira, Eny Camargo, deu um recital na Casa do Brasil, nesta capital.

Eny Camargo, que é também pianista, interpretou obras de autores europeus e dos brasileiros Heitor Villa-Lobos, José Siqueira e Leticia Figueiredo. — (A. N. I.).

AS ESTREIAS DE HOJE

No São Jorge

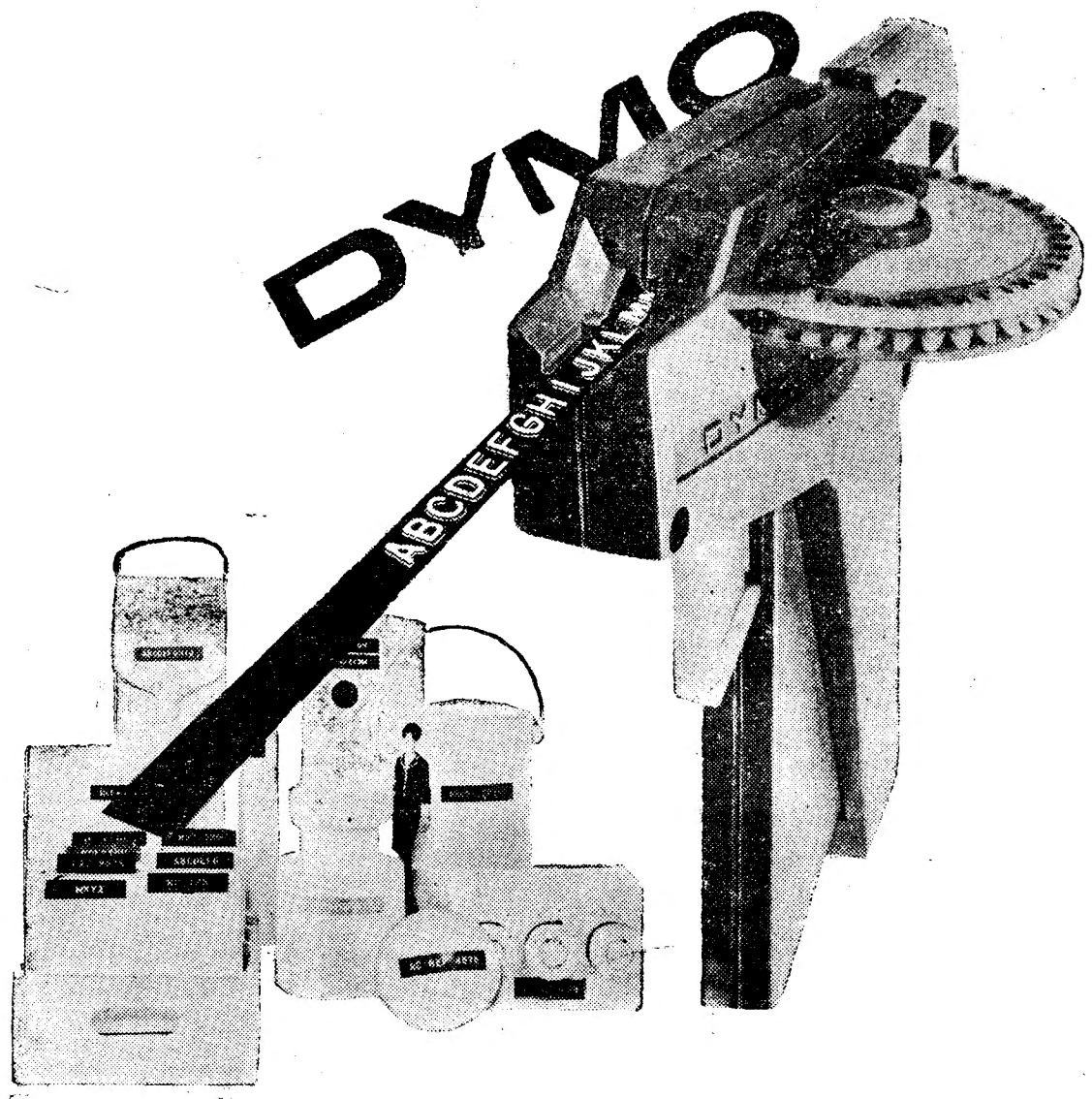
Título — «Taras Bulba».
Produção — Americana.
Realização — J. Lee Thompson.
Intérpretes — Tony Curtis, Yul Brynner, Khristine Kaufmann e Sam Wanamaker.
Género — Epopeia.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Panavision-eastmancolor.
Classificação — 17 anos.

No Politeama

Título em português — «Duelo no Rio Grande».
Título original — «Duel at the Rio Grande».
Produção — Americana.
Intérpretes — Sean Flynn.
Género — Western.
Distribuição — Lusomundo.
Processo — Eastmancolor-dyaliscope.
Classificação — 12 anos.

No Avis

Título — «Dossier secreto 1413».
Produção — Francesa.
Realização — Alfred Rode.
Intérpretes — Claudine Dupuis, Jean Danet, Henri Vilbert, Rita Cadillac e Johnny Holliday.
Género — Policial.
Distribuição — Excl. «Ocidente».
Processo — Normal, a preto e branco.
Classificação — 17 anos.



FINALMENTE o sensacional **DYMO M-4!**

O mais recente, o mais económico, o mais surpreendente processo de realizar etiquetas **PERMANENTES** «in loco» e por sòmente alguns centavos. A mesma superior qualidade, a mesma impecável apresentação que sempre distinguiu todas as realizações **DYMO, AGORA** reunidos num modelo de baixo preço.
Recentemente introduzido no n/ mercado a **NOVA DYMO M-4** encontra-se já à venda em todo o País.

AGENTES IMPORTADORES **JEFIPLAS** S.A.R.L.
R. MANUEL PINTO DE AZEVEDO 359 E — AVIA RAPIDA — PORTO — TEL. 64154

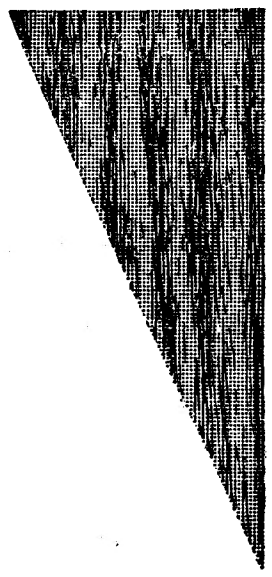
DISTRIBUIDORES AUTORIZADOS

PORTO
A. J. Alves
Rua Gonçalo Cristóvão, 314
Araujo & Sobrinho, Sucrs.
Largo de S. Domingos, 50
Prometaliz
Leça do Balio — S. Mamede de Infesta
SETA, LDA.
Rua Sá da Bandeira, 726, 2.º, Esq.º

COIMBRA
J. Trindade & C.ª
Avenida Fernão de Magalhães, 146

AVEIRO
Agência Comercial Ria, Ld.ª
Rua Conselheiro Luís de Magalhães, 1

LISBOA
António de Sousa Tavares
Rua Ivens, 50, 1.º
Araujo & Sobrinho, Sucrs.
Rua da Madalena, 80-D
INTEC
Rua Passos Manuel, 69-C
J. F. Azevedo e Silva & C.ª, Ld.ª
Rua S. Francisco Sales, 2, 1.º
Representações Alcota, S. A. R. L.
Rua do Corpo Santo, 6, 2.º
Rui Organizações e Contabilidade
Avenida Duque de Loulé, 75, 3.º, Esq.º
TELEMEC, LDA.
Rua D. Estefânia, 92-A



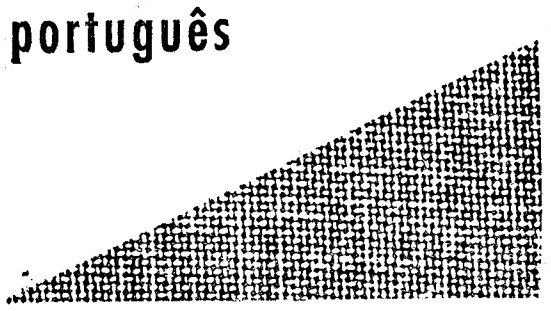
Arquitectos
Engenheiros
Construtores Civis
Construtores de Móveis
Decoradores

Nos revestimentos em termolaminados utilizem o excepcional produto

Laminite

produto da **SONAE**

Não há melhor e é português



PORTO — Rua de Passos Manuel, 228-4.º — Telef. 23514
FÁBRICA — Via Norte — Vila da Maia — Telef. 994196
LISBOA — Av. Oscar Monteiro Torres, 55 D — Telef. 772259

depois do café

beba antes uma aguardente moscatel CAMILLO ALVES

CASA FUNDADA EM 1881

A PROPÓSITO DE UMA ACÇÃO JUDICIAL

(ESCLARECIMENTO)

Sob notícias do Porto, publicou a Imprensa, nos passados dias 12 e 13 do corrente, dando a sensação de definitiva, o resultado de uma acção proposta por A Perfiladora, Ld.ª, com sede na Senhora da Hora, contra ANTÓNIO TELES DE MENEZES & C.ª, LDA., com sede em Freamunde.

A acção, que corre termos pela comarca de Paços de Ferreira, foi apenas julgada nessa primeira Instância, pendendo RECURSO da respectiva sentença, aliás interposto por AMBAS as partes e com efeito SUSPENSIVO, no Tribunal da Relação do Porto, onde deu entrada em 8 deste mês e aguarda julgamento, serena e confiadamente esperado.

Entretanto, como é de lei e merece esclarecimento, estão e continuam DESSELADAS todas as máquinas da Sociedade signatária, cuja FÁBRICA, em Freamunde, está em PLENA LABORAÇÃO, continuando perfeitamente habilitada a fornecer, á sua estimada clientela, TODOS os conhecidos ARTIGOS do seu habitual fabrico.

Freamunde, 15 de Fevereiro de 1964.

a) ANTÓNIO TELES DE MENEZES & C.ª, LDA.

A Itália de hoje

através de uma conferência do dr. Vasco da Gama Fernandes

esta noite na Ordem dos Advogados

É hoje, ás 21 e 30, como anunciámos, que o sr. dr. Vasco da Gama, ilustre causídico e nosso prezado colaborador, faz, na Ordem dos Advogados, a sua conferência intitulada «Um novo Direito Romano: imagens da Itália de hoje».

Depois de relancear o panorama do mundo contemporaneo, acentuando a necessidade que se nos impõe de uma mais cuidada interpretação dos seus valores materiais e morais, o orador exporá um dos objectivos da sua conferência: chamar a atenção do *português moderno* para o exemplo magnífico da Itália de hoje, criadora, como na Roma antiga, de um direito *actualizado*, suporte jurídico das profundas transformações que sofreu e vem sofrendo a grande nação latina, após o colapso ocasionado por décadas de expiação e pelas malfeitorias da guerra brutal que lhe foi imposta.

Tornando-se necessário, para se compreender o surto dessa profunda transformação, conheceu, nas suas linhas gerais, o estado catastrófico em que se encontrava a Itália no fim da guerra e o que foi, pela indomável vontade do povo italiano, a recuperação prodigiosa da primeira década que se lhe seguiu, fará uma clara e impressionante evocação em que ressaltam numeros expressivos da trágica situação daquele país e na qual estará presente, numa clarificadora enunciação, o condicionalismo legislativo que permitiu estruturar, constitucionalmente, a extraordinária libertação. Daí uma pátria destroçada e amesquinhada transformando-se numa potência de primeira plana em todos os sectores da industrialização, do comércio interno e internacional.

O sr. dr. Vasco da Gama Fernandes evocará, em seguida, o velho Direito romano, com a lei de Valério Publicola, as «Doze Tábuas» — os novos horizontes onde cabiam as ansiedades populares expressas no Monte Aventino, os têntamens da lei agrária, os decênviros, a liberdade de casamento, a presença aliciante do «ager publicus», as leis Canuleia, Licinias, Hortensias, todo um corpo legislativo que levou juristas da estirpe de Ihering e Arias Ramos a considerá-lo como modelo da História Jurídica. De tal forma que, em todos os momentos legislativos da história subsequente, é permanente a presença desse Direito precursor: entre outras a «Grande Carta de Henrique III, de 11 de Fevereiro de 1225» e a «Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 26 de Agosto de 1789».

Evocando, também, as lições do falecido mestre Artur Montenegro, e comparando o que se fez, então, com o que a Republica faz agora, conclui que um novo direito romano humanista e socia lservia de alicerce á recuperação mais surpreendente dos nossos dias. Iguais na sua génese popular ambos os direitos se *actualizaram* para o seu tempo e daí a perenidade da Roma antiga e o esplendor da Itália de hoje.

Terminará o sr. dr. Vasco da Gama Fernandes o seu brilhante trabalho recordando uma estadia em Itália, no ano de 1963, o deslumbramento do civismo e da paz publica, a unidade perante os problemas essenciais, a recordação dos sacrifícios, expressos no genocídio do «Fosse del Ardentino», a certeza de que a Itália é uma vasta e ecuménica universidade onde há sempre que aprender e meditar.

Nas suas palavras finais evocará, também, o exemplo de João XXIII e a sua encíclica «Pacem in Terris», o apostolado do verdadeiro cristão, ciente que se impõe terçar armas pela humanização da espécie, manifestando, por fim, a convicção de que a Itália, com as suas realizações, é um exemplo vivo de que depois da catástrofe não se segue o diluvio, antes, como no seu caso, se assiste á ressurreição de um povo de trabalhadores dispostos a prosseguir na caminhada heróica da sua missão, á sombra do Direito moderno e á sombra tutelar do velho Direito romano.

Declarações

do governador-geral de Moçambique na cidade da Beira

LOURENÇO MARQUES, 20 — Regressou a esta cidade, o governador Sarmento Rodrigues, que se tinha deslocado á cidade da Beira, a fim de presidir á sessão solene inaugural da I Reunião provincial de Turismo, durante a qual fez um discurso, em que afirmou:

«Todos sabemos que é necessário fazer boas estradas, aeroportos, preparar comunicações de toda a espécie, objectivos que nem precisariam duma recomendação deste congresso, porque constituem uma das grandes preocupações do Governo; que o Governo não os descura, está neste momento bem á vista, com as obras que vão iniciar-se no aeroporto da Beira, e ainda — tenho agora a satisfação de poder afirmar — com a breve assinatura do contrato para a construção da estrada de Maxixe ao Save, cujas ultimas formalidades, devem completar-se ainda esta semana. Esta obra, com estradas de ligação á costa, vai absorver cerca de oitenta mil contos, e deverá estar concluída dentro de vinte meses. — (L.).

A 15.ª lição do Curso de Língua Alemã, que o Rádio Clube Português transmitirá amanhã, como habitualmente, ás 21 e 45, constará da recapitulação das lições n.os 13 e 14, que nós publicámos, respectivamente, nos dias 13 e 18.

O embaixador dos E. U. A. sauda o ministro da Marinha

ALGUMAS RELÍQUIAS

navais norte-americanas oferecidas ao ministro da Marinha

O sr. almirante George Anderson, embaixador dos Estados Unidos, esteve hoje no Ministério da Marinha, a oferecer ao sr. almirante Fernando de Quintanilha, titular da pasta, várias relíquias da Armada norte-americana, destinadas ao Museu da Marinha.

A cerimónia da entrega decorreu no gabinete do ministro, estando presentes o adido naval junto da Embaixada dos Estados Unidos, sr. comandante John Enyart, e os srs. almirante Armando Roboredo, chefe do Estado-Maior da Armada; almirante Oliveira Junior e comodoro Neto Milheiriço, 1.º e 2.º subchefes do mesmo Estado-Maior; almirante Oliveira e Sousa, superintendente dos Serviços da Armada; comodoro Frederico Cruz, director do Serviço de Pessoal; e os oficiais que prestam serviço no gabinete do ministro.

As relíquias navais norte-americanas oferecidas ao ministro foram as seguintes: um pedaço do mastro do célebre navio «U. S. S. Hartsord»; uma reprodução da pintura ilustrativa da famosa batalha de Mobil Bay o *fac-simile* da «Ordem Geral n.º 13» assinada pelo almirante Sarragut, que comandou aquela batalha; o duplicado da «Ordem Geral n.º 10», emitida pelo mesmo almirante antes da batalha; e uma placa comemorativa de uma frase proferida pelo almirante Sarragut durante a batalha.

No momento da entrega, trocaram-se breves saudações entre os srs. almirante George Anderson e Fernando de Quintanilha, pondo-se em destaque as boas relações existentes entre as Armadas dos dois países.

VIDA POLÍTICA

● Ministro do Interior

Conferenciaram esta tarde com o sr. ministro do Interior, sobre assuntos de natureza política e administrativa de interesse para os seus distritos, os srs. governadores civis de Évora e do Funchal.

● Ministro dos Negócios Estrangeiros

O sr. dr. Vasco Garin, novo embaixador de Portugal em Washington, foi hoje recebido pelo sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, a quem apresentou cumprimentos de despedida, por seguir para os Estados Unidos, a fim de ocupar o seu posto.

● Ministro do Ultramar

O sr. comandante Peixoto Correia recebeu hoje, no seu gabinete, o embaixador dos Estados Unidos, sr. almirante George Anderson, que vai efectuar uma visita às províncias ultramarinas de Angola e Moçambique.

● Ministro da Educação

O titular da pasta da Educação recebeu hoje, em audiências separadas, o conselho de administração da Caixa de Previdência do seu Ministério e os srs. prof. Toscano Rico, director da Faculdade de Medicina de Lisboa, e brigadeiro Campos de Andrada, director do Colégio Militar.

● Ministro das Corporações

O sr. ministro das Corporações e Previdência Social recebeu, esta tarde, os deputados srs. eng. Manuel Engrácia Carrilho e Nunes Barata.

● Novo governador civil de Vila Real

O sr. dr. Torquato de Magalhães, novo governador civil do distrito de Vila Real, tomará posse do seu cargo na próxima terça-feira, ás 18 horas, em cerimónia a efectuar no salão nobre do Ministério do Interior. A posse ser-lhe-á conferida pelo titular da pasta, sr. dr. Santos Junior.

VALIOSA COLECÇÃO

de insectos de Angola exposta no Colégio Militar

No Colégio Militar inaugurou-se hoje ao meio-dia mais uma exposição dedicada a assuntos ultramarinos, constituída por uma colecção de 1000 espécies de insectos colhidos em Angola por dois alunos do colégio, durante as férias grandes.

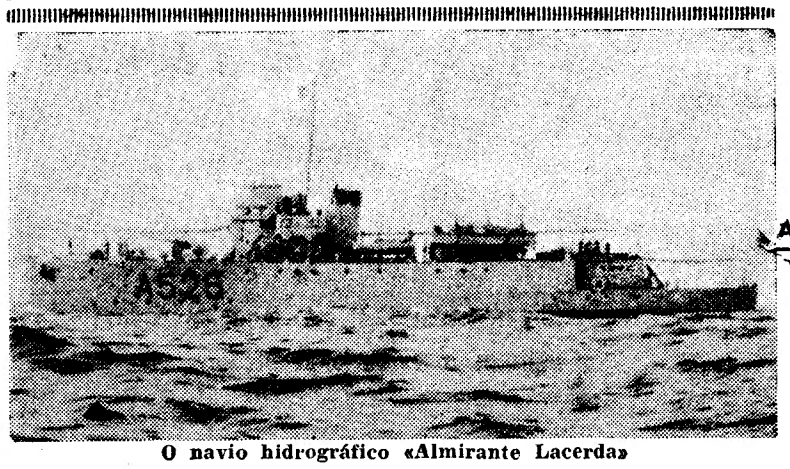
A exposição foi inaugurada pelo director do Colégio, sr. brigadeiro Campos Andrada, que felicitou o aluno Rui Carita, organizador de mais esta manifestação cultural, o qual recordou a propósito, alguns nomes de antigos alunos do colégio, que no passado se distinguiram como cientistas, entre os quais os naturalistas Oliveira Anchieta e Henrique de Carvalho.

Na exposição colaboraram com publicações e classificações os museus de Dundo, Luanda e Barbosa du Bocage.

A exposição estará patente todos os dias á tarde.

Criado de lavoura morto pelo rodado de um autotanque

CARREGAL DO SAL, 20. — Ontem, ao começo da noite, quando um autotanque da Sacor passava por esta vila, na estrada nacional junto ao Colégio Nuno Álvares colheu o criado de lavoura sr. Adriano Pinto Ferro, de 60 anos, natural de Barroco, concelho de Resende e morador em Carregal do Sal, há 4 anos. A vítima teve morte imediata por o rodado traseiro do autotanque lhe ter passado por cima.



O navio hidrográfico «Almirante Lacerda»

A participação activa da Marinha portuguesa na Expedição Internacional ao Oceano Índico

Está a decorrer, com a participação de Portugal, a Expedição Internacional ao Oceano Índico, na qual participa o navio-hidrográfico «Almirante Lacerda», destacado em Moçambique.

Como se sabe, as ultimas três décadas têm assistido a um progressivo incremento da exploração científica dos mares e da avaliação dos seus recursos. Pretende-se conhecer melhor o planeta em que vivemos — sete décimos do qual estão submersos pelas águas — e, principalmente, obter novas fontes de subsistência para os milhões de seres que anualmente aumentam a população do Globo.

Dos vários empreendimentos realizados, ou em execução, destaca-se a Expedição Internacional ao Oceano Índico, que está a decorrer, e que tem por objectivo o estudo global deste oceano, o que representa no domínio da Oceanografia a mais vasta colaboração científica até hoje efectuada no ambito internacional. Basta mencionar que nela tomam parte cerca de 30 países, e que é de perto de 50 o numero de navios directamente intervenientes na investigação em curso.

Portugal está presente, continuando a sua tradição científica e marítima. Pelas perspectivas que a expedição oferece, interessa ao nosso País, visto que todas as conclusões que se tirarem do melhor conhecimento das águas do Canal de Moçambique, têm projecção económica na Província, cuja costa se estende por 1500 milhas, e na qual milhares de portugueses vivem do mar.

A participação do navio português

Com a contribuição da Província de Moçambique, adquiriu-se, em 1962 e 1963, diverso material oceanográfico, com o qual foi equipado o navio hidrográfico «Almirante Lacerda», que a Armada, desde 1946, mantém nas águas de Moçambique. Este ano o navio executará dois cruzeiros, integrados na Expedição Internacional ao Oceano Índico, cada um com a duração de 50 dias. O primeiro terá início em Abril, e o segundo em

(Continua na 11.ª página)

O muito é feito de poucos.
Ganhando menos consegue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

O Governo est providência a desenvolver os meios d – anunciou hoje o dr. Paulo Rodr na abertura da reunião da I

PORTO, 20. — Efectuou-se esta manhã, no saião nobre da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, a sessão inaugural do 2.º Encontro da Imprensa Regional do País.

Presidiu o sr. dr. Paulo Rodrigues, subsecretário de Estado da Presidência, estando presentes o sr. dr. César Moreira Baptista, secretário nacional da Informação, e elevado numero de directores de jornais e revistas do continente e ilhas adjacentes. Na mesa de honra, tomaram lugar, além do subsecretário de Estado e do secretário nacional da Informação, o governador civil e o presidente da Camara Municipal do Porto, e os presidentes do Grémio da Imprensa Regional e da Emissora Nacional, representante do Grémio da Imprensa Diária e da Comissão Distrital da União Nacional, o director dos Serviços de Informação do S. N. I. e um delegado do Sindicato Nacional dos Jornalistas.

Abriu a sessão o rev. cónego dr. Galamba de Oliveira, presidente do Grémio Nacional da Imprensa Regional, que se referiu aos objectivos do encontro e a algumas aspirações dos jornais não diários, depois do que foi concedida a palavra ao sr. Pedro Correia Marques, director do nosso prezado colega «A Voz», que fez uma palestra sobre a missão da Imprensa.

Fala Pedro Correia Marques

O sr. Pedro Correia Marques, depois de recordar as origens da Imprensa, disse que ela em Portugal nasceu para cumprir uma nobre missão: serv ção, ameaça cia diplomát dos Austria

Referiu-se Imprensa na nas e ás re cabem, por miu como o da opinião

— Ela é v to Poder do prensa é pr ra, mas tar ao modo de

Citou, enti de Jan Zara tigo do «A mente quant o jornalism una manera ra republica decidir que un perro».

Mais adia sobre as r prensa, dos quais recom dade, como lista; depois cessos de in ainda a cor de cuja opin que se faz honesto.

A mis e a fu

Definindo disse Correi

— Certam um historia trabalhar i acontecimen po para ap nem para p cias. Anos e bal do que dentro da e mo, necessá desejo da v de tratar do pessoas. Os tam-se hoj jornalista e

— E citou, a suiço Eduar os jornais t a gente não

Referiu-se Voz», de ma sa regional, á região, ma cios e dec quem a diri

— Nessa l tratam assu transcendên só as autor poder centra acompanhar nais foram e em alguns critores. E regional tem estampa os nosso tempo

Acentuou e o papel i sa na vida mo exempl greve dos d res de jorn privar a gra oito milhões prensa diári tacionar gra tores quas frequência d quase a zer dway com curso; os cin tica necessi os grandes clientela red mante. Acre

— E viu-s ás vezes se espectáculos sem deles q

A termina também jorn gional, pois em três diá gularmente prensa Regi

O discu

Encerrou Rodrigues,

— Quando lado impor, Chefe do E Ordem do aos represe entre eles vosso Grém

(Contin

...erno estuda

...providências destinadas
...r os meios de informação
...o dr. Paulo Rodrigues
...da reunião da Imprensa regional

...ou-se esta
...a Associa-
...lomens de
...ral do 2.º
...egional do

...ulo Rodri-
...Estado da
...entes o sr.
...a, secretá-
...ção, e ele-
...es de jor-
...nte e ilhas
...honra, to-
...osecretário
...o nacional
...ador civil
...ra Munici-
...identes do
...ional e da
...esentantes
...Diária e
...União Na-
...erviços de
...e um dele-
...al dos Jor-

...cónego dr.
...sidente do
...prensa Re-
...os objecti-
...umas aspi-
...diários, de-
...a palavra
...arques, di-
...colega «A
...stra sobre

...Marques
...arques, de-
...ns da Im-
...n Portugal
...uma nobre

...iva
...uesa
...l
...lico
...as conclu-
...melhor co-
...Canal de
...ção econó-
...costa se
...e na qual
...vivem do

...navio
...Província
...u-se, em
...erial ocea-
...equipado
...Almirante
...da, desde
...s de Mo-
...navio exe-
...ntegrados
...ional ao
...com a du-
...neiro terá
...gundo em

...gina)

...os.
...segue-se
...RIA
...57

missão: servir a causa da Restauração, ameaçada pela enorme influência diplomática e pelo poder militar dos Austrias.

Referiu-se depois á influência da Imprensa na vida das nações modernas e ás responsabilidades que lhe cabem, por via do poder que assumiu como condutora e informadora da opinião publica. E afirmou:

— Ela é verdadeiramente o Quarto Poder do Estado. A grande Imprensa é principalmente informadora, mas também vai muito quanto ao modo de informar.

Citou, então, o jornalista a opinião de Jan Zaraguera expressa num artigo do «ABC» de Madrid, precisamente quanto á maneira de praticar o jornalismo de informação: — «Hay una manera monarquica, una manera republicana, outra anarquista de decidir que un automovil ha matado un perro».

Mais adiante, evocou as opiniões sobre as responsabilidades da Imprensa, dos três ultimos pontífices, os quais recomendam fidelidade á verdade, como dever primeiro do jornalista; depois a honestidade nos processos de investigador e comentar; e ainda a correcção com o adversário, de cuja opinião é lícito divergir, mas que se faz míster considerar também honesto.

A missão da Imprensa e a função do jornalista

Definindo a função jornalística, disse Correia Marques:

— Certamente o jornalista não é um historiador. A sua profissão é trabalhar imediatamente sobre o acontecimento ainda vivo, sem tempo para aprofundar as suas origens nem para prever as suas consequências. Anos exige a compreensão cabal do que ocorre no Mundo. Mas, dentro da efemeridade do jornalismo, necessário é que prevaleçam o desejo da verdade e a honestidade de tratar dos casos, das coisas e das pessoas. Os acontecimentos precipitam-se hoje em catadupa sobre o jornalista e mal lhe dão tempo para os compreender.

E citou, a propósito, a opinião do suiço Eduardo Rod: — «Depois que os jornais trazem tantas notícias já a gente não sabe o que se passa».

Referiu-se, depois, o director de «A Voz», de maneira especial á Imprensa regional, aos seus serviços não só á região, mas ao País; e aos sacrifícios e dedicação que ela exige a quem a dirige e redige.

— Nessa Imprensa — disse — se tratam assuntos e problemas de tal transcendência por vezes, que não só as autoridades regionais, mas o poder central a têm de reconhecer e acompanhar. Alguns jornais regionais foram grandes orgãos políticos e em alguns escreverem grandes escritores. E ainda hoje a Imprensa regional tem a firmar os artigos que estampa os maiores jornalistas do nosso tempo.

Acentuou o orador a importancia e o papel indispensável da Imprensa na vida moderna e lembrou, como exemplo, que uma prolongada greve dos distribuidores e vendedores de jornais de Nova Yorok, ao privar a grande cosmopole dos seus oito milhões de exemplares da Imprensa diária, fez imediatamente estacionar grande parte da sua vida: actores quase sem trabalho, por a frequência dos teatros haver descido quase a zero, vieram para a Broadway com cartazes das peças em curso; os cinemas viram-se em idêntica necessidade; os restaurantes e os grandes armazéns viram a sua clientela reduzida de maneira alarmante. Acrescentou:

— E viu-se não ser verdade o que ás vezes se diz: — o publico iria aos espectáculos quer os jornais falassem deles quer não.

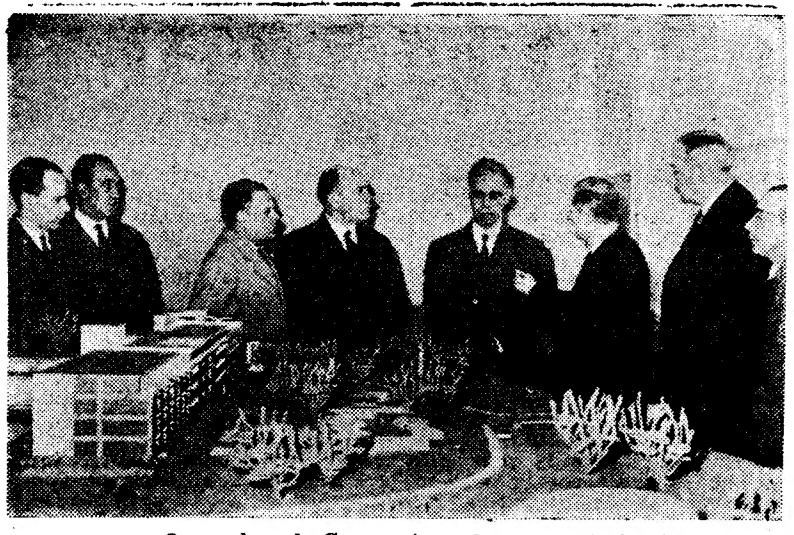
A terminar, disse que se considera também jornalista da Imprensa Regional, pois se escreve regularmente em três diários, também o faz regularmente em quatro órgãos da Imprensa Regional.

O discurso do dr. Paulo Rodrigues

Encerrou a sessão o sr. dr. Paulo Rodrigues, que começou por dizer:

— Quando, há um ano, me foi dado impor, em nome do venerando Chefe do Estado, as insígnias da Ordem do Infante D. Henrique aos representantes da Imprensa e, entre eles ao ilustre presidente do vosso Grémio, evocou o jornalista

(Continua na 16.ª página)



Os membros do Governo junto da maqueta do hospital

O Centro de Medicina Física
e de Reabilitação em Alcoitão
deve ficar concluído no fim deste ano
— foi assegurado aos ministros que o visitaram hoje

Foi em 1960 que a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, e por iniciativa do então provedor, dr. Melo e Castro, pôs em execução o projecto de uma obra única no nosso País. Trata-se de um empreendimento de grande envergadura e de enorme alcance humano e social, planeado e executado em dimensões modelares nos seus múltiplos aspectos, considerado já como um dos melhores no seu género em todo o Mundo. É o Centro de Medicina Física e de Reabilitação, cujos edifícios se encontram na ultima fase de acabamentos e apetrechamento.

Também a sua localização, em Alcoitão, parece ser ideal, num alto que domina a parte baixa de Cascais e proporciona uma sedativa visão panorâmica até à serra de Sintra e pradarias circunvizinhas, um factor importante considerando os internados a que tal Centro se destina.

A fim de apreciar o andamento dos trabalhos e pormenores de instalações, deslocaram-se hoje ali os ministros das Obras Publicas e da Saúde, que foram acompanhados na visita ao moderno conjunto hospitalar pelos srs.: drs. Lino Neto e Dinis da Fonseca, respectivamente provedor e provedor-adjunto da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; dr. Santana Carlos, futuro director-clínico do Centro; arq. Formosinho Santos, autor do projecto. Estavam também presentes os membros das comissões de obras e instaladora, criadas pela Misericórdia de acordo com o Ministério das Obras Públicas: eng.º Ferreira da Cunha, Mário Reis, Pereira Gomes, dr. Jorge Santos e dr.ª D. Adelina Colaço, além de técnicos dos Ministérios das Obras Públicas e da Saúde.

Os ministros iniciaram a visita pela sala onde se encontram patentes uma magnifica e elucidativa maqueta da autoria do artista plástico Sérgio Guimarães e as várias plantas dos blocos do Centro.

Estes ocupam uma área coberta de cerca de 12 mil metros quadrados num espaço de 20 000, que proporciona recintos de recreio, parques de estacionamento, ajardinados e logradouros, etc.

O edifício central, destinado a enfermarias, possui quatro pisos e os restantes um apenas. Todo o conjunto compreende um total de 30 000 metros quadrados de pavimentos, o que dá uma ideia bastante aproximada da grandeza da obra.

A obra custa 85 mil contos

O Centro de Medicina Física e de Reabilitação foi projectado e está a ser realizado segundo as mais modernas técnicas hospitalares, tanto no que se refere ao planeamento das instalações e funcionamento, como aos materiais de equipamento para a recuperação física e a reabilitação social e laborial dos estropiados ou inferiorizados físicos e morais, aos quais se irão proporcionar os meios necessários para uma actividade profissional coerente com as suas possibilidades de recuperação.

A obra importará em 85 000 contos, tendo-se gasto, até este momento, 65 000, dinheiros fornecidos pela Misericórdia de Lisboa. Actualmente, irá dispor esta instituição de mais 20 000 contos, de forma a que o Centro fique concluido em Dezembro do ano corrente e possa entrar ao serviço em Janeiro de 1965. Uma vez que a Misericórdia não pode dispor, neste momento, de tal verba, entendeu o sr. eng. Arantes e Oliveira conseguir-se o que falta, ràpidamente, tendo em vista a conclusão da obra no fim deste ano e a entrada em serviço em Janeiro próximo.

O Centro, com toda a parte de construção civil já acabada, possui blocos para os serviços necessários: administração, diagnóstico e terapêutica, centro respiratório, internamento, instalações para os médicos residentes, secção de ensino clínico e de enfermagem especializada, sala de festas, capela, serviços gerais e edifício para o pessoal. A manutenção do Centro será suportada, depois, com os dinheiros correspondentes do Totobola. Ficará dotado com 250 camas, prevendo-se que comece a funcionar, em Janeiro próximo, com 100 leitos.

Serão ali ministrados os mais modernos métodos de reabilitação física, à semelhança do que se faz nos melhores centros do género nos Estados Unidos e na Alemanha Ocidental.

Nesse sentido, a Misericórdia concedeu bolsas de estudos a 12 enfermeiras que estiveram a especializar-se nessas clínicas e que, por sua vez, instituiram já cursos semelhantes em Lisboa. O Centro terá, também, uma escola de formação de alunos de enfermagem da

(Continua na 16.ª página)

TARKETT

SEMPRE PRESENTE!

AGORA NO MAIOR CONCURSO REALIZADO EM PORTUGAL

cerca de 9.000 m2 para a obra do

CENTRO DE MEDICINA FÍSICA E DE REABILITAÇÃO

DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

EM ALCOITÃO

CONSULTE:

«SOPAL»
RUA IVENS, 58-64
LISBOA
TELEFS. 37 01 66 - 7 - 8

«NORDICAL»
RUA JÚLIO DINIZ, 915
PORTO
TEL. 6 59 00

O quinto centenário
da cidade de Bragança
evocado pelo dr. Gonçalves Rapazote na sessão de hoje da Assembleia Nacional

Continuaram esta tarde, sob a presidência do sr. prof. Mário de Figueiredo, secretariado pelos srs. drs. Cid Proença e Folhadela de Oliveira, os trabalhos da Assembleia Nacional, que está a discutir um aviso-prévio sobre a crise agrícola nacional, apresentado pelo sr. eng.º Amaral Neto.

No período de antes da ordem do dia, começou por falar o sr. dr. Gonçalves Rapazote que se referiu ao quinto centenário da cidade de Bragança, lembrando que faz hoje precisamente cinco séculos sobre a data em que foi lavrada e expedida a Carta de Foro, pela qual D Afonso V concedeu «a seu muito amado e prezado primo, D. Fernando, que a sua vila de Bragança se chamasse cidade, com todos os privilégios e liberdades das cidades de seus reinos». E acrescentou:

— Vale a pena meditar nesta Carta de Foro passada em Ceuta por D Afonso V. Recolhiamos, então, abundantemente, os frutos sazonados da herança germânica, na pujança das nossas instituições políticas de quinhentos. Os séculos passam e encontramos hoje lamentàvelmente abastardado o verdadeiro sentido da aristocracia e muito esquecida a essência do fenómeno da aristocracia que é o fulcro de toda a constituição política medieva. Dizem os estudiosos que os gregos, os romanos e os germanos, foram os povos que mais contribuiram para a formação do Ocidente. Porém, enquanto a Grécia e Roma se consumiram sem deixar uma constituição política duradoira, a lição dos povos germânicos «incomparávelmente superior», sobreviveu ao período propriamente germânico da história europeia e permitiu transformar os reinos bárbaros nos Estados que ainda hoje existem, fundando, «uma ordem política de quinze séculos».

O sr. dr. Gonçalves Rapazote evocou depois, em termos entusiásticos, a personalidade de D. Fernando, segundo duque de Bragança, e fez vários apontamentos sobre a história daquela cidade trasmontana, dizendo:

— Velho castro céltico ou luso-romano, cresceu como igreja cristã de Astorga e de Braga nos tempos dos godos e sob os reis de Leão. Nos alvores da nacionalidade, Fernão Mendes, o bragancão, casa com a infanta D. Sancha, filha legítima do conde D. Henrique e parece que por via desse casamento, aquelas terras vêm á coroa de D. Afonso Henriques. Logo D. Sancho I corre em pessoa, a defendê-la do cerco leonês e, no foral de 1187, a trata como cidade, concedendo aos seus moradores grandes e extensos privilégios. Entre eles há um, nesse primeiro foral de 1187, que Herculano registou e todos nós, os que ali nascemos e crescemos, nunca poderemos esquecer: ...—Que «os varões da vossa cidade sirvam a quem quiserem — a el-rei, ao conde ou aos infanções». Por mim escolhi o rei.

Depois de descrever os principais factos históricos de Bragança, através dos tempos, o sr. dr. Gonçalves Rapazote aludiu ás grandezas da cidade e ao seu desenvolvimentao, terminou assim a sua intervenção:

— Homens livres, podendo servir o rei, ou conde ou os infanções, desde o século XII havemos de constituir uma comunidade integrada eficiente. A linha de força da nossa organização social tem de ser retomada. Voltamos a guarnecer as praças de Africa. Ali, a pé firme, dias e noites seguidos, os soldados e os chefes, restauram, olhos nos olhos, o verdadeiro sentido de servir, as virtudes tradicionais da confiança, da obediência, da lealdade da coragem, e só com essas virtudes seremos capazes de construir o futuro.

A crise da agricultura

Antes da ordem do dia, devem falar ainda os srs. dr. Carlos Coelho, de Castelo Branco, sobre a situação criada por recente portaria aos contabilistas de todo o País, e eng. Fernando Frade, que se ocupará de problemas da província ultramarina de Moçambique,

Estão inscritos para intervir no debate da crise rda agricultura os srs dr. Águedo de Oliveira, conselheiro Armando Candido e drs. Moura Ramos, Pinto de Mesquita, Martins da Cruz e Ernesto de Lacerda.

Reunir-se-á também ainda hoje, sob a presidência do sr. dr. Ulisses Cortês, para apreciar assuntos relacionados com o aviso-prévio em debate, a Comissão Parlamentar de Economia.

Comemorações do V Centenário de Bragança

BRAGANÇA, 20.—Passa hoje o V Centenário de Bragança, estando o programa das comemorações — que há dias publicámos — a ser rigorosamente cumprido.

Os estabelecimentos de ensino e as repartições públicas encerraram as suas portas às 14 horas, para que os estudantes e funcionários possam assistir aos festejos. Na sessão solene dos Paços do Concelho, o presidente do Município anunciará a próxima construção de um liceu masculino, cuja falta há muito se faz sentir.

VIDA SOCIAL

PIERRE DE MEESTER DE RAVESTEIN

No ambiente acolhedor que caracteriza a elegante residência do embaixador da Bélgica, o sr. dr. Louis A. Goffin e sua esposa receberam ontem numerosas individualidades da nossa vida cultural e económica para apresentação das despedidas do sr. Pierre de Meester de Ravestein, ao abandonar as funções de conselheiro junto da representação do seu país em Lisboa, que há anos exerce com particular inteligência e bom senso.

A recepção, que foi muito concorrida, constituiu mais um testemunho da simpatia que granjearam entre nós o sr. Pierre de Ravestein e sua esposa e permitiu também evidenciar o prestígio de que gozam entre nós os novos embaixadores da Bélgica, que souberam cumular os seus convidados de atenções que são já tradição naquela casa.

JÓIAS
ANTIGAS E MODERNAS
Compra, cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef 324564

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Dr. Castanheira Lobo

Dr. Castanheira Lobo

Na sua residência, Rua Chaby Pinheiro, 9, r/c., faleceu hoje, às primeiras horas da manhã, o sr. dr. Duarte Furtado Castanheira Lobo, conhecido advogado e figura de relevo na política republicana, como democrata de profundas convicções que vinham já dos tempos da mocidade e se fortaleceram numa vida de lutas e sacrifícios com largos períodos de cativeiro. Foi intensa e constante a actividade desenvolvida ao serviço dos ideais que pautaram a sua existência; e. no foro, em que adquiriu nomeada, tiveram especial relevo as suas intervenções, a par de outras causas importantes, em muitos julgamentos políticos. Em 1931, foi chefe da repartição de justiça do Gabinete do general Sousa Dias, na Madeira.

Pertenceu em Coimbra, em cuja Universidade concluiu o curso de Direito, a uma geração que deu ao País valores proeminentes, das mais nobres e dignas figuras da Democracia, e aí tomou rumo imposto por esse ideário ao qual se manteve fiel e extremamente dedicado. Nesses tempos de estudante, abrasado no ideal, adquiriu notoriedade, impondo uma personalidade de robusta inteligência e brilhante espírito, além de acentuado pendor artístico.

Director do Grupo Dramático da Tuna Académica de Coimbra, com este organismo e naquela qualidade, visitou, em 1925, o Brasil, onde tiveram êxito notável as conferências que fez no Rio de Janeiro, em São Paulo, Pernambuco e noutras cidades.

Êxitos expressivos obteve-os, também, Castanheira Lobo, como amador dramático que chegou a contracenar com Alves da Cunha e outras grandes figuras da cena portuguesa.

Deixa larga e valiosa colaboração na Imprensa do Continente e dos Açores, com particular relevo na revista «Vida Contemporânea», dirigida pelo sr. eng. Cunha Leal, seu grande amigo.

O dr. Castanheira Lobo, que contava 64 anos e era natural da ilha de São Miguel (Açores), estava doente há tempo, mas a violenta comoção provocada pelas notícias da angustiosa situação naquele arquipélago originou-lhe aguda crise cardíaca à qual sucumbiu.

Deixa viúva, a sr.ª D. Maria das Neves Rodrigues Castanheira Lobo e era pai do sr. Duarte Manuel Castanheira Lobo, casado com a sr.ª D. Maria Helena Rodrigues Ramos Castanheira Lobo.

O funeral sai amanhã, às 12 horas, da morada referida para o cemitério do Alto de São João, onde o ataúde será, depois, trasladado para o jazigo da família Cunha Leal.

Coronel Norberto Ferreira Guimarães

Com a morte do coronel Norberto Guimarães, ocorrida hoje no Hospital Militar Principal do Porto, desaparece uma destas figuras dos primeiros cavaleiros do ar do Exército português, daqueles que a França foram treinar-se na nova arma de guerra, quando a avição para muitos era ainda uma simples aventura.

Norberto Ferreira Guimarães nascera em 27 de Outubro de 1883, na freguesia de Santo Ildefonso, na cidade do Porto. Teve uma carreira militar sobremodo brilhante e mal rebentara a primeira guerra mundial foi dos oficiais que seguiu com a arma de Artilharia a que pertencia para o Sul de Angola onde se bateu na guerra do deserto, nessas expedições que deixaram em todos que nelas participaram um travo de secura e de valentia.

Quando Portugal entrou na guerra Norberto Guimarães foi dos primeiros que o ministro Norton de Matos enviou para França tirar o seu «brevet» de aviador para se bater depois na frente de batalha. Tirara o seu «brevet» em Tours em 17 de Outubro de 1917, quando ia completar 33 anos. O «brevet» tirara-o em avião «Caudron G 3», aperfeiçoando-se depois em «Caudron G 4», em Chateouroux. Tirou ainda o curso de piloto-metralhador na escola de combate e depois participou em acções de guerra na Flandres, numa altura em que essas acções eram mais individuais do que de organização colectiva. Foi Norberto Guimarães o 1.º comandante da Esquadrilha do C. E. P. e foi ele que organizou os serviços da Aviação.

Acompanhou naturalmente os altos e baixos do C. E. P. e mandado recolher a Lisboa, depois do 5 de Dezembro. Norberto Guimarães trazia a saudade do ar. Entrou então naquela escola de experiências que foi o campo de Vila Nova da Rainha. E com um avião «Newport» realizou o voo a Viana do Castelo, onde o avião se despedaçou.

Depois foi ascendendo nos postos militares e foi adido militar em Paris. Promovido a coronel em 30 de Setembro de 1929, a sua carreira militar ficou comprometida desde então. Passaria á reforma em 1935.

Em Março de 1932, acusado de deserção, Norberto Guimarães era julgado no segundo Tribunal Militar de Santa Clara. Dizia o libelo que ele se ausentara, sem licença, da Madeira, onde estava com residência fixada, por motivos políticos. Viera a Lisboa ver sua mãe gravemente enferma e disse-o francamente. Apresentara-se logo que lhe fora possível. Defendido pelo coronel Maia Magalhães, foi absolvido por unanimidade.

O coronel Norberto Guimarães vivia ultimamente em Caldas de Vizela e em Caminha, afastado de toda a actividade política, mas a sua figura aprumada impunha-se, onde quer que aparecesse.

Há tempo recolhera ao Hospital Militar do Porto, onde hoje morreu. Era casado com a sr.ª D. Clémence Helen Dutour Guimarães e pai do eng. René Guimarães, morador no Porto, e eng. João Guimarães, presentemente em África.

O funeral do distinto militar, figura de republicano indefectível, realiza-se amanhã, ás 14 e 30, para o cemitério do Prado do Repouso.

SUFRAGIOS

Jacinta Marta

Na capela privativa do Hospital de D. Estefania, o sr. arcebispo de Mitilene celebrou hoje missa de sufrágio por alma de Jacinta Marta, uma das videntes de Fátima, falecida há 44 anos naquele estabelecimento hospitalar onde se encontrava internada.

R. I. P.

MARIANA AUGUSTA RODRIGUES CORREIA

FALECEU

M. CORREIA HERDEIROS, participa a todos os seus Clientes e Amigos o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da Igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto S. João.

AGÊNCIA MEGA

R. I. P.

MARIANA AUGUSTA RODRIGUES CORREIA

FALECEU

O PESSOAL DA CASA M. CORREIA HERDEIROS participa a todos os seus Clientes e Amigos o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da Igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto S. João.

AGÊNCIA MEGA

O PORTO PELO TELEFONE

(Continuação da página central)

Morais de Carvalho a estima e a amizade que, pela vida fora, sempre pude manter com os jornalistas. É-me particularmente grato presidir a este encontro em que foram oradores dois bons amigos meus: o cónego Galamba de Oliveira, grande figura do meu distrito natal, a quem desde sempre me habituei a admirar e a estimar; e Pedro Correia Marques, mestre de jornalismo de nós todos — com que saudade eu recordo os tempos em que fui discípulo interessado do seu curso de jornalismo na «Acção» —, e a quem o País não prestou, ainda, a homenagem que deve a uma vida inteira posta, dia a dia, ao serviço da causa nacional.

Acrescentou o orador:

— À alegria, pois, de estar convosco acresce hoje a emoção de nos reunirmos nesta alta e nobre cidade do Porto onde o curso dos séculos sempre fez mais viva e actuante a generosa doação dos que nascendo ou vivendo dentro dos seus muros, servem aquém do Douro ou além do Mar a causa invencível de uma Pátria una — de uma Pátria cuja unidade muitos no Mundo não entendem e que, precisamente, se forja na diversidade geográfica e demográfica da Nação portuguesa em cada uma das regiões que a constituem. Do transcendente relevo que essa diversidade adquire na própria formulação da unidade nacional decorre o carácter essencial da mesma valorização regional. Só pelo desenvolvimento dos valores específicos da cada região e das suas características válidas é possível fortalecer e sustentar a unidade em que todas se integram.

Disse depois o sr. subsecretário de Estado da Presidência do Conselho:

— A Imprensa Regional é, seguramente, uma das mais eficazes e puras fórmulas de valorização de que as terras de Portugal dispõem ao serviço do seu progresso e, por ele, ao serviço do País. Ao falar, aqui, de valorização regional, quisera repetir o que recentemente pude dizer sobre a enorme importancia de que o Porto e as praias do Norte revestem na batalha, em que estamos empenhados, do fomento turístico português. Ao equipamento turístico, já considerável, desta região tão rica em atractivos, tem de suscitar-se utilização económicamente viável mediante o reforço adequado das ligações com os mercados turísticos de origem e o fomento dos motivos de interesse que alonguem a estação estival. Neste sentido se anunciaram já iniciativas que precisamente decorrem nesta zona e eu peço licença aos senhores delegados da Imprensa regional para, aproveitando o seu encontro, dizer ao Porto o interesse com que deste pedaço da terra portuguesa — a que se quer como árvore ás raízes — nos ocupamos, sempre, os responsáveis do turismo português, e a segura confiança que temos em que generosamente hão-de corresponder-lhe quantos, nas actividades publicas ou privadas, tenham encargo ou possibilidade de fazê-lo.

Desenvolvimento dos meios de informação e valorização profissional

Prosseguindo o sr. Paulo Rodrigues afirmou:

— O desenvolvimento dos meios de informação a valorização profissional de quantos os servem constituem neste momento preocupação do Governo e são objecto de providências em estudo. A minha presença aqui é testemunho do apreço do senhor Presidente do Conselho pela Imprensa: por quantos, tantas vezes desacompanhados de poderosos meios materiais, mantêm vivo o espírito, o rumo idêntico de toda a informação que é servir a verdade.

«Servir a verdade — acrescentou — em ordem ao bem comum nacional, é o grande dever — a missão irrecusável — de quantos guarnecem a frente de combate que também tem de ser, nesta hora da Pátria, a Imprensa portuguesa. É característica essencial da guerra subversiva que hoje se move contra Portugal a promoção de campanhas de opinião tendentes a negar, mesmo contra a verdade evidente, a nossa clara razão e, contra toda a justiça, o firme direito por que nos batemos. Por isso os que têm por missão informar e esclarecer são, também soldados da causa portuguesa: com a honra de guarnecerem postos de combate e a correspondente responsabilidade de não traírem».

E a terminar:

— Não sei se alguns haverão por demasiado duras estas palavras; mas sei tudo muito bem que vale a pena viver de pé estes tempos de luta: para merecermos vencer. Quem, como eu, todos os dias é testemunha da intangível firmeza do homem que personifica a nossa resistência — não tem nenhuma duvida que venceremos.

A Camara Municipal ofereceu, depois um almoço aos participantes no Encontro, os quais, de tarde, apresentaram cumprimentos ás autoridades superiores do distrito.

A primeira sessão de trabalhos iniciou-se ás 15 e 30. O vasto salão encontrava-se decorado com exemplares de jornais, de toda a Imprensa regional.

Assalto a uma estação dos correios

Nos baixos do prédio n.º 38, na Rua da Boavista, estão instalados os serviços de uma estação urbana dos C.T.T. que na madrugada finda foi assaltada por desconhecidos. O sr. Ernesto Campos Martins, que hobita o 1.º andar daquele prédio, apressou-se a comunicar o sucedido á P. S. P. Assim para o local dirigiram-se diversos polícias, que cercaram o edifício. Contudo, os assaltantes haviam já retirado. Entretanto no quintal das traseiras da casa, encontrava-se uma encomenda, proveniente de São João da Madeira, contendo um par de sapatos e que ali foi abandonada pelos gatunos. Verificou-se ainda, que uma das janelas daquela estação, tinha um vidro partido, e que serviu para que os assaltantes se introduzissem no interior.

Mais tarde, o chefe dos Serviços de Exploração dos C.T.T., sr. Mário Joaquim Domigues, constatou que os larápios haviam remexido várias gavetas da estação. O caso foi comunicado á Polícia Judiciária.

A cidade vai homenagear o empresário Rocha Brito

Na ultima sessão camarária foi proposto pelo vereador Abrantes Jorge, que pela Câmara Municipal, seja homenageado o conhecido comerciante desta cidade, e dinâmico empresário teatral sr. Arnaldo Moreira da Rocha Brito.

A proposta, como não podia deixar de ser, mereceu a aprovação da vereação, e até da cidade em geral, que muito considera aquele empresário.

Espectáculos de amanhã

AGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Elas são o espectuculo» (17 anos).
TEATRO DE BOLSO — Às 21 e 45: «Farsa de mestre Pathelin» (12 anos).
RIVOLI — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «O Rocambole» (12 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Cleópatra» (17 anos).
SA DA BANDEIRA — Ás 21 e 30: A comédia «O Gato» (17 anos.
S. JOÃO — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «Pijama para dois» (17 anos).
BATALHA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «O assassino de Nice» (17 anos).
TRINDADE — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «Um homem em fuga» (17 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30 e ás 21 e 30: «Poder diabólico» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15 e 15 e ás 21 e 15: «Carbone e os seus bandidos» (17 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Apartamento» (17 anos).
VALFORMOSO — Às 21 e 30: «Sepultado vivo» (17 anos).

Diário da Outra Banda

Cinemas

ALMADA — *Incrível* — A's 21: «A vingança de Hércules» e «Revolta dos renegados» (12 anos). — *Academia*—A's 21: «Salvatore Giuliano» (17 anos).

BARREIRO — *Ginásio* — A's 21: «Um noivo na América» e «O gladiador invencível» (12 anos).

TRAFARIA — *Pavilhão Jardim* — A's 21: «A esperança nunca morre» e «Um roubo na cidade» (17 anos).

COVA DA PIEDADE — *Clube Recreativo* — A's 21: «O apaixonado» (12 anos). — *União Artística* — A's 21: «O homem e o seu destino» e «Rato que ruge» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE—*Gameiro* — L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100).

ALMADA — *Algarve* — Rua Fernão Lopes, 1 (Tel. 270271).

BARREIRO — *Central* — Aven. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2273212).

COVA DA PIEDADE — *Rainha Santa* — Estrada das Barrocas, 50-A

MOITA — *Silva Rocha* — Praça da Republica, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO — *Higiene* — R. José Joaquim Marques, 142 (T. 230370).

SESIMBRA — *Leão* — Avenida Salazar (Tel. 229025).

SETUBAL — *Higiene* — R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408); *Portugal* — R. Camilo Castelo Branco (Tel. 23211).

ALHOS VEDROS — *Gusmão* — R. Candido dos Reis, 30 (Telefone 224020).

SEIXAL — *Godinho* — Largo da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

R. I. P.

Mariana Augusta Rodrigues Correia

FALECEU

Francisco da Costa Correia, Ema Henriques Correia, Renato Henriques Correia, Ema Maria Henriques Correia, Maria Gertrudes Correia Gonzaga da Silva, Mariana Correia Gonzaga da Silva Esteves, Carlos Bessa Esteves e filhas, Manuel Luiz Correia Gonzaga da Silva, Rosa Pires Dias Gonzaga da Silva e filho, António Correia, Matilde Fernandes Prata Correia, Francisco Manuel Prata Correia e mais familia cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito querida e extremosa mãe, sogra, avó, bisavó e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Igreja S. João de Deus para o cemitério do Alto S. João.

AGÊNCIA MEGA

A CIDADE

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma nota do Banco de Portugal; um crucifixo de ouro; um conjunto de cama; uma bolsa de prata com dinheiro; mala de mão de senhora; uma nota do Banco de Portugal; mala de mão com óculos e chaves, um isqueiro; uma camisola de malha de lã; um casaco de malha; uma chapa de inscrição de automóvel CE-67-63; uma jante de roda de automóvel; um piso de pneu; um tampão de roda de automóvel; um tampão de depósito de gasolina, um vidro de janela de veículo ligeiro; luvas desirmanadas; um porta-chaves com chaves; e diversas argolas com chaves.

Linha de SINTRA

JARDIM DA AMADORA

A Câmara Municipal de Oeiras, apreciou e discutiu o problema resultante da posse dos terrenos onde se encontram as instalações sanitárias do Jardim Delfim Guimarães, na Amadora.

Apreciados todos os antecedentes de um problema que se mantinha pendente há cerca de vinte anos, a Câmara entendeu que não tinha sido dada àqueles terrenos a utilização para que em devido tempo se tinha processado a sua expropriação. Foi deliberado dar inteira razão aos antigos proprietários, revertendo aqueles terrenos em seu favor.

A Câmara regozijou-se por se ter finalmente resolvido um caso que, pela injustiça de que se revestia para os seus proprietários, constituía para a vereação uma preocupação constante.

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — A's 21 e 15: «A casta Suzana» (17 anos).

QUELUZ — *Queluz-Cine* — A's 21 e 15: «A maldita, o gato e a morte» (17 anos).

MEM MARTINS — *Cine-Chabu* — A's 21 e 30: «Sangue na arena» (17 anos).

SINTRA — *Cine-Teatro* — A's 21 e 30: «O tropel dos vingadores» (17 anos).

ODIVELAS — *Cine-Teatro* — As 21 e 30: «Idílio em Setembro» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Campos* — Rua Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); *Clabel* — R. António Sardinha, lote 5, loja B (Tel. 931551).

DAMAIA — *Confiança* — Estrada Militar, lote D (Tel. 934023).

QUELUZ — *Gil* — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); *Simões Lopes* — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

CACÉM — *Central* — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 294034).

MEM MARTINS — *Química* — Estrada de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).

SINTRA — *Marrazes* — Largo Rainha D. Amélia, 20 — Vila (Telef. 980155).

COLARES — *Colares* — Abreja (Tel. 299088).

PENHORES
AMADORA
P. da Igreja, 13-A

FIAT PORTUGUESA

S. A. R. L.

Convoco a assembleia geral ordinária desta Sociedade a reunir-se no dia 30 de Março de 1964, pelas 15 horas, na sua sede social, Avenida Eng.° Duarte Pacheco, n.° 15, em Lisboa, para os fins seguintes:

1.° — Discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas do ano de 1963, e parecer do Conselho Fiscal;

2.° — Eleger os membros para a assembleia geral, e os Conselhos de Administração e Fiscal;

3.° — Aprovar as remunerações dos membros dos Conselhos de Administração e Fiscal, no ano de 1963.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1964.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

DR. ANTÓNIO DE BARROS

SOMAVE

SOCIEDADE DE MONTAGEM DE AUTOMÓVEIS DE VENDAS NOVAS — S. A. R. L.

Convoco a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade, a reunir-se no dia 30 de Março de 1964, pelas 15,30 horas, na Avenida Eng. Duarte Pacheco, n.° 15, em Lisboa, para os fins de:

Discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas do ano de 1963, e Parecer do Conselho Fiscal; e o mais contido no n.° 2.° do art.° 10.° do Pacto Social.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1964.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

DR. ANTÓNIO DE BARROS

A Marinha portuguesa na expedição ao Índico

(Continuaçao da página central)

Setembro, seguindo ambos percursos num total de 7200 milhas de navegação. Em cada cruzeiro serão ocupadas 44 estações oceanográficas, 8 estações de correntes e marés, e estações batitermográficas de duas em duas horas. Far-se-á a observação e o envio de elementos sobre o tempo em estreita colaboração com o Serviço Meteorológico de Moçambique.

Nas estações oceanográficas, em que o navio paira entre 4 e 6 horas, haverá multiplas operações a executar: colheita de amostras e registo de temperaturas da água ás várias profundidades, estabelecidas para todos os navios da expedição e escalonadas entre a superfície e o fundo do mar, que, em certos pontos, ultrapassa os 3500 metros; colheita de amostras de *plancton* entre a superfície e os 200 metros; recolha de amostras do fundo; etc.

Entre as estações oceanográficas, utilizando os sondadores ultra-sonoros do navio, registar-se-á de forma contínua o relevo submarino, a fim de se completar a carta batimétrica do canal; far-se-ão, também, certas análises químicas da água das amostras recolhidas, que não possam aguardar o envio para laboratórios em terra (oxigénio dissolvido, etc.).

Nas estações de marés e correntes, ao largo da costa, estacionar-se-á pelo menos 24 horas, a fim de completar neste pormenor os elementos observados na costa e nos portos de Moçambique pela Missão Hidrográfica ao longo de 36 anos de actividade.

Sempre que possível e oportuno, far-se-ão observações visuais dos fenómenos de turbulência, coloração das águas, bioluminescência, acumulação de *plancton*, mortalidade de peixe, frequência de aves marinhas, material á deriva, etc.

Terminado cada cruzeiro, serão analisadas em laboratórios as amostras de água do mar, de *plancton*, de sedimentos do fundo, etc.

Esta tarefa será coordenada pela Comissão Nacional Portuguesa para a Investigação Oceanográfica, cujo Secretariado funciona no Instituto Hidrográfico, o qual já assegurou a cooperação de alguns organismos especializados. Prevê-se que certos estudos e análises sejam efectuados na própria Província de Moçambique.

Na fase seguinte, os resumos das observações e das análises serão enviadas aos outros países que tomam parte na expedição, recebendo, por sua vez, o nosso País os resultados das investigações que paralelamente estão a decorrer em todo o Oceano Índico.

O Instituto Hidrográfico publicou, recentemente, a carta oceanica do Canal de Moçambique, na escala 1/2 000 000, que representa uma valiosa contribuição para o conhecimento da batimetria desta zona do índico. Está programado nos próximos anos continuar a sondagem regular da faixa costeira de Moçambique até 120 milhas ao largo, iniciada em 1961, e que cobre já uma quarta parte da área total, o que permitiu, naquele mesmo ano, a descoberta do Banco Almirante Leite, cerca de 115 milhas a Leste da entrada de Lourenço Marques.

As entidades responsáveis não descuram assim a Oceanografia, nem permitem que o País fique alheado das investigações científicas relacionadas com as águas que banham o território nacional.

O Ministério da Marinha, através do Instituto Hidrográfico, e o Ministério do Ultramar através do Governo-Geral da Província de Moçambique, estão a fornecer todos os meios para que seja valiosa a contribuição de Portugal na Expedição Internacional ao Oceano Índico.

ARTES PLÁSTICAS

Paisagens de Castela na Embaixada de Espanha

Na próxima segunda-feira será inaugurada nos salões da Embaixada de Espanha, á Rua do Salitre, uma exposição de óleos e desenhos sob o título genérico de «Paisagens de Castela». Esses motivos paisagísticos de Espanha, sobretudo da planura castelhana, em que se tem salientado o artista Mário de Oliveira, estão a despertar considerável interesse.

À inauguração deve assistir o sr. embaixador de Espanha, prof. Ibañez Martin.

Os trabalhos do artista que são apresentados na exposição foram seleccionados por Pedro Rocamora a quem se deve, também, a realização da exposição. São documentos paisagísticos, onde está vincadamente marcado esse sentimento tão profundamente humano da estética paisagística castelhana, superiormente descrita por Azorin, Unamuno, Ortega, etc., e também em ensaios de Pedro Rocamora, adido cultural á Embaixada de Espanha.

O êxito das exposições de Silva Lino e Ayres Ferreira

Na S. N. B. A. têm tido muitas centenas de visitantes as exposições dos paisagistas Silva Lino e Ayres Ferreira. A primeira ocupa as quatro salas do rés-do-chão da Sociedade; a de Ayres Ferreira encontra-se no primeiro andar.

Muitos dos quadros têm sido adquiridos por coleccionadores. As exposições continuam patentes ao publico durante os ultimos dias desta semana, encerrando só no domingo á noite.

TRIBUNAIS

Julgamento no Plenário da Boa Hora

Reuniu-se hoje o Plenário Criminal da Boa Hora, sob a presidência do sr. desembargador António de Almeida Moura, para julgar Manuel Rodrigues, de 57 anos, operário da construção civil, e sua mulher Lucrécia dos Santos Ramos, de 52 anos, ambos naturais de Almansil, Loulé, incriminados por actividades subversivas.

Segundo a cusação pública, o casal militava desde há anos no partido comunista português. O seu principal papel era o de «apoio» aos «funcionários» do partido, receber e distribuir imprensa clandestina e de arranjar casas ilegais para reuniões clandestinas. Ocultavam o seu verdadeiro nome. Ele era o «José» e ela a «Maria». O Manuel Rodrigues abandonou a sua actividade profissional em 1961, data em que marido e mulher passaram definitivamente á clandestinidade, vivendo a expensas da associação ilegal e secreta. No acto da captura, as autoridades apreenderam ao Manuel Rodrigues a quantia de 1928$00.

Figuram duas testemunhas de acusação e quatro de defesa. O sr. dr. António de Sousa tem a seu cargo a defesa oficiosa. A sentença deverá ser lida á noite.

Nova convenção colectiva de trabalho

Foi homologado, por despacho do sr. ministro das Corporações e Previdência Social, o acordo colectivo de trabalho celebrado entre a Companhia de Carvões e Cimentos do Cabo Mondego e o Sindicato Nacional dos Mineiros de Carvão do Distrito de Coimbra.

De ontem para hoje

NO REGRESSO DE ÁFRICA

Regressou há dias de África o embaixador dr. Vasco Vieira Garin, nomeado embaixador de Portugal em Washington depois de durante alguns anos ter representado o nosso País nas Nações Unidas. O dr. Vasco Garin falou do que se tem passado na O. N. U., nos ultimos anos, em relação a Portugal. Referindo-se ás conversações realizadas com os africanos em Outubro passado afirmou: «Essas conversações permitiram verificar qeu os africanos têm uma posição apriorística, preconcebida, e que querem impor-nos o seu conceito de autodeterminação. Verificou-se ainda que as acusações que nos são feitas não têm qualquer fundo de convicção, nem mesmo quando se alega constituirmos uma ameaça á paz». Disse, ainda, ser de esperar que o secretário-geral manifeste ao Conselho de Segurança a sua convicção de que não parte de nós qualquer ameaça á paz internacional, ao contrário do que alguns dizem. Falou da influência comunista no continente africano, concluindo que não é, apenas, a título de propaganda que afirmamos estarmos a defender o Ocidente. Sublinhou: «Seja como for, na parte que nos interessa, temos a obrigação moral de defender as nossas populações da crise que actualmente assola a África. Queremos e podemos defendê-las, não obstante as pressões das Nações Unidas que não se importam de lançar o continente africano no caos, desde que a liberte da presença do homem branco».

INCÊNDIO EM GARAGEM

Esta madrugada, numa garagem da Rua dos Industriais, declarou-se incêndio, que prejudicou cinco motocicletas ali recolhidas. Deu origem ao fogo um táxi estacionado junto da esquadra do Caminho Novo. Enquanto o motorista conversava com um guarda da P. S. P., ele começou a deslizar, indo embater violentamente na bomba da gasolina da referida garagem. Com a violência do choque a bomba foi arrastada e, devido a um curto circuito, a gasolina incendiou-se.

O PROBLEMA DA BATATA

Lavradores de Valpaços, Chaves, Montalegre e Boticas, acompanhados dos presidentes dos grémios da lavoura respectivos, avistaram-se ontem com o presidente da Corporação da Lavoura e da Junta Nacional das Frutas para exporem os graves problemas que provocam os excedentes da batata de consumo naquela região e pediram que sejam tomadas as medidas necessárias que permitam a normal e justa valorização da batata, a principal cultura da região.

FURGONETA QUE SE VOLTA

Ontem, ao começo da noite, uma furgoneta ia em direcção a Linda-a-Velha. A uns mil e quinhentos metros do desvio para a estrada de Sintra, o condutor sr. Joaquim dos Santos Lopes, de 24 anos, solteiro, de Penedono e morador na Parede, sentiu fugir-lhe a direcção. Percorreu uns 200 metros aos ziguezagues. Depois teve de meter travões e a furgoneta, carregada de garrafas, voltou-se. O depósito de gasolina ardeu logo. Vieram os bombeiros e o acidente, motivado por deficiência técnica, segundo parece, não teve outras consequências, além dos prejuizos materiais.

NA ÓPERA

Em S. Carlos procedeu-se ontem á noite ao ensaio geral da ópera «Joana d'Arc na Fogueira», de Honegger que hoje ali vai à cena. A esse ensaio geral assistiu o Presidente do Conselho que em S. Carlos fora recebido pelo ministro da Educação, e pelo director daquela casa de espectáculos. Depois o prof. Oliveira Salazar, acompanhado do prof. Galvão Teles e do dr. José de Figueiredo, conversou durante algum tempo com os artistas que participam na representação.

No Palácio de Belém

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs.: eng. Luís de Azevedo Coutinho, D. Beea Silvério Marques de Carvalho, Comissão Central da Queima das Fitas da Universidade do Porto, dr. Albino Borges de Pinho, presidente da agência de Lisboa da Liga dos Combatentes, e Henrique Graça, eng. José Alves, director-geral dos Serviços Florestais e Aquícolas e o comandante Inocêncio Camacho de Freitas, governador do distrito autónomo do Funchal.

Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal

(SACOR)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
CAPITAL 500 000 000$00
Sede em Lisboa, na Rua das Flores, 7

AVISO

Avisam-se os Srs. Accionistas e Obrigacionistas desta Sociedade que, para os efeitos do art.° 10.° do Decreto-Lei n.° 45 399, de 30 de Novembro de 1963, deverão comunicar-nos, até 29 de Fevereiro corrente, a sua residência ou sede, quando diferente da que consta dos nossos registos.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1964.

«HABITAÇÕES ECONÓMICAS»
FEDERAÇÃO DE CAIXAS DE PREVIDÊNCIA

ADMISSÃO DE DESENHADORES DE 3.ª CLASSE

Até ao próximo dia 5 de Março recebem-se inscrições para o concurso de provas públicas destinadas ao provimento de vagas de desenhadores de 3.ª classe, existentes no quadro técnico deste Organismo.

Os requerimentos, feitos em papel comum, deverão ser remetidos para a Sede da Federação — Av.ª Duque d'Ávila, n.° 169-5.°, em Lisboa — e devem conter o nome completo, idade, morada, habilitações literárias e indicação das entidades patronais onde tenham prestado serviço.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1964.

O Vice-Presidente
a) **Eng.° Rafael dos Santos Costa**

Uma camioneta chocou numa casa mas não houve feridos

Eram dez horas. A sr.ª D. Luísa de Jesus Pinto encontrava-se só, na sua residência, Travessa do Conde da Ribeira, 68, ao Alto de Santo Amaro. Um forte estrondo e um violento abalo estremeceram, de subito, toda a casa. — Tremor de terra?! — A locatária abriu a porta, atemorizada, para sair. Viu então que uma camioneta embatera com uma das paredes da sua residência. Era a camioneta BL 46-66, conduzida pelo sr. António da Silva Ribeiro, que ao entrar na estreita travessa não conseguiu evitar o embate. Os bombeiros escoraram a parede abalada. Felizmente, não há feridos a lamentar.

«Inválidos do Volante»

O conselho directivo dos «Inválidos do Volante» comemora, no próximo domingo, em Camarate, o 14.° aniversário da sua fundação e o 12.° da abertura dos serviços de assistência «Lar do Inválido do Volante», com uma romagem ao cemitério local, deposição de flores nas campas dos motoristas que ali repousam, almoço de confraternização, inauguração de dois quartos para casais, sessão solene e um acto de variedades.

SESSÃO CULTURAL

Depois de amanhã, ás 9 horas, na Escola Técnica Francisco de Arruda, antes de se iniciar a sessão cinematográfica da série «Ensino Visual das Ciências», narra o conto semanal o escritor Tomás Ribas.

O príncipe Constantino vai assumir a regência por doença do rei

—anuncia a Imprensa grega

ATENAS, 20.—Uma nota oficiosa dá a entender que o rei Paulo deverá provavelmente ser operado de uma úlcera no estômago, diagnosticada há anos. Como o tratamento terapêutico não eliminou as perturbações gástricas, prevê-se a eventualidade, diz a nota, «de se proceder ao que é necessário para livrar sua majestade das mesmas perturbações».

O príncipe herdeiro, Constantino, de 23 anos de idade, assumirá a regência enquanto o pai estiver doente e até ao seu completo restabelecimento — anuncia a Imprensa matutina.

Um decreto real designando o príncipe como regente foi redigido às primeiras horas de hoje.

O decreto foi enviado ao palácio para a assinatura do rei e será publicado numa edição extraordinária do jornal oficial, ainda hoje.

O decreto é baseado no artigo 49.º da Constituição, que prevê a designação de um regente em caso de impossibilidade prolongada do rei de exercer os seus deveres.

O príncipe, de 23 anos de idade, e a noiva, de 17

Pensa-se que o rei Paulo seja operado, brevemente, em Atenas ou na Suíça.

O rei conta 62 anos e foi operado a uma apendicite em Maio do ano passado.

O príncipe herdeiro deve desposar a princesa Ana Maria da Dinamarca no próximo mês de Janeiro. Os príncipes estão noivos há 13 meses.

A princesa Ana Maria tem 17 anos de idade e é a filha mais nova do rei da Dinamarca. Encontra-se actualmente num colégio da Suíça. —(F. P. e R.).

UMA VISITA PROMISSORA

A visita que o presidente da Republica italiana ontem iniciou a França, excede, no actual contexto político da Europa Ocidental, o significado e o valor da deslocação vulgar de um chefe de Estado.

O presidente Segni chegou a Paris poucos dias após a partida do chanceler Erhard, que em cumprimento do previsto no acordo franco-alemão, conferenciou, durante dois dias, com o general de Gaulle. Foi notória a contradição nas declarações proferidas pelos dois estadistas acerca das suas conversações. Enquanto o chefe do Estado francês teve a preocupação de sublinhar o completo acordo de pontos de vista, o chanceler alemão não se coibiu de falar em numerosas divergências. A versão de Erhard parece estar mais de acordo com a realidade. O afastamento de Adenauer representou um endurecimento nos princípios e nas posições defendidos pelos dois Governos. O acordo foi fruto da identidade de concepções de dois políticos e com o desaparecimento de um deles da cena política, esse instrumento volveu-se num símbolo, longe de corresponder aos objectivos que estava na mente dos seus autores.

As divergências a que o chanceler aludiu vão desde a unidade política e económica da Europa, ao futuro da Aliança Atlântica e ao dissuasor nuclear. Erhard é influenciado nas suas atitudes pela política e pelas pressões de que é alvo, por parte dos Estados Unidos. O dinamismo que pretende imprimir á orientação do seu Governo constrange-o a uma posição de equilíbrio e ao sacrifício de opiniões em que poderia acompanhar o general de Gaulle.

Compreende-se o interesse particular do presidente francês em reforçar a amizade e a cooperação que liga o seu país á Itália, o maior parceiro, depois da Alemanha, no Mercado Comum. De Gaulle efectua, no próximo mês, a sua primeira visita á América Latina e é natural que pretenda apresentar-se nessa instável região como intérprete da força poderosa que hoje constitui o Euromercado. E depois do acordo especial franco-alemão, assinado durante a visita recente de Erhard a Paris, com vista ao auxílio a países latino-americanos, é natural que a Itália pretenda também dar o seu contributo para o desenvolvimento de uma zona de tão promissoras esperanças.

Em poucas linhas

● **ALEMANHA: SUSPENSÃO DO AUXÍLIO A CEILÃO** — O Governo federal alemão decidiu suspender o auxílio que concedeu ao Ceilão. Em declaração muito enérgica, o Governo federal acusa o Governo cingalês de haver estabelecido um acordo com a Alemanha de Leste para abertuara de relações comerciais entre os dois países. Por outro lado, lamenta as declarações feitas pela sr.ª Bandaranaike, presidente do conselho do Ceilão, acerca da solução do problema alemão. — (F. P.).

● **FRANÇA: PARTIU O REPRESENTANTE DA FORMOSA** — O antigo encarregado de Negócios do Governo da Formosa em Paris partiu hoje com a família para Taipé, 10 dias após ruptura das relações diplomáticas entre a França e a Formosa. Entretanto espera-se para amanhã a chegada do primeiro encarregado de Negócios da Republica chinesa. O seu colega francês deverá, no domingo, chegar a Pequim. — (R.).

● **INDONÉSIA: PRIMEIRO REACTOR ATÓMICO** — Vai ser instalado pelos Estados Unidos, em Bandung, na Java Ocidental, o primeiro reactor atómico indonésio — anunciou a Embaixada norte-americana. O reactor destina-se a «pesquisas e produção de isótopos para fins educacionais, clínicos e industriais». — (A. N. I.).

A China continental procederia a sondagens na América Latina

● O objectivo seria obter o reconhecimento diplomático do seu regime

BUENOS AIRES, 20 — A China continental está a sondar as republicas latino-americanas, com vista á obtenção do reconhecimento diplomático do seu regime — revela-se nos círculos diplomáticos.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros argentino recusou-se a confirmar a informação, mas os jornalistas acham que a importante transacção firmada entre os dois países para um primeiro fornecimento de 750 mil toneladas de cereais argentinos á China poderá levar a negociações diplomáticas entre Pequim e Buenos Aires.

Nos meios diplomáticos salienta-se que Pequim enviou emissários especiais aos países latino-americanos, cujos Governos, por seu turno, têm estado em estreita consulta uns com os outros. — (A. N. I.).

A VISITA DE CHU EN LAI AO PAQUISTÃO

KARACHI, 20 — O ministro dos Negócios Estrangeiros do Paquistão, Ali Bhutto, afirmou ontem que «não existe qualquer significado sinistro» na actual visita ao Paquistão do primeiro-ministro chinês.

Falando aos jornalistas, Ali Bhutto, desmentiu que as relações entre a China e o Paquistão atravessem um período difícil, mas salientou que o Governo de Karachi se reserva o direito de ter opiniões políticas diferentes, mesmo em relação aos seus aliados.

O ministro acrescentou não haver planos para um pacto de não-agressão entre a China e o Paquistão. Este já é membro da S.E.A.T.O. e do C.E.N.T.O. e por isso não vê motivo para entrar em novas alianças militares.

No entanto, Bhutto disse ser prematuro falar dos resultados da visita de Chu En Lai, uma vez que as suas conversações com o presidente Ayub Khan ainda não começaram.

Noutro ponto, recusou-se a responder quando lhe perguntaram se o Paquistão procurará obter o auxílio da China na questão da Caxemira e se prevê uma solução não pacífica para o problema. — (A. N. I.).

Haverá eleições no Gabão no próximo domingo como estava determinado

LIBREVILLE (Gabão), 20. — O presidente Léon M'Ba, que tinha sido preso pelos rebeldes e levado para fora da capital, regressou esta manhã ao palácio presidencial depois de ter sido libertado pelas tropas francesas.

Nesta cidade, a situação é tranquila, pois a população civil não participou na revolta militar.

Aparentemente, os oficiais franceses prometeram aos revoltosos que não seriam castigados, conseguindo assim a sua rendição sem dispararem um tiro.

Nos círculos diplomáticos aguarda-se com interesse a reacção dos países africanos da Comunidade Francesa á intervenção militar no Gabão, por ser esta a primeira vez que tropas francesas entram em acção numa antiga colónia da França, depois da independência.

O Governo francês absteve-se de intervir nos anteriores golpes de Estado, nomeadamente na Republica do Congo (Brazzaville), mas o presidente de Gaulle declarou na sua conferência de Imprensa do passado dia 31, que a França não poderá continuar a dar auxílio financeiro aos países africanos se eles o dissiparem em lutas internas que abalam a estabilidade. — (A. N. I.).

M'BA PROMETEU QUE OS REVOLUCIONÁRIOS SERÃO PUNIDOS

YAOUNDE (Camarões), 20. — No próximo domingo, haverá eleições legislativas no Gabão, como estava determinado — declarou o presidente Léon M'Ba, discursando pela Rádio de Libreville.

M'Ba acrescentou que a população da capital nunca apoiou as tropas rebeldes, durante a intentona, e agradeceu á Polícia Militar, que se conservou fiel ao seu Governo.

O presidente afirmou ainda que os membros da junta revolucionária estão na cadeia e serão devidamente punidos. — (F. P.).

A expropriação de terras afectará só 9 por cento dos fazendeiros do Brasil

RIO DE JANEIRO, 20.—O superintendente da reforma agrária, João Pinheiro Neto, disse aos jornalistas que apenas 9 por cento dos fazendeiros do Brasil serão atingidos pelo novo decreto de expropriação de terras, visto serem apenas abrangidos os proprietários de áreas superiores a 100 hectares.

Entretanto, o presidente Goulart anunciou, ontem à noite, pela Rádio e pela Televisão, o êxito das negociações do Brasil com os seus principais credores estrangeiros para obter a consolidação da sua dívida. Esta elevava-se para 1964 e 1965, a 1300 milhões de dólares — disse Goulart — e o Governo brasileiro não estava em condições de suportar encargos superiores a 300 milhões de dólares

«Foi nesse sentido que iniciámos o diálogo com os nossos credores e as nossas diligências foram bem sucedidas» — acrescentou o chefe do Estado, congratulando-se, em particular, com a compreensão demonstrada pelo presidente Johnson.

Goulart salientou a seguir que o seu Governo passaria a empenhar-se em não contrair compromissos financeiros superiores às suas possibilidades.—(A. N. I. e F. P.).

A CANDIDATURA DE KUBITSCHEK À PRESIDÊNCIA

SÃO PAULO, 20.—O dr. Negrão de Lima, antigo embaixador do Brasil em Lisboa, que veio a São Paulo para receber a homenagem da colónia portuguesa aqui residente, visitou a Câmara Municipal, conversando demoradamente com os vereadores ali presentes.

Na conversa que teve com os vereadores, o dr. Negrão de Lima declarou que aproveitara a sua estadada nesta cidade para realizar uma série de contactos políticos visando a candidatura do senador dr. Kubitschek de Oliveira à Presidência da República do Brasil nas eleições que se efectuarão em Outubro do próximo ano.—(A. N. I.).

Segni e de Gaulle conferenciaram pela segunda vez

PARIS, 20. — O presidente de Gaulle e o chefe do Estado italiano, António Segni, voltaram hoje a reunir-se no Palácio do Eliseu, para a sua segunda conferência acerca da unidade europeia e do futuro da Aliança Atlantica, desde a sua chegada a Paris, ontem, de manhã, para uma visita oficial de quatro dias.

Segundo informações particulares, parece que os dois estadistas estão em desacordo quanto ás relações da Europa com os Estados Unidos. Ontem, á noite, Segni comunicou a de Gaulle que a Itália se opõe á concepção francesa de uma Europa autolimitada, livre de toda e qualquer influência norte-americana. — (A. N. I.).

O ROMANCE DE IRENE

KITZBUEHEL (Austria), 20. — «Creio que depois de nos casarmos, Irene e eu passaremos mais tempo na Áustria do que na Espanha ou na Holanda» — declarou o príncipe Hugo Carlos de Bourbon-Parma, dando a entender que o casal talvez estabeleça o seu domicílio permanente neste país. — (A. N. I.).

Aumenta o turismo no país vizinho

MADRID, 20. — O numero de turistas que chegaram a Espanha, no mês passado, superou em cerca de 35 por cento o numero registado em Janeiro do ano passado — informa a agência E. F. E.

Quanto aos dados correspondentes ao mês corrente, por enquanto incompletos, afirma-se em círculos autorizados que a corrente turística manteve o ritmo ascendente do mês anterior. — (A. N. I.).

DUAS LETRAS DOIS CARROS
AO SERVIÇO DO PAÍS

Há esperanças de que Fabíola possa ser mãe

MILÃO, 20 — O semanário italiano «Oggi» transcreve declarações da princesa Paola de Liège, segundo as quais haveria boas esperanças de que a rainha Fabíola possa vir a ter um filho.

A princesa teria dito ao correspondente da revista, em Bruxelas: «Há bem fundadas esperanças de que o seu (de Fabíola) sonho se possa realizar. Algumas das suas irmãs só tiveram filhos depois de duas ou três tentativas mal sucedidas, e as crianças foram, depois, numerosas e saudáveis. Não há nenhuma razão particular para que tal não aconteça com a rainha. — (R.).

Queria matar o «comunista» mas enganou-se na pessoa...

DALLAS, 20. — A Polícia local informa que uma mulher tentou assassinar, ontem, nesta cidade, o candidato democrático a senador pelo Texas, McLendon, porque o tem por «comunista».

E, afinal, não foi sobre McLendon proprietário de várias rádio-emissoras de Dallas, que essa viuva de 47 anos disparou um tiro de revólver, mas sobre um tal W. W. Dyer, igualmente desta cidade. Com efeito, tendo ido ao aeroporto, onde sabia que se encontrava McLendon, que ela não conhecia de perto nem de longe, pediu para que o chamassem pelo altifalante. Aconteceu que um homem se apresentou logo depois no serviço das passagens e, pensando ela que se tratava do «comunista», alvejou-o com um revólver que escondera na mala de mão. Mas errou o alvo e a arma encravou-se quando ia disparar novo tiro.

A Polícia acrescenta que a viuva se chamava Mary Elisabeth Stone e que comprara a arma em Dallas há uma semana. — (F. P.).

DESPORTOS

VITÓRIA POR 6-1

A selecção militar comprovou o seu real valor

Ontem á noite, no Estádio do Restelo, perante muito publico, os nossos futebolistas militares realizaram mais um treino defrontando um misto do Belenenses, o qual foi dirigido, como habitualmente, pelo treinador Fernando Caiado. Estiveram ainda presentes algumas altas patentes militares.

A selecção alinhou, inicialmente, com a seguinte constituição:

Rui; Mitó e Rodrigues; Jaime Graça, Ribeiro e Jacinto; Simões Eusébio, Carlos Manuel, Pinto e Nóbrega.

No segundo tempo, Vítor, Atraca, Quim, Jaime, Ferreira Pinto e Pedras substituiram respectivamente: Rui, Mitó, Ribeiro, Simões, Eusébio e Nóbrega.

O Belenenses alinhou: José Pereira; Pires e Bernardino; Sá Pinto, Paz e Cardoso; Rafael, Matateu, Garcia, Peres e Angeja.

Os «azuis» apresentaram no segundo tempo uma nova formação que incluia alguns juniores.

Os militares venceram por 6-1, com 4-1 ao intervalo, golos apontados por Eusébio (2), Carlos Manuel (2) Pinto e Férreira Pinto. Garcia foi o autor do tento do Belenenses.

Este treino impressionou muito agradávelmente no primeiro período durante o qual a selecção atingiu elevado nível no labor ofensivo.

Especialmente Eusébio e Simões, aliás muito bem secundados por Carlos Manuel (de uma acutilância terrível) e Nóbrega (velocíssimo e intencional), esbanjaram futebol de alta classe, deixando-nos a certeza de que podemos confiar no valor desta representação do Exército lusitano. A jogar o seu normal, o sector dianteiro será difícil de conter.

Quanto á defesa, posta algumas vezes á prova em lances de Mateu Peres e Garcia, também prestou boas provas, com saliência para Mitó.

No segundo tempo o rendimento foi completamente diferente, inferior, devido ás substituições.

No final ouvimos o treinador Fernando Caiado, que nos disse ter ficado amplamente satisfeito com o trabalho desenvolvido pelos seus pupilos. Isto no que respeita á formação da primeira parte, que, a não surgir qualquer contratempo, será a equipa que alinhará no Restelo na próxima quarta-feira.

Facto imprevisto na vida do Sporting

—demissão do Conselho Fiscal

Inesperadamente, o conselho fiscal do Sporting, ontem reunido, apresentou ao presidente da assembleia geral o seu pedido de demissão.

O acontecimento — inédito na vida do clube e significativo em face das circunstâncias que o fundamentaram — contribui, sem dúvida, para agravar a actual situação do Sporting, a contas com vários problemas delicados, nomeadamente o que se refere à secção de futebol e à escolha dos novos corpos gerentes.

A decisão, de cunho sensacionalista, partiu do presidente do conselho fiscal, sr. Francisco Cazal-Ribeiro, que, acto contínuo, em manifestação de solidariedade, foi imitado pelos restantes colegas: srs. dr. J. Neves Santos, António Romero, Paulo Medeiros, Guilherme Pereira Oliveira, Raul Catarino Godinho, Aragão Pinto e, ainda, dr. Luís Santos Ferro, presidente da Comissão de Contencioso e de Sindicância, e eng. Bonneville Franco, presidente da Comissão de Obras e Melhoramentos.

O sr. José Luís da Costa, presidente da comissão de finanças, foi o único membro do c. f. que não assinou a carta, mas a atitude, pelo que nos foi dado saber, não significa discordância de fundo.

De fonte fidedigna, estamos habilitados a esclarecer que a demissão se fundamentou numa atitude da direcção do clube que não deu resposta a um pedido feito pelo conselho fiscal, quando este órgão solicitou determinados elementos para proceder à indispensável conferência, autorizada, aliás, pela lei clubista.

A indiferença da direcção foi interpretada como ofensa e daí até ao pedido de demissão foi um ápice. Instantâneo.

O caso, segundo apurámos, pode assumir, no entanto, um aspecto diferente, dado que estão em causa os superiores interesses do Sporting.

Admite-se até que o pedido de demissão venha a ser retirado se, porventura, a direcção, reconsiderando, der explicações satisfatórias e facilitar os elementos solicitados pelo conselho fiscal.

O caso, através de uma rápida sondagem feita pelo «Diário de Lisboa» provocou acentuado desgosto em vários sectores sportinguistas que receiam as piores consequências.

Os corpos gerentes do Belenenses

A lista dos corpos gerentes do Belenenses, a submeter amanhã ao sufrágio da assembleia geral, é a seguinte:

ASSEMBLEIA GERAL — *Presidente:* dr. Constantino Fernandes.
Vice-presidente: comodoro Pinto Soares.
Primeiro secretário: Aurélio Cabral Ferreira.
Segundo secretário: Joel Ribeiro.
Vice-primeiro secretário: João Alfredo Moura.
Vice-segundo secretário: Pompeu Rocha.

DIRECÇÃO — *Presidente:* coronel Carlos Botelho.
Vice-presidentes: dr. Filipe Nobre Guedes e eng. D. José de Melo Breyner.
Secretário-geral: dr. Celinio David Paiva.
Tesoureiro: Jorge Pancada da Silveira.
Directores: eng. D. Fernando Castelo Branco, Manuel Acácio Pascoal Rodrigues, eng. Octávio Augusto Baptista Serrão, escultor Leopoldo de Almeida, eng. Licínio Vaz, António Estêvão Neves Malheiro Alves, João Manuel Ramalho Pereira e Rafael Baptista Rodrigues.

CONSELHO FISCAL — *Presidente:* dr. José Coelho da Fonseca.
Vogais: drs. José Matos Correia, Oliveres do Nascimento e Manuel Leiria Neto.
Vogais suplentes: drs. Vítor Manuel Parracho, Henrique de Sousa e Melo e Francisco Augusto dos Santos.

Uma nova lista?

Ontem, no Estádio do Restelo, durante o jogo-treino da selecção militar, foram distribuídos projectos de propaganda com a seguinte legenda: «Belenenses — se quereis que o nosso clube viva uma vida sã, votai em Joaquim Mota da Silva».

Pelo que apurámos, os prospectos não reflectem a existência de uma segunda lista, antes representam a opinião de um sector da massa associativa que, assim, se manifesta desgostosa pelo facto de não figurar no novo elenco directivo o nome de Joaquim Mota da Silva que junto das secções amadoras do clube desenvolveu valiosa acção quando exerceu as funções de tesoureiro da direcção, cargo de que se demitiu devido a incompatibilidade com o presidente, sr. dr. António Manuel Pereira.

CENTRO DE ESTÁGIO

dos jogadores do Sporting

É esta tarde, pelas 18 horas, inaugurado o Centro de Estágio dos Jogadores do Sporting, cujas instalações aproveitaram os baixos das bancadas do Estádio «José Alvalade».

A direcção do clube «leonino» receberá os representantes dos órgãos de informação, oferecendo a todos os convidados um beberete.

Calcula-se que o novo Centro de Estágio importará, depois de atingir a sua forma definitiva, em cerca de 600 contos.

BRANDY
KOPKE

Os castigos da F.P.F.

A comissão executiva da direcção da Federação Portuguesa de Futebol puniu os seguintes jogadores:

REPREENSÃO POR ESCRITO — José Servulo Alcobia, do Sporting de Espinho; Carlos Alberto Sousa Reis e Feliciano Correia de Lima, da Sanjoanense, por desacordo com as decisões do árbitro; José Augusto de Sousa, da Sanjoanense, por demora na reposição da bola em jogo; e Alfredo Elísio Dias, do Leça F. C., por discutir as decisões do árbitro.

UM JOGO — José Nunes Rosas, do Leixões S. C., por resposta a agressão de um adversário.

TRÊS JOGOS — Ernesto de Figueiredo, do Sporting, por agressão a um adversário e Francisco Cunha Vasques, do C. D. Montijo, por insultos graves ao árbitro.

QUATRO JOGOS — José Fernando Costa Oliveira, do Leça F. C., por cuspir deliberadamente sobre um adversário.

SEIS JOGOS — António de Sousa Ribeiro, do Boavista, por agressão a um adversário, no que é reincidente.

O Leixões S. C. foi multado em 250$00, por comportamento incorrecto de uma parte do público — arremesso de pedras sem molestar a equipa de arbitragem.

O «MUNDIAL» CICLO-PEDESTRE — Este trecho do percurso, onde se efectuou o «Mundial» ciclo-pedestre, não seria possível em Portugal. Mas na Bélgica figura, porque a dificuldade não faz mal ao desporto e muito menos aos ciclistas. O italiano Renato Longo foi o vencedor (vê-se no 1.º plano) e, mais uma vez, confirmou as suas qualidades que o classificam como um dos melhores praticantes da prova

O Manchester United venceu o Bolton (5-2)

LONDRES, 20 — Efectuaram-se ontem, à noite, três encontros a contar para o Campeonato de Inglaterra de futebol (1.ª Divisão), cujos resultados foram os seguintes: Aston Villa-Liverpool, 5-2; Fulham-Blackburn, 1-1, e Manchester United-Bolton, 5-2. — (F. P.).

Um misto russo triunfou no México

GUADALAJARA, 20 — Um misto de futebol de Moscovo venceu a selecção de Guadalajara, por 3-2, num encontro disputado ontem, à noite, no Estádio de Jalisco. Ao intervalo, os russos ganhavam, por 3-1.

A equipa moscovita parte amanhã para a capital soviética, via Nova York e Paris, depois de ter tomado parte no torneio internacional hexagonal de futebol disputado na cidade do México. — (A. N. I.).

Porfírio da Silva dirige o Porto-Benfica

A C. C. A. designou os seguintes árbitros para os jogos da 1.ª Divisão:

Braga Barros (Sporting-Varzim); Porfírio da Silva (Porto-Benfica); Aníbal de Oliveira (Seixal-C. U. F.); Melo Paiva (Lusitano-Leixões); Clemente Henriques (V. Guimarães-V. Setúbal); Encarnação Salgado (Belenenses-Olhanense) e Hermínio Soares (Barreirense-Académica).

O Benfica concentrado em Vale de Lobos

A equipa principal do Benfica instalou-se hoje, em Vale de Lobos, onde ficará até sábado, dia marcado para a partida com destino ao Porto, onde a chegada se deverá verificar cerca das 19 e 30.

JOÃO ROQUE e JOSÉ PACHECO

seguem esta madrugada para a Venezuela

Não se concretizou, ontem, conforme estava anunciado, a partida para a Venezuela dos populares ciclistas do Sporting, João Roque e José Pacheco.

O facto ficou a dever-se à documentação que, no momento do embarque, não estava em ordem.

Os corredores do Sporting devem seguir viagem, esta madrugada, à 1 e 40, pelo que só tomarão parte, em Caracas, em duas das três provas para que foram convidados.

Recurso do Barreirense

A direcção do F. C. Barreirense, não concordando com o acórdão do Conselho Jurisdicional da F. P. F., resolveu recorrer para o Congresso do referido organismo.

Terão aquecimento as três piscinas em construção na capital?

Neste «país de marinheiros», onde noventa por cento da população não sabe nadar, Lisboa, a capital, estava reduzida ás piscinas do Nacional, do Técnico e do Ateneu, e ao distante Estádio Náutico do Algés, obra que honra um clube.

Agora, por iniciativa da Camara Municipal de Lisboa, e conforme ontem o nosso jornal referiu, estão em construção três piscinas: na Avenida de Roma, nos Olivais e no Campo Grande. Este o primeiro e bem pensado passo para pôr o lisboeta a nadar e dotar a cidade com um numero de piscinas adaptado á sua densidade populacional.

A obra, que deveria ter sido feita há vários lustros, entra em laboração na era dos foguetões. Portanto, é natural que a sua construção obedeça aos requisitos mais modernos. Não acreditamos que o Município deseje que as piscinas funcionem durante o tempo bom, porque desse modo haveria um período morto de desasseis semanas (de Novembro a Fevereiro) em que a sua utilização seria impossível.

Por motivos económicos e desportivos, permitimo-nos sugerir á edilidade lisboeta que seja feito o aquecimento da água das piscinas ou, pelo menos, de uma delas, de modo a permitir treinos, provas e banhos nos doze meses do ano.

Para aquecer uma piscina de cinquenta metros, incluindo no aquecimento a bombagem da água, a respectiva purificação e os produtos químicos para tal necessários, gastam-se, em Inglaterra, 430 libras em 20 semanas. Ora a nossa velha aliada desfruta de um clima muito mais frio e a temperatura da água é de 65 a 80 graus «Mahrenheit», ou sejam, de 33 a 48 graus centígrados.

Evidentemente, entre nós, a temperatura da água não precisará de ser tão elevada e, portanto, o consumo de gás seria menor.

Quatrocentas e trinta libras correspondem, aproximadamente, a trinta e cinco contos, por um período de cinco meses. É óbvio que, entre nós, em quatro meses e com temperaturas mais baixas de aquecimento, esta despesa seria muito menor.

Deixamos, aqui, a sugestão ao critério do senhor presidente da Camara Municipal de Lisboa, certos de que fugirá ao tradicionalismo do enchimento semanal da piscina, com a adição dos pózinhos para fazerem a água azul e evitarem a criação de limos, substituindo-o por um mecanismo moderno que permita a purificação, o aquecimento e a recuperação da água da piscina.

A inquietação nos Açores devido aos sismos

Os terremotos de S. Jorge

(Continuação da 1.ª página)

tentes umas linhas sobre o assunto, lembrado talvez de que eu descrevera as erupções das ilhas do Fogo, em 1951, e do Faial, em 1957-1958. A parte esta experiência, não possuo nenhuma preparação especial no assunto. Apenas, como geógrafo, estou atento a tudo o que se passa na pele do Globo.

O publico desejaria ser informado da natureza do fenómeno e das previsões do seu decurso. Simples abalos sísmicos ou pródromos de uma nova erupção? Os Açores contam-se entre os lugares mais instáveis da superfície terrestre Terremotos destruidores e erupções ocorreram muitas vezes desde que foram ocupados pelo homem. A paisagem da maior parte das ilhas, o aspecto «lunar» das suas crateras e cones, resultam da actividade eruptiva que, a partir de fendas alinhadas no fundo do oceano, foi edificando as ilhas actuais, o seu soco submarino e as formas emersas do seu relevo. Com excepção de Santa Maria e das ilhas do grupo ocidental, tudo indica que as tensões da crusta e o esvasiar dos reservatórios magmáticos continuem. Os sismos tanto podem provir do aumento dessas tensões até ao estado de ruptura, como da subida do magma na chaminé de vulcões intermitentes ou do abrir de novas chaminés. Até á manha de 19, não parece ter-se produzido nenhum fenómeno vulcanico aparente. Mas é caso de recordar a penultima erupção submarina dos Açores, que ocorreu ao largo da Terceira em 1867, e foi precedida de cerca de meio ano de abalos muito fortes, um dos quais danificou 80 casas da povoação de Serreta, no litoral fronteiro. Ambas as erupções que estudei se fizeram anunciar por um periodo de abalos sísmicos embora de breve duração: no Fogo ruiram casas em alguns lugarejos. A hipótese de erupção não creio que seja para pôr de parte. A intensidade dos abalos nas costas fronteiras de S. Jorge e do Pico parece falar a favor de um epicentro (lugar da superfície a partir do qual se propagam as ondas sísmicas) no canal entre ambas as ilhas.

A ultima erupção em São Jorge deu-se em 1808 e nela se produziu um dos fenómenos de consequências mais devastadoras. Foi a partir dos relatos dessa erupção que Lacroix, um dos maiores vulcanólogos de todos os tempos, criou a expressão «nuvens ardentes», celebrizada na Martinica, onde uma delas «cozeu» a população inteira de uma pequena cidade.

Infelizmente, as possibilidades de previsão neste campo são bastante limitadas. Embora a natureza tenha sido pródiga connosco, não temos, creio eu, ninguém que conheça a fundo todos os recursos da vulcanologia actual. O tenente-coronel José Agostinho estudou, como ninguém, a história do vulcanismo açoriano. O eng.º Frederico Machado, a quem foi fácil acompanhar a erupção do Faial porque residia nessa ilha, tem publicado, nos lazeres da sua vida profissional, excelentes trabalhos, onde ao rigor das observações e ao cuidado da documentação se alia o fermento da imaginação criadora. A porta deles e não á minha devia o «Diário de Lisboa» ter ido bater...

Fenómenos deste tipo têm de ser acompanhados com prudência. Prudência nas observações e nas conclusões, prudência nos conselhos a dar á população e ás autoridades administrativas. É molesto, dispendioso e por vezes arriscado evacuar povoações inteiras. É uma tentação (isso viu-se no Faial) voltar ás casas e ás terras abandonadas Mas uma remissão aparente não é o termo do fenómeno. A erupção do Faial decorria há meses, quando se produziram os abalos mais destruidores.

Uma circunstancia torna especialmente espectaculares os efeitos sísmicos nos Açores: as casas rurais são feitas de blocos de lava, grosseiramente aparelhados, com má travação e que se desmoronam com facilidade. Valia a pena estudar e aplicar um tipo de construção capaz de maior resistência; mas, quando este pesadelo passar, na tranquilidade bucólica das ilhas, ninguém mais se lembra que, de tempos a tempos, a terra treme e as suas fendas vomitam lavas e cinzas...

ORLANDO RIBEIRO

Alimentos e agasalhos para os refugiados

ANGRA DO HEROISMO, 20 — Mais de mil refugiados provenientes da zona devastada pelos abalos de terra na ilha de São Jorge encontram-se já na Terceira, trazidos por dez navios mercantes — dois nacionais e oito estrangeiros — estes de cinco nacionalidades diferentes.

As operações realizaram-se sempre debaixo de mau tempo, com mar muito agitado, vento forte e visibilidade quase nula. Alguns dos navios tiveram dificuldade em desembarcar os refugiados no porto de Angra, como se sabe, e por isso dirigiram-se para a Praia da Vitória onde a operação decorreu mais ao abrigo da terra.

Entretanto, por terem deixado de se sentir novos sismos desde as 4 e 30 da madrugada de ontem, continua suspensa a evacuação dos refugiados.

Víveres para a Calheta

De momento, o problema mais urgente é o abastecimento da vila da Calheta, onde a concentração de refugiados fez diminuir rápidamente as reservas alimentares.

Durante toda a noite o navio português «Girão» esteve no porto de Angra do Heroismo a carregar víveres destinados á Calheta, para onde partirá logo que esteja carregado, qualquer que seja o estado do mar. Os helicópteros e aviões da base das Lajes não puderam levar socorros a São Jorge, pois o vento, em vez de abrandar, tem aumentado de intensidade e a neblina continua a prejudicar a visibilidade

O aboletamento dos refugiados

Aos refugiados que se encontram na Terceira nada falta, graças ás disposições tomadas pelas autoridades e ao carinho e espírito de solidariedade de toda a população terceirense.

Centenas de casas particulares alojam mulheres e crianças, enquanto os homens ficam instalados no quartel de Infantaria 17, na Escola Infante D. Henrique, no hospital regional e em outros edifícios publicos. — (A. N I.).

800 COBERTORES enviados pela Caritas para S. Jorge

Seguiram hoje para os Açores, por via aérea, 800 cobertores destinados pela Caritas aos sinistrados da ilha de S. Jorge.

Procura-se montar um posto telefónico provisório na vila do Topo (ilha de S. Jorge)

A brigada de pessoal técnico dos C. T. T. que, tal como o «Diário de Lisboa» informou em primeira mão, partiu na manhã de ontem da ilha Terceira para a de S. Jorge, a bordo de um navio de guerra, com a missão de restabelecer as comunicações entre Angra e aquela martirizada ilha, conseguiu levar a cabo esse intento, cumprindo inteiramente o difícil encargo que lhe fora cometido. E cabe aqui uma referência à sua acção, pois não é demais encarecer o esforço desenvolvido e os riscos que se correram

Assim, ao princípio da tarde de ontem, o governador do distrito autónomo de Angra do Heroismo, sr. dr. Teotónio Machado Pires, teve já oportunidade de falar pelo telefone com o presidente da Câmara das Velas, dr. Gonçalves de Sá.

A conversação fez se através da aparelhagem de VHF que existia na estação daquela vila e que o pessoal acabou por retirar quando teve de abandonar o edifício.

Esta manhã, procurámos, de novo, junto dos funcionários superiores dos C. T. T. — que ontem tão amàvelmente nos atenderam — mais elementos e novos esclarecimentos sobre o decorrer daquela operação e sobre o estado actual das comunicações.

O director dos serviços técnicos, sr Santos Silva, a quem nos dirigimos primeiramente esclareceu-nos, que a pessoa mais indicada para nos fornecer tais informações era o seu colega sr. eng. Amaro Vieira, director dos Serviços Rádio-Eléctricos, dado que as ligações se estão a processar através da rádio. Dirigimo-nos, portanto à Direcção dos Serviços Rádio Eléctricos, onde o sr. eng. Amaro Vieira, confirmou o estabelecimento daquelas comunicações, acentuando:

— Bem vê, o pessoal tinha que abandonar as Velas, até porque as autoridades administrativas tinham ordenado a evacuação total da vila. E os dois funcionários que restavam na estação — um guarda-fios e um operador — e que, em dado momento, foram, até, as únicas pessoas que permaneciam na vila, assim o fizeram, seguindo para a Calheta.

— Um outro problema se lhes deparou, então — disse-nos — e que tinha a hipótese de poder ruir, até deixar os equipamentos ligados ou, pelo contrário, deixá-los desligados? A encarar-se a primeira hipótese e dado que não havia corrente eléctrica, teria, assim, que proceder-se à alimentação daqueles equipamentos por meio de motores. Mas como o edifício já abrira fendas e se mantinha a hipótese de podr ruir, até porque não era de abandonar a triste eventualidade de novos abalos sísmicos, corria-se o risco de avarias profundas em material tão delicado, avarias que poriam termo, então, ao seu funcionamento.

E acrescentou:

— Optou-se, por fim, pela solução de desligar os equipamentos, até porque, com eles desligados, os riscos a correr pela sua segurança, seriam bem menores. De anteontem para ontem, os equipamentos ficaram, pois, desligados.

— Como se conseguiu restabelecer as comunicações?

— O processo desenrolou-se por fases. Assim, dèsde ontem, pelo meio da manhã, foram restabelecidas comunicações de Calheta para as outras ilhas.

«Depois, ontem também, chegou ás Velas equipamento para se montar uma via provisória telefónica, provàvelmente na Vila do Topo. Como se sabe, a brigada do nosso pessoal chegou ali ao princípio da tarde, a bordo do navio-patrulha «Maio». Pode, ainda, adiantar-se que o edifício da nossa estação nas Velas, sofreu algumas fendas, não tendo ruído, felizmente e ao contrário do que ontem chegámos a admitir».

Prosseguindo:

— Ainda ontem, mas só á noite, pelas 22 e 30, expedi um telegrama para os nossos serviços naquela zona. Como até agora não recebi mais notícias, e tal facto é um bom sinal, podemos concluir que a situação não terá piorado.

O sr. eng.' Amaro Vieira disse ainda:

— Posso ainda acrescentar que o pessoal que abandonou as Velas e se refugiou na Calheta, esteve, ontem mesmo, na nossa estação na vila-mártir, só tendo voltado á Calheta ao fim da tarde. Além disso, é natural que lá tenha voltado ou volte, hoje ainda, quanto mais não seja para reabastecer os motores que têm estado a funcionar.

As ligações telefónicas com os Açores

O director dos Serviços Radioeléctricos dos C. T. T. informou-nos, por fim, de que um avião militar seguiria hoje de Lisboa para os Açores, levando mais equipamento de comunicações dos Correios para a ilha de São Jorge.

— E seguirá também pessoal?

— Não. Vai apenas material. Os funcionários que lá se encontram, sabem bem o que têm a fazer e não deixarão de continuar a cumprir como até aqui.

A fim de tentarmos saber como estaria a processar-se o serviço das ligações telefónicas de Lisboa para os Açores, procurámos, seguidamente, o sr. eng. Oscar Saturnino, director dos Serviços de Exploração dos C. T. T. que, amàvelmente, também nos informou serem normais as ligações de Lisboa para Ponta Delgada, Angra do Heroismo e Horta, salvo o grande numero de chamadas, o que, necessàriamente, obriga a grandes demoras na sua satisfação

Quanto às ligações pròpriamente para a ilha de S. Jorge, como têm já um carácter local, só nos Açores se poderão obter. De Lisboa, os serviços apenas as encaminham para ali.

Tenta-se rebocar o «Ambassador» para os Açores

NOVA YORK, 20. — Um barco da guarda costeira dos Estados Unidos recolheu a bordo o cadáver do comandante do cargueiro britanico «Ambassador», que naufragou. O mesmo barco comunicou pela Rádio que eram «improváveis» as possibilidades de salvar mais homens da tripulação do navio. Ignora-se ainda a sorte de 13 dos 34 tripulantes do cargueiro.

O rebocador holandês «Elbe» comunicou á sede da sua companhia em Roterdam, que passou um cabo ao «Ambassador» e vai tentar rebocá-lo para os Açores.

Um informador dos agentes, a Companhia J. D. McLaren, acrescentou que o rebocador passou o cabo cerca das duas horas da madrugada, depois de alguns dos seus tripulantes terem subido para o cargueiro. Mais tarde, porém, esses tripulantes regressaram ao rebocador por o tempo se agravar. — (R.).

TEVE HOJE ALTA

o pequenito que nascera com as vísceras à mostra

Teve hoje alta do Hospital dos Capuchos, onde se encontrava internado, há meses, o pequenito João Luís Cavaco que, no dia 7 de Julho do ano findo, fora submetido, de urgência, no banco do Hospital de S. José, a uma intervenção cirurgica, pelo sr. dr. Balcão Reis, por ter nascido, horas antes, com as vísceras á mostra, caso que então noticiámos.

Diminuiu a intensidade dos tremores de terra

(Continuação da 1.ª página)

foi localizado no canal de S. Jorge, perto da Ponta dos Rosais.

Destes sismos o mais intenso foi registado ás 19 e 26 horas (21 e 26 de Lisboa), com o grau 5 da escala internacional. Por outro lado, segundo observações locais, na parte ocidental da ilha de S. Jorge não há qualquer actividade vulcânica.

Continuam a sentir-se sismos superficiais, de muito pequena intensidade, na região de Urzelina. — (L.).

Sentiu-se hoje um abalo na Horta

PONTA DELGADA, 20 — Informações chegadas da cidade da Horta, ilha do Faial, dizem que a população ainda viveu sobressaltada a noite passada com abalos sísmicos, alguns dos quais muito fortes.

Nessa cidade, a população dormiu nos largos, dentro de automóveis e de camionetas — ou a bordo de navios ancorados no porto.

Hoje registou-se apenas um abalo sísmico. Verificou-se o desmoronamento de um lanço de rocha no porto, a queda de alguns estuques e da cruz de pedra da igreja das Angústias.

Durante a noite passada, chegaram ao porto da Horta, com refugiados de S. Jorge, o navio inglês «Mirror» e os navios-patrulhas «Maio» e «Santa Luzia». — (L.).

Está constituída uma comissão nacional de auxílio aos sinistrados da ilha de S. Jorge

Por iniciativa do rev. Candelária está constituída uma comissão nacional para angariar donativos para os sinistrados da ilha de S. Jorge, nos Açores.

Essa comissão é patrocinada pelo sr. bispo de Tiava, natural da ilha de S. Jorge. Funcionará na Casa dos Açores, Rua Castilho, 5, em Lisboa. Para ali poderão ser enviados quaisquer donativos.

REUNIÃO DA JUNTA DISTRITAL DE LISBOA

Reuniu-se esta manhã a Junta Distrital de Lisboa sob a presidência do sr. eng. Ribeiro Ferreira.

Depois de ter apreciado diverso expediente, foram aprovados, na generalidade, os seguintes anteprojectos: para a construção do Museu Regional de Vila Franca de Xira, da autoria dos arquitectos Mário de Oliveira e Rui Pedro; e para as novas instalações da Escola da Paiã, da autoria dos arquitectos João Caetano, António Abrantes e Ribeiro Modesto, a fim de ser presente na Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário do Ministério das Obras Públicas.

Este projecto baixou aos serviços competentes da Junta Distrital de Lisboa.

VIDA RELIGIOSA

Retiro dos diplomados católicos

A exemplo dos anos anteriores, a Direcção Nacional da Liga Católica promove também este ano, no Santuário de Fátima, exercícios espirituais para diplomados, ou homens com cultura equivalente, de 20 a 23 de Março próximo.

O retiro começa na noite de sexta-feira que antecede o Domingo de Ramos e termina na Segunda-feira Santa, após o costumado jantar de confraternização, podendo, os que tiverem nisso conveniência, sair depois do pequeno almoço de terça-feira.

A inscrição está aberta até o dia 12 de Março, na sede, no Campo dos Mártires da Pátria, 43, em Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Senhora atropelada por um automóvel

Na aldeia de Alcainça Grande, Malveira, foi colhida, esta manhã, por um automóvel, a sr.ª D. Maria Rosa, de 55 anos, ali residente, que, com graves ferimentos na cabeça, recolheu ao Hospital de S. José.

Boletim do dia

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 20 de Fevereiro de 1934 publicava o seguinte telegrama da «Americana» procedente do Rio de Janeiro:

«O dr. Osvaldo Aranha, ministro das Finanças, declarou que a situação do Tesouro é a melhor possível. Actualmente, existe um saldo de mais de 600 mil contos no Banco do Brasil e outro de cerca de 400 mil, em títulos de café.

«Continua a vigorosa política de compressão de despesas».

RÁDIO

EMISSORA NACIONAL — *Programa A* — 451 m — 655 kc/s. — A's 17: Musica de teatro; 17 e 30: Canconetas; 17 e 45: Orquestras ligeiras; 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Defesa Nacional; 19 e 10: Concerto pelo sexteto de artistas cegos; 19 e 30: Rádio Mocidade; 20: Orquestras ligeiras; 20 e 15: Jornal sonoro; 20 e 35: A nossa terra; 21: Noticiário — Varanda da Europa e crónica de Angola; 21 e 45: Teatro das Comédias: «Por Ordem de Sua Majestade», de Alfred de Vigny; 22 e 30: Musica portuguesa; 22 e 45: 2.ª emissão de jornal sonoro; 23: Musica de dança; 23 e 20: «Onde a Terra se Acaba e o Mar Começa»; 23 e 45. Noticiário; 24: Encerramento.

Programa B — 397 m — 755 kc/s. — A's 18: Reabertura — Musica portuguesa: excertos da missa obrigada a instrumentos de sopro, e excertos de «Stabat Mater» (Luciano Xavier dos Santos); 18 e 50: Noticiário regional; 19: Intérpretes musicais por Maria Helena de Freitas; 20: Noticiário; 20 e 15: Concerto pelo duo Leonor de Sousa Prado-Pedro Corostela (violino e violoncelo): «Andante», com variações (Mozart); «Duo para violino e violoncelo», 1.ª audição (Martinu); 20 e 39: «Aria com variações em si bemol maior» (Handel); 20 e 45: Musica e poesia, por Judith Navarro; 21 e 5: Musica sinfónica: «Sinfonia» (Britten); 21 e 25: Horizonte, semanário de letras e artes; 22: «A Voz do Ocidente»; 24: Encerramento.

Modulação de frequência — A's 22: Musica do século XX: obras de Vaughan Williams, de Carlos Chavez, de Wolfgang Fortner, de Honegger, de Benjamin Britten e de Claudio Santoro; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

RADIO CLUBE — A's 17: Guitarras e fadistas; 17 e 20: Orquestra; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Conjuntos; 18: Solistas; 18 e 15: Espelho de utilidades; 18 e 30: Artista; 18 e 45: Interludio feminino; 19: Variedades; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Selecção musical; 20 e 30: «Magazine»; 21: Noticiário; 21 e 15: Motivos portugueses; 21 e 30: Orquestra; 21 e 45: Artista; 22: «A Prima Bandó em Lisboa»; 22 e 15: O Mundo em marcha; 22 e 45: Vozes de Portugal; 23 e 45: Noticiário.

Frequência modulada — A's 17 e 31: Estrelas em FM; 17 e 45: Noticiário — Estrelas em FM (continuação); 19 e 2: Ronda musical; 19 e 45: Noticiário — Ronda musical (continuação); 20 e 2: Boa-noite em FM; 21: Noticiário; 21 e 15: «Ritmo 64»; 22 e 15: Vozes e orquestras; 22 e 45: Ritmos do «jazz»; 23: Exitos de uma voz; 23 e 15: Musica para dançar; 23 e 45: Noticiário; 24: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 17 e 30: Solistas; 17 e 45: Noticiário; 18: Ritmos de baile; 19: Interludio feminino; 19 e 15: Uma orquestra; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Melodias; 20 e 30: Selecção musical; 21: Noticiário; 21 e 15: Programa Só-Rádio; 21 e 30: Programa «jazz»; 21 e 50: Paisagem intelectual; 22 e 15: Brasil; 22 e 45: Variedades; 23 e 15: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário.

RADIO UNIVERSIDADE — A's 17 e 5: Economia e finanças; 17 e 20: Ultimas gravações; 17 e 35: Estudo internacional; 17 e 50: Noticiário.

RADIO RENASCENÇA — Às 18: Passatempo para o lar; 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: Colóquio, programa dos alunos do Seminário Maior do Porto; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: O seu programa; 20: Vozes do Brasil; 20 e 15: Ritmos em contraste; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 50: A hora do Concílio; 21 e 10: Lugares a concurso; 21 e 15: O disco preferido; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Variedades; 23: A 23.ª hora; 24: Encerramento.

Estação do Porto — A's 18: Portugal e Brasil, nações irmãs; 18 e 15: Solos de piano; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Programa Colóquio; 19 e 25: Boletins religioso e de filmes; 19 e 30: O seu programa; 20: Franca, horizonte do Mundo; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 50: A hora do Concílio; 21 e 10: Lugares a concurso; 21 e 15: O disco preferido; 22: Peça, se faz o favor; 22 e 30: Musica de piano; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS—Das 17 ás 19 e 30: Voz de Lisboa; 19 e 30 ás 22: Rádio Peninsular; 22 á 1: Voz de Lisboa; 1 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

HOJE—Às 18 e 45: Abertura; 18 e 47: TV Educativa. Desenho, pelos profs. C. de Magalhães e José Amaro, e «Francês», pela professora Yvonne Lemoine; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Junta da Acção Social; 20: TV-Motor; 20 e 30: Crónica das Cidades; 20 e 45: No Mundo da Arte; 21 e 20: Telejornal; 21 e 50: Boletim Meteorológico; 22: Noite de Teatro: «Os Anjos não Dormem», de Armando Vieira Pinto; interpretação de Eunice Muñoz, Paulo Renato, Ana Paula e Fernando Gusmão; 23: Estrada do Êxito — programa dedicado ao toureiro António Luís Lopes; 23 e 45: Telejornal; 23 e 55: Meditação; 24: Fecho.

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS

TRINDADE — Ás 21 e 30: «O Casamento».

CINEMAS

TIVOLI — «As noivas do papá».
POLITEAMA — «Duelo no Rio Grande».
ODEON — «9 rapazes e 1 cão».
COLISEU — «Kérim o filho do sheik».
OLIMPIA — «Massacre».
ARCO-IRIS — «David e Golias».
LYS — «Aqui há fantasmas»
CINE BÉLGICA — «Um rei em Nova York».
ROYAL — «O cerco de Siracusa».
RESTELO — «Os 3 sargentos».
VOZ DO OPERÁRIO — «O fio da meada».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

NACIONAL — Ás 21 e 45: «Delírio» («Frénésie»).
MONUMENTAL — A's 21.45 — «A idiota».
CAPITÓLIO — A's 20 e 45 e 23: «O que é bom é p'ra se ver».

CINEMAS

S. JORGE — «Taras Bulba».
MONUMENTAL — «O dia e a hora».
EDEN — «Pão, amor e... totobola».
IMPÉRIO — «Os sorrisos do destino».
S. LUIZ — «Hotel internacional».
ALVALADE — «Hotel internacional».
CONDES — «O império de Roma».
ROMA — «Totó e Cleópatra»
CHIADO TERRASSE — «Treze raparigas aterrorizadas».
PROMOTORA — «A pantera negra».
AVIS — «Dossier secreto 1413».
JARDIM CINEMA — «Golpe internacional».
IDEAL — «A posse do amor».
CAMPOLIDE — «Bruscamente no Verão passado».
CINE MOSCAVIDE — «O abominável homem das alfandegas».
S. L. BENFICA — «Agarra que é ladrão».

FARMÁCIAS

TURNO A

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

ALCÂNTARA — **Bairrão,** R Prior do Crato, 25 (661321).
ALMIRANTE REIS — **Confiança, Av.** Almirante Reis, 45 (42453).
ALVALADE — **Zil,** Aven Igreja, 9 (711780) ✲ **Celta,** R. Moura Girão, 3 (710621).
AMOREIRAS — **Britanica,** T. Légua da Póvoa, 5 (689250).
ANJOS — **Renascença,** R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (831504).
AREEIRO — **Roma,** Av. Roma, 85 (772466) ✲ **Garantia,** Av. P.e Manuel Nóbrega, 5 (727300) ✲ **Imperial,** Av. Guerra Junqueiro, 30 (726860).
ARROIOS — **Veral,** R. Morais Soares, 109 (40632).
AVENIDAS NOVAS — **Alcantara,** Av. Republica, 74 (771379) ✲ **Vale,** Av. Marquês de Tomar, 45 (773043) ✲ **Dalva,** Av. Duque d'Avila, 125 (45225) ✲ **S. Sebastião,** L. S. Sebastião, 1 (48642).
BAIRRO ENCARNAÇÃO — **Zira,** RJ, lote 48 (388172).
BAIXA — **Teixeira Lopes,** R. Aurea, 154 (324816) ✲ **Oliveira,** R. Prata, 240 (321415).
BELÉM — **Moura,** T. Memória, 53 (630944).
BENFICA — **União,** Est. Benfica, 592 (700092) ✲ **Alegria,** Est. Benfica, 180 (780511).
CAMÕES — **Barreto,** R. Loreto, 30 (327284).
CAMPO DE OURIQUE—**Lobel,** R. Infantaria, 16, n.º 98 (688807) ✲ **União,** R. de Infantaria 16, n.º 98-B (688807).
CAMPOLIDE — **Salutar,** R. B. 75 (Bairro Liberdade) (683694) ✲ **Pinto,** R. Campolide, 53-B (682610).
CHARNECA — **Bartolomeu,** Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1 (790969).
CONDE REDONDO — **Sousa Martins,** R. Sousa Martins, 25 (53468).
ESTEFÂNIA — **Estefânia,** R. Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA E LAPA — **Andrade Ribeiro,** Av. Infante Santo, Lote 4, Loja F (666971) ✲ **Paiva Costa,** R. Lapa, 105 (664414).
GRAÇA — **Ziler,** R. de S. Tomé, 54 (886283) ✲ **Central,** R. Penha de França, 58 (849245).
LUMIAR — **Central,** R. Lumiar, 77 (790480) ✲ **Douro,** Al. Linhas Torres, 93 (791131).
MADRAGOA — **Lys,** R Esperança, 17 (660913).
PALHAVÃ — **Canto,** Est. Laranjeiras, 202 (780841).
PICHELEIRA—**Luzmar,** R. João Nascimento Costa, 16-A (728395-720703).
REGO — **Baptista,** R. Francisco Tomás Costa, 3 (771873).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — **Freitas,** Rua Zófimo, Pedroso, 11 (381136) ✲ **Banha,** Est. Chelas, 173 (382241) ✲ **Frazão,** R. Cruz de St.ª Apolónia, 90 (847019).
SANTA MARTA — **Fernandes,** Rua S. José, 187 (326476).
SANTO AMARO — **Biotifar,** R. D. João Castro, 27 (638824) ✲ **Correia Azevedo,** R. Luís Camões, 48 (638625).
S. BENTO — **Castro,** R. S Bento, 199 (660513).

Médico permanente
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS
766146
Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância
CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
TELEFONE 766161

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	—	660$00	—
Cons. 3 % T. 10	709$00	708$00	709$00
Cons 3 1/2 % T. 10 ...	835$00	830$00	840$00
Centenário 4 % 1940 ...	—	1.890$00	1.200$00
Obg Tes. 2 1/2 % 1942	1.000$00	1.000$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.000$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.000$00	—
Externo 1.ª série	—	1.220$00	—
Ext 1.ª série car.	—	1.230$00	1.250$00
Externo 2.ª série	—	1.220$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.220$00	—
Externo 3.ª série	—	—	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.350$00	1.400$00
Caut. 3.ª série s/j.	—	238$00	—
Obrigações			
Águas Lisboa 5 %	—	480$00	—
Norte de Portugal 5 %	—	105$00	—
Gás Elect. 3 3/4 %	—	915$00	925$00
Gás Elect. 4 %	940$00	—	945$00
Gás Elect. 4 1/2 % ...	—	965$00	975$00
Gás Elect. 5 %	—	990$00	1.000$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	82$00	—
U. E. P. 4 % 1945 ...	—	86$00	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	92$00	—
U. E. P. 5 % 1951	—	93$00	94$00
U. E. P. 5 % 1952 ...	—	—	—
H. do Douro	940$00	935$00	945$00
H. E. S. Estrela	—	960$00	—
C. P. 4 1/2 % s/j.	1.006$00	1.005$00	—
Metropolitano	—	980$00	985$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	400$00	400$00	420$00
Angola	—	1.600$00	1.800$00
Espírito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores c/d ...	—	—	2.165$00
Portugal	—	—	—
Ultramarino	—	885$00	890$00
Agricultura	51$00	51$00	51$50
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	350$00	380$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	—	1.700$00
C.ª Ultramarinas			
Ag. Cassequel	—	530$00	545$00
Ag. das Neves	—	—	—
Agric. Colonial	—	130$00	—
Açucar de Angola	—	645$00	680$00
Boror	—	115$00	125$00
Cabinda	—	—	—
Cadé	1.200$00	1.150$00	1.200$00
Colonial do Buzi.....	58$00	58$00	60$00
Ilha do Príncipe	—	—	570$00
Incomati	—	850$00	950$00
Moçambique	—	29$00	31$00
Zambézia	—	40$00	42$00
Diamantes	—	433$00	437$00
Lobito	—	351$00	360$00

C.ª Diversas	Efec.	Compra	Venda
Cimentos Tejo.....	—	750$00	—
Cimentos Leiria	—	—	—
Crédito Predial	—	—	—
Industrial Aliança	—	300$00	370$00
Portugal e Colónias ...	—	—	775$00
Nacional Navegação ...	670$00	670$00	680$00
Colonial Navegação ...	—	417$00	430$00
Port. de Celulose	—	4.050$00	4.120$00
Portuguesa de Pesca ...	—	1.005$00	—
Port. de Tabacos	223$00	222$00	224$00
Tabacos de Portugal ...	545$00	540$00	530$00
Turismo Penima	—	1.100$00	1.150$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Águas Lisboa 1934 ...	375$00	365$00	375$00
Águas Lisboa 1936 ...	—	345$00	350$00
Eléct. das Beiras	—	1.585$00	1.630$00
Gás e Electricidade ...	353$00	352$50	353$50
H. Alto Alentejo	168$00	168$00	168$50
H. E. Cávado	1.205$00	1.205$00	1.210$00
H. E. Zêzere	1.275$00	1.273$00	1.275$00
Nac. de Electricidade...	—	1.290$00	1.300$00
União Eléctrica Port....	172$00	172$50	173$50
H. do Douro	1.115$00	1.114$00	1.116$00
H. Portuguesa	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
Sacor	4.300$00	4.280$00	4.350$00

BANCO BORGES & IRMÃO

PAISES	COMPRA	VENDA
África do Sul	38$00	39$00
Alemanha	7$10	7$30
América:		
Dólares de 1 e 2 ...	28$30	28$60
Dólares de 5 a 1000...	28$50	28$80
Argentina	$19	$23
Áustria	1$10	1$15
Bélgica	$56	$58
Brasil	$02	$02,7
Canadá	26$20	26$70
Dinamarca	4$05	4$25
Espanha	$47,2	$48,2
Conge	$06	$09
França (N. Franco) ...	5$75	5$90
Holanda	7$85	8$10
Inglaterra	79$50	81$00
Itália	$04,55	$04,7
Marrocos	4$70	5$20
Noruega	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suíça	6$58	6$73
Ouro:		
Inglaterra (Libra) ...	287$00	297$00
Inglat (Libra Isabel)	284$00	292$00
Portugal—barra fino...	32$70	33$20

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Telef. 321273

Vida religiosa

Procissão do Senhor dos Passos da Graça

Na igreja da Graça efectua-se, este ano, com a habitual solenidade, a festividade em honra do Senhor Jesus dos Passos.

Hoje, ao fim da tarde, naquele templo, realiza-se a cerimónia da investidura da nova túnica á imagem, oferecida pela sr.ª condessa da Torre, que tomará parte na cerimónia, após a qual o andor com a imagem será conduzido para a capela-mor, onde ficará exposto até domingo, dia em que haverá missa solene, ás 11 e 30, e procissão com os andores do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade, que sairá do templo ás 15 e 30. O prestito será presidido pelo sr. arcebispo de Mitilene e percorrerá o seguinte itinerário: Calçada da Graça, Rua de Santa Marinha, Travessa das Mónicas, Travessa de S. Vicente, Rua da Voz do Operário e Largo da Graça.

Reuniões científicas

Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria

Na sua sede, no salão nobre do Hospital Miguel Bombarda, efectua hoje, pelas 22 horas, a Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria a sessão inaugural da actividade da direcção para o biénio 1964-1965, com a seguinte ordem de trabalhos: alocução presidencial, pelo prof. Miller Guerra, sobre «As relações da Neurologia com a Psiquiatria»; e apresentação e discussão do programa científico da Sociedade no biénio 1964-1965.

CÍRCULO ALCOBACENSE DE ARTE E CULTURA

O Círculo Alcobacense de Arte e Cultura, que já possui uma magnífica orquestra típica, de que é director o maestro Alves Coelho Filho, criou agora uma secção de cultura teatral, com vista á organização de uma secção de teatro experimental. Dirige a nova secção o ceramista Vítor Tomás.

As declarações telefónicas do faroleiro de Rosais

(Continuação da 1.ª página)

embarque dos refugiados.

Ouvimos-lhe estas palavras:

— Estou arrazado! São horas e horas de vigília! Muito obrigado ao «Diário de Lisboa» pelo seu interesse.

Fez uma pequena pausa como que para respirar fundo e acrescentou:

— Aqui, estamos prontos a lutar e a resistir. Sentimo-nos reconfortados com o vosso interesse e com o carinho de todos. Felizmente a situação parece querer melhorar.

O perigo não passou!

E disse mais:

— Mas a situação ainda é grave. O perigo não passou, podem crer. Desculpem, mas estou arrazado e muito rouco. Os senhores mal devem ouvir-me.

E acrescentou:

— Está aqui ao meu lado, o sr. Tomás Pacheco, funcionário do Ministério da Marinha e faroleiro em Rosais, que tem acompanhado e vivido toda esta tragédia. Ele mai falar-lhes.

A voz emocionada do faroleiro

— Sim senhor, sr. presidente. E muito obrigado por tudo, pela sua atenção e pela actividade que vem desenvolvendo — foram estas as palavras que lhe ouvimos.

E a seguir:

— Está? Está? Daqui fala o funcionário do Ministério da Marinha, Tomás Pacheco, faroleiro de Rosais. Posso falar? Ouve bem?

— Sim senhor.

— Como sabe tivemos que abandonar o farol. Foi uma amargura, tudo isto...

— Repetiram-se os abalos nas últimas horas? Quando foi o último?

Com entoação emocionada:

— Esta madrugada houve outro. Eram 3 horas e 2 minutos locais (5 horas e 2 minutos em Lisboa).

O diálogo prosseguiu:

— Ainda ficaram muitos habitantes na ilha? Onde estão? Nos campos?

— Sim, ainda ficaram bastantes. As localidades mais atingidas foram Rosais, onde eu estava, e Velas. E' muito grande o número de habitações destruidas. Olhe, só em Rosais, mais de 100!

E o nosso informador continuou:

— Os habitantes que não seguiram para Angra, foram alojados e distribuidos pelas freguesias mais próximas e menos atingidas. Estão em casas particulares, em edifícios publicos e em barracas e acampamentos erguidos á pressa.

Ordem e disciplina

— Houve sempre boa ordem?

— Sim senhor, a ordem é geral, muito embora se viva uma situação muito dolorosa.

Outra frase:

— Felizmente que nas ultimas 24 horas não houve abalos fortes. O que se sentiu esta madrugada foi fraco e não causou mais prejuizos.

Sob mau tempo

— Como está o tempo?

— Mantém-se muito mau por aqui: vento forte e chuva, frio e muita humidade.

E acrescentou:

— O céu está bastante nublado. Três quartas partes do firmamento estão cobertas de nuvens negras. Este estado do tempo tem prejudicado o reabastecimento desta infeliz terra.

Vão escassear os víveres

—Então, os alimentos são insuficientes?

— Sim senhor, apenas por causa das dificuldades de reabastecimento muito embora todas as ilhas nos estejam a ajudar com a maior generosidade.

Uma revelação:

— Os aviões já voam sobre a ilha, mas a grande altura, e acabam por se ir embora, sem lançarem os sacos com víveres, pois a péssima visibilidade não permite visar os alvos uteis.

— Qual é a situação do gado?

— Anda solto pela ilha, mas penso que ainda não se perderam cabeças. Tudo isto é um drama. Os habitantes das regiões menos atingidas também vão tomando conta de uma parte das manadas.

— E quanto a pessoas feridas. Não há efectivamente gente ferida?

— Não senhor, graças a Deus, não há. Estamos todos muito abalados, como calculará, mas não há feridos.

Interrompemos:

— Oiça, sr. Tomás Pacheco: as comunicações têm funcionado regularmente?

— Estou a ouví-lo com muita dificuldade...

Depois:

— Sim, agora está a ouvir-se. Aliás, tem sido quase sempre assim.

— Sempre estão a montar um posto na vila do Topo?

— Estão sim, senhor. O pessoal dos Correios anda lá a trabalhar esforçadamente. Todos se têm esforçado sem quebras. Este sofrimento também tem servido para mostrar a rija têmpera desta boa gente açoriana!

E a despedir-se:

— Boa tarde, meus senhores, e obrigado pelo interesse do «Diário de Lisboa»...

FRAGA IRIBARNE

O ministro Fraga Iribarne

estará em Lisboa de 1 a 4 de Março

A convite do Governo português, o ministro da Informação e Turismo de Espanha, D. Manuel Fraga Iribarne, visitará o nosso País de 1 a 4 de Março, conforme o «Diário de Lisboa» noticiou há dias em primeira mão.

O ministro Fraga Iribarne, que se fará acompanhar de alguns dos seus colaboradores, será recebido pelo Chefe do Estado e pelo sr. Presidente do Conselho, e estudará, com o sr. subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, problemas de interesse comum para os dois países, nos domínios da informação e do turismo. Nesses trabalhos tomarão parte as delegações espanhola e portuguesa, constituídas por funcionários dos respectivos departamentos.

Receios de que recomece a actividade sísmica

O sr. ministro do Interior continuou hoje, durante a manhã, especialmente ocupado com os acontecimentos respeitantes á situação criada nos Açores com os abalos sísmicos.

Pouco depois do meio-dia, o sr. dr. Santos Junior voltou a estabelecer contacto telefónico com o governador do distrito autónomo de Angra do Heroismo, que lhe deu conta da situação registada com a actividade telurica que atinge as ilhas do grupo central dos Açores.

Após essa conversação, aquele membro do Governo prestou esclarecimentos aos jornalistas sobre as impressões recolhidas do governador de Angra, dizendo que, nessa altura, a situação era de acalmia, embora persistisse o meu tempo e a dificuldade no estabelecimento de comunicações. Por outro lado, apesar de não estar tão enervada, a população receia que recomece a actividade sísmica.

Ainda nada está decidido sobre a data da partida do sr. dr. Santos Junior para os Açores, esperando-se, porém, que o avião em que o ministro viaje possa descolar amanhã da Portela.

O acordo argelo-marroquino

(Continuação da 1.ª página)

decidido em Bamako, em Outubro — em Addis Abeba, duas semanas mais tarde, e por iniciativa do imperador Selassié, os 32 ministros dos Negócios Estrangeiros da organização da Unidade Africana criaram uma comissão de 7 membros para arbitrar o conflito. A comissão reuniu-se no dia 24 do mês passado.

Entretanto, o esperado encontro, em Tunes, de Ben Bella com o rei de Marrocos, quando dos festejos da «libertação» de Bizerta, não se efectuou, por recusa do rei Hassan.

Os «sete» adiaram os trabalhos para Março. Mas havia a impressão de que os contactos directos, criados progressivamente entre os Governos de Argel e Rabat, conduziam a uma solução definitiva do «mal-entendido» de Outubro. Com efeito, assim foi, ao que parece. — (F. P. e R.).

CONFIRMAÇÃO MARROQUINA

RABAT, 20. — Confirma-se a assinatura do acordo entre Marrocos e a Argélia, pondo termo ao conflito fronteiriço. Um informador do Governo marroquino corroborou as palavras de Ben Bella. O acordo foi assinado ontem em Rabat. — (A. N. I.).

Devido ao recrudescimento do temporal nos Açores

os navios de guerra abandonaram a Calheta e refugiaram-se na Horta

(Do nosso correspondente Gustavo Soares Moura)

PONTA DELGADA, 20 — Os Serviços Meteorológicos informaram não ter havido actividade sísmica importante no arquipélago desde as 6 e 30 (T. M. G.).

Durante a noite e esta manhã os sismógrafos da Horta registaram seis pequenos abalos, que não foram sentidos pela população.

Entretanto, a ilha de S. Jorge e as restantes do grupo central estão a ser flageladas por forte temporal que impede todas as comunicações.

Os navios-patrulhas «Maio» e «Santa Luzia» tiveram de se abrigar no porto da Horta, devido á violência da tempestade sobre a ilha de S. Jorge.

As declarações de Johnson

(Continuação da 1.ª página)

africanas e encaram favorávelmente o espírito de cooperação crescente» através do continente.

O presidente fez esta declaração numa mensagem dirigida á Vi reunião plenária da Comissão Económica para a África, das Nações Unidas (C. E. A.), que hoje começou em Addis-Abeba.

Prestando justiça aos trabalhos da comissão, Johnson refere-se também á nascente cooperação política e económica como «prova da sabedoria dos dirigentes dos países africanos independentes». — (F. P.).

A REUNIÃO NA CAPITAL DA ETIÓPIA

ADDIS-ABEBA, 20. — A sexta conferência da Comissão Económica para a África começou hoje, nesta capital. Assistem perto de 400 delegados dos Estados africanos independentes, bem como observadores dos países que ainda possuem responsabilidades em África: a França, a Grã-Bretanha e a Espanha.

Portugal foi excluido da C. E. A. e a África do Sul encontra-se suspensa enquanto não renunciar á sua política de «apartheid». Um único país africano independente não compareceu: a Somália. — (F. P.).

O hospital de Alcoitão

(Continuação da página central)

especialidade, constituindo, além disso, um sector importante de especialização médica. Dado que os actuais fisioterapas não são pròpriamente especialistas de reabilitação, o ministro da Saúde ventilou o assunto que deverá ser presente à Ordem dos Médicos, criando-se, consequentemente, uma nova especialização clínica.

Tendo em vista as crianças que venham a ser internadas, funcionará no Centro um curso de instrução escolar primária.

A grandeza desta obra avalia-se ainda por alguns números significativos: estão colocados já 35 quilómetros de tubos e 9000 metros quadrados de ladrilhos de plástico que revestem os pavimentos (a maior realização deste tipo feita até hoje entre nós).

No bloco principal está instalada uma piscina de tratamentos e exercícios, de 16 por 6 metros, que funcionará com água corrente aquecida e a pressão.

Os visitantes, que foram esclarecidos sobre os diversos pormenores da obra, ficaram bem impressionados com o ritmo dos trabalhos de acabamento e moldes em que está realizado um empreendimento que não só é único em Portugal como se coloca, com vantagem, ao lado do que de melhor se tem feito no estrangeiro.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava encoberto e havia nevoeiro em algumas regiões por influência de uma massa de ar tropical marítimo humido, transportada na circulação de um pequeno anticiclone centrado no Norte de África.

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 14°; Portalegre, 10°; Coimbra, 13°; Lisboa e Faro, 12°; Funchal, 17°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 14°,5; na água do mar, 15°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS — Máxima, 17°,6; mínima, 12°,6. No mesmo dia do ano passado — Máxima, 14°,9; mínima, 8°,3.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado, por vezes pouco nublado, vento moderado de sueste, podendo passar a sudoeste fresco. Possibilidade de períodos de chuvisco, em especial na faixa costeira do Centro e Norte. Fraco arrefecimento nocturno.

SOL — AMANHÃ: *Nascer ás 7 e 22* *Ocaso ás 18-e 20*

FASES DA LUA

Hoje — Dia 27 — Dia 6 — Dia 14

MARÉS

PREIA-MAR — Dia 20 — Às 7 e 59 (3,51 m); 20 e 35 (3,37 m). Dia 21 — Às 9 e 16 (3,34 m); 21 e 53 (3,31 m). Dia 22 — Às 10 e 41 (3,29 m); 23 e 21 (3,39 m).

BAIXA-MAR — Dia 20 — Às 1 e 27 (1,31 m); 14 (1,41 m). Dia 21 — Às 2 e 38 (1,48 m); 15 e 26 (1,57 m). Dia 22 — Às 4 e 11 (1,53 m); 16 e 47 (1,58 m).

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

JUNTA DAS CONSTRUÇÕES PARA O ENSINO TÉCNICO E SECUNDÁRIO

CONCURSO PÚBLICO para arrematação da empreitada de construção do Liceu de Bragança (1. categoria — 2.ª classe subclasse B).

Faz-se publico que ás 15,30 horas do dia 11 de Março de 1964, se procederá, na sede desta Junta, Rua dos Navegantes, 53-1.º, em Lisboa, ao concurso publico acima designado.

Base de licitação ..... 8 248 000$00
Depósito provisório .. 210 000$00

O processo do concurso encontra-se patente em Lisboa, na sede da Junta; no Porto na Associação Industrial Portuense e em Bragança, na Direcção de Estradas.

Lisboa, em 20 de Fevereiro de 1964.

ECONOMIA & FINANÇAS

Nesta colecção acabam de sair dois volumes da autoria do

PROF. MARTIM NOEL MONTEIRO

CONTABILIDADE INDUSTRIAL

Tratado teórico-prático da contabilidade aplicada á Indústria

A CONTABILIDADE EM FACE DA LEI FISCAL

A matéria da reforma tributária comentada do ponto de vista contabilístico

VOL. I

2.ª EDIÇÃO, revista e actualizada

PORTUGÁLIA EDITORA

Avenida da Liberdade, 13-3.º-D. — LISBOA-2

AMANHÃ ANDA A RODA
CAMPIÃO
SEMPRE PREMIOS GRANDES

Vida literária e artística

NÚMERO 290
20 - FEVEREIRO - 1964

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA»

No dia 18 deste mês de Fevereiro de 1964, passaram quatro séculos sobre a morte de Miguel Angelo, uma das figuras mais extraordinárias, não só da história da arte como da história mais vasta da experiência humana em todos os seus mais profundos sentidos. A data vai ser celebrada, sem duvida, em todos os países, que não deixam de exaltar os grandes valores da cultura nas suas mais altas representações. Será oportuno lembrar que Portugal não deve manter-se alheio ao significado deste acontecimento, assumindo as instituições representativas da cultura artística e intelectual a responsabilidade de lhe dar entre nós o devido eco.

No IV centenário da morte de Miguel Ângelo

HÁ quatro séculos, precisamente ao cair da tarde do dia 18 de Fevereiro de 1564, extinguia-se, em Roma, Miguel Angelo Buonarroti. No mês seguinte, completaria 89 anos. O colosso — «capo, padre e maestro di tutti», como o reconheceu Vasari — estava exausto, conquanto dias antes ainda teimasse em trabalhar na sua inacabada *Pietá*, a Rondanini, como é conhecida, escultura de que se ocupava havia uma duzia de anos e tão diferente era, na sua austeridade e desolação, de tudo o mais a que insuflara o seu exaltado espírito.

Findara pois a sua árdua e angustiosa luta de artista e de homem, alcançando finalmente aquela paz por que há muito suspirara. O artista fora vitima da opulência dos seus dons. O prolongado e subtil sofrimento da sua vida de criador — e até de patriota e de democrata — é decifrável na sua obra e explícito em termos comovedores nos seus lapidares e dantescos poemas.

Se as palavras não andassem tão gastas, se não se houvesse repetido tão imprudente e impròpriamente a palavra *prodigio*, era esta que tudo diria e melhor se ajustaria a este artista, de desmedida e multimoda envergadura criadora entre os homens.

A sua energia espiritual parece ter sido uma força da própria natureza, como um rio de lava que rompesse a crosta terrestre e explodisse em miriades de faiscas, incendiando e iluminando o mundo.

Pelos vinte e cinco anos, quando tantos ensaiam o seu caminho, Miguel Angelo esculpirá logo duas obras-primas, a *Pietá* que se admira em S. Pedro de Roma, e o gigantesco e celebrado *David*, de Florença, como que um novo Adão, de heróica e triunfante expressão, e que tão bem traduz o ideal renascentista.

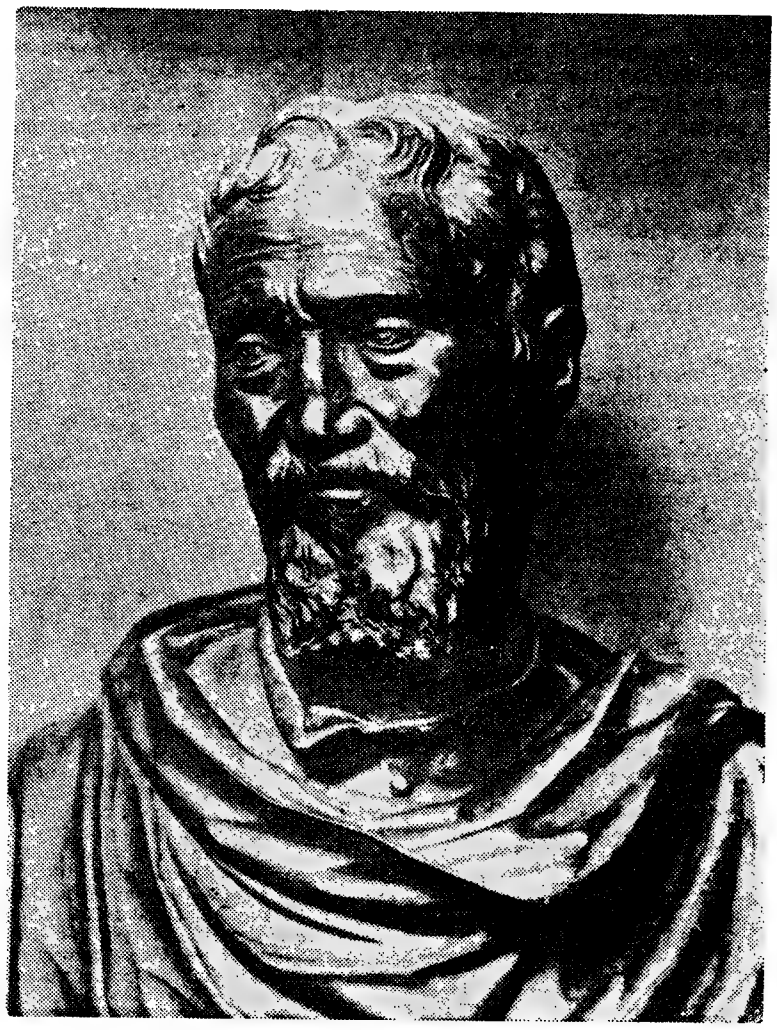
Mas em breve a sua obra alçar-se-á, num voo imenso e sem par, a monumentais e inusitados conjuntos, onde a sua compleição titanica se medirá pela escala das suas concepções. O projecto do tumulo do papa Julio II é um deles, infelizmente e contra sua vontade nunca levado a bom termo, de que restam o majestoso *Moisés* (Roma), a simbólica *Vitória* (Florença) e os famosos *Escravos* (Louvre). A decoração da abóbada da Capela Sistina é outra, e acabada, demonstração do seu universo. Pintada em quatro durissimos anos (1508-1512), essa abóbada esmaga-nos pela complexidade de todos os seus elementos arquitectónicos, plásticos e miticos, tudo fundido e harmonizado numa luminosa e maravilhosa unidade.

Já aqui se define, dentro dos quadros biblicos da perfeita composição geral, a suprema presença do Homem. Miguel Angelo, todavia, não foi um retratista. Por isso, não possuiu aquela visão psicológica acertadamente acusada por Eric Newton em Donatello. Miguel Angelo não precisava, na verdade, dessa visão nem, de igual modo, da paisagística. O que tinha a exprimir era com o homem inteiro, através dele, do corpo humano como se este fora uma corda tensa, sujeita a caprichosas e significativas torsões, de um instrumento universal. Como muito bem disse Michael Ayrton: «o bloco de mármore era a sua casa; o torso humano a sua paisagem».

Vinte e cinco anos depois trava o artista na mesma Capela Sistina novo e inaudito combate ao pintar o *Juizo Final*. Toda uma tumultuosa humanidade rodopia sob um sopro épico, em que as próprias divindades se agigantam e humanizam. Delacroix chamou-lhe a «festa da carne». Mas subjacente á pintura e á festa anatómica desses vigorosos corpos está um pensamento profundo e um sentimento amargo. E, artísticamente, a obra é revolucionária pela patente negação do espaço renascentista herdado do século XV.

E' por essa época que o nosso esquecido Francisco de Holanda, jovem e erudito artista em viagem de estudo por Itália, conversa com o Mestre, e atento a tal privilégio — honra lhe seja! —, sabe registar alguns dos seus conceitos estéticos nos «Diálogos» da sua *Pintura Antigua* (1548), assim ligando Portugal á

(Continua na página central)



Busto de bronze representando Miguel Ângelo, da autoria de Daniele da Volterra (Galeria Buonarroti, de Florença)

Uma das criações mais extraordinárias e perfeitas de Miguel Ângelo: o Moisés que se encontra hoje na igreja de S. Pietro in Vincoli, em Roma

Um poema de Miguel Ângelo

... Che nostra miseria el ciel ti tolle
Increscati di me, che morto vivo.
Tu se' del morir morto e facto divo,
Ne tem' or piu cangiar vita ne voglia,
Che quasi senza invidia non lo scrivo.
Fortuna e l' Tempo dentro a vostra soglia
Non tenta trapassar, per chui s'adduce
Fra no' dubbia letitia e certa doglia.
Nube non è che scuri vostra luce,
L'ore distinte a voi non fanno forza,
Caso o necessita non vi conduce.
Vostro splendor per nocte non s'ammorza
Ne crescie ma' per giorno, benche chiaro
Non è, com'alcun crede, morte il peggio
A chi l'ultimo di trasciende al primo
Per Gratia ecterno appresso al divin seggio...

(... Que da nossa miséria o céu te liberte
Tem piedade de mim, que vivo como um morto.
Tu estás morto para a morte, feito divino,
Já não temes a transformação do ser e do desejo
E a custo o escrevo sem inveja.
O Destino e o Tempo, que nos trazem apenas
A dúbia felicidade e a desgraça certa,
Não ousam passar o limiar da tua porta.
Nenhuma nuvem obscurece a vossa luz
As horas que se sucedem não vos violentam
O acaso e a necessidade não vos conduzem.
A noite não atinge o vosso esplendor
O dia, por muito claro que seja, não o realça mais
Para quem o último dia transcende o primeiro
A morte não é, como se crê, o pior
Pela graça feito eterno na divina mansão.)

NOTA SOBRE POESIA EXPERIMENTAL

por E. M. DE MELO E CASTRO

POESIA. Poesia Experimental. Experimental de quê? Para quê? Como?

.....

Ainda na segunda metade deste século vinte, a convicção de que se aproximam a exaustão e termo das formas artísticas vai conquistando adeptos. Procuram eles razões para o fim da arte em manifestações de desagregação dos sistemas mais recentemente herdados de complexos sociais e humanos que, muito òbviamente, não são as vivências do nosso presente.

A preocupação com esses sinais de desagregação é, para nós, sintoma de preocupação com os próprios fundamentos da actividade criadora do homem. Deles deduzir o fim da arte é condenar ao desaparecimento essa mesma actividade criadora. É mutilar o homem numa das suas expressões essenciais.

No entanto, este mesmo homem pensa que no campo tecnológico e científico, e também nas esferas económicas mundiais, tudo está no começo, que afloramos apenas uma nova era de expansão e aprofundamento. Os progressos económicos verificados em algumas zonas do Mundo levam-nos a falar em diversos bem conhecidos «milagres» de desenvolvimento que talvez nos deixem antever a possibilidade mais ou menos próxima de alargamento das suas zonas de influência até a uma previsível universalização dos seus benefícios. Os problemas humanos cada vez mais dependem do progresso económico cada vez mais dependente do desenvolvimento tecnológico. Este assenta numa aberta mentalidade investigadora e experimentalista. Experimenta-se para

(Continua na 19.ª página)

PEQUENO MAGAZINE

Novo tipo de pilha eléctrica

Foi apresentado na Exposição da Sociedade de Física em Londres, um novo tipo de pilha eléctrica, recarregável e que pode acumular mais energia em espaço reduzido do que qualquer das outras pilhas ou bateriais correntes. Funciona com base no princípio da supercondutividade, ou seja a completa eliminação, num metal, da menor resistência ao fluxo de corrente eléctrica.

Se o novo tipo de pilha tiver possibilidades de ser aperfeiçoado e posto em utilização prática, todas as ideias actuais sobre acumulação e distribuição de electricidade poderão vir a sofrer os efeitos de uma total revolução.

As grandes reservas monetárias da Áustria

Actualmente, a Áustria tem reservas monetárias suficientes para cobrir as necessidades de importação do país durante um período de oito meses e meio, ou para cobrir o «deficit» do comércio externo no decurso de três anos e meio.

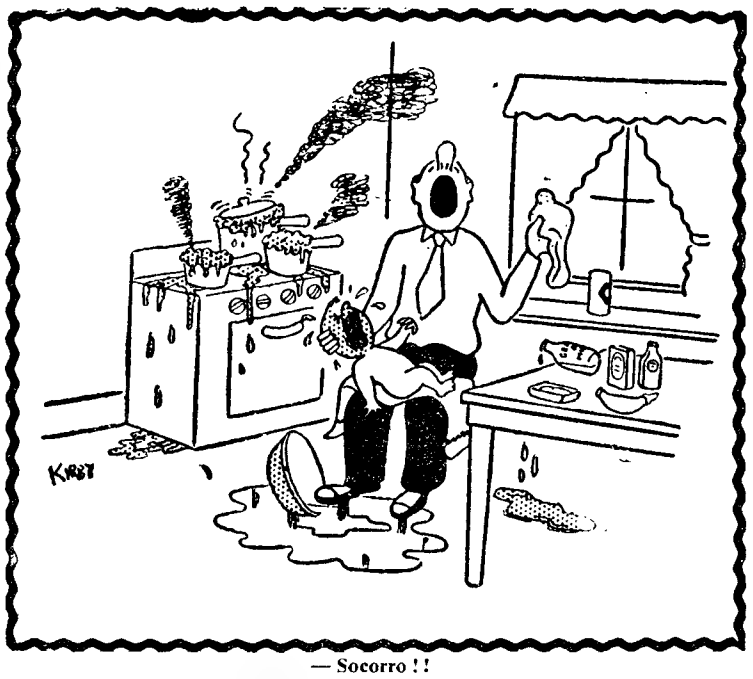
As reservas monetárias, per capita, atingem um montante de 4194 xelins, ou seja, 163,3 dólares. Nos próprios Estados Unidos da América do tais reservas não atingem mais do que 80 dólares por cada habitante.

A PRODUÇÃO MUNDIAL AGRÍCOLA

Depois da «pausa» observada em 1961-62, a produção agrícola mundial progrediu de 2 a 3 por cento em 1962-63, calcula-se na FAO, com base nas avaliações provisórias referentes a doze meses que terminaram em 30 de Junho de 1963.

Segundo estas indicações não se prevê mudança alguma importante, do nível de produção em 1963-64. É provável que a recente alteração dos preços de certos géneros «não seja temporária». Enfim, o comércio mundial de produtos agrícolas, em volume e em valor, não sofreu quase nenhuma alteração em 1962 em relação a 1961.

A produção agrícola progrediu designadamente nas diferentes partes do Mundo. Aumentou 5 por cento em Africa, no Próximo-Oriente (apesar dos vários anos de seca), na Oceania e na Europa Ocidental, e de 1 por cento apenas no Extremo-Oriente (fora a China continental).

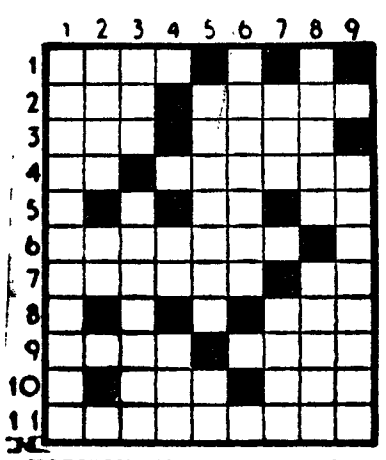


— Socorro !!

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 3303



HORIZONTAIS: 1 — Senhora. 2 — Data. De preferência. 3 — Estar Ecoem. 4 — Nota de musica. Retrocedem. 5 — Descoberto. Solitário. 6 — Mensageiros. 7 — Palavreado. Licenciado. 8 — O qual. 9 — Nojo. Em certos. 10 — Repercussão. Partias. 11 — Retardasse.

VERTICAIS: 1—Soltava ao vento. 2 — Região. Acusada. 3 — Oceano Assemelhar-se. 4 — Grito de dor. Escavada. 5 — Observar bem. Artigo (pl.). 6 — Inofensivos. 7 — De tua propriedade. Desejou. 8 — Assuntos. Montes de areia produzidos pelos ventos, junto das praias. 9 — Expirasse.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 3302

HORIZONTAIS: 1 — Falariam. 2 — Repele. Ló. 3 — A. Ui. FOME. 4 — Ter. Tu. Er. 5 — Ano. Enfim. 6 — Adido. 7 — NÃO. Ti. Ás. 8 — Oneram. 9 — Tramava. 10 — Elemi TEM. 11 — Remascara.

VERTICAIS: 1 — Rata. Ser. 2 — Fé. Então. Lê. 3 — Apuro. Ontem. 4 — LEI. Erma. 5 — Al. Teatrais. 6 — Refundiam. 7 — Fi. Mata. 8 — Almeida. Ver. 9 — Moermos. Ama.

Provérbio: A FOME NÃO TEM LEI.

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 7148

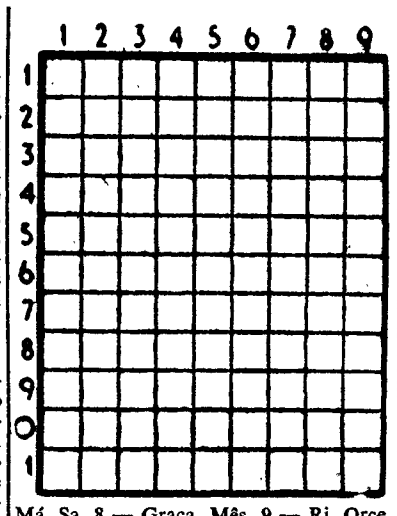
HORIZONTAIS: 1—Grandes. Içam. 2 — Rio de França. Realizo. 3 — Álcool de melaço. Rer. 4 — Nome de mulher. 5 — Bigorna de ourives. Quatro em romano. Abreviatura de Santíssimo. 6 — Artigo definido. Aves pernaltas. 7 — Emprega. Árvore mirtácea da América. 8 — Nome de um peixe. Aqui. 9 — Larva das feridas dos animais. Dais pios. 10 — Frechas farpadas dos índios da América do Sul. Estrépito de desmoronamento. 11 — Gases compostos de azoto e hidrogénio que se encontram nas matérias em decomposição.

VERTICAIS: 1 — Símbolo químico do gálio. Freguesia do concelho de Vila Nova de Ourem. 2 — Troçar. Tostaram. 3 — Que dura um ano. Vergo ao peso da carga. (pop.). 4 — Mulo. Prefixo de privação. 5 — Verseja. Letra grega. 6 — Aplaudir. 7 — Rei lendário que é o herói de uma das tragédias de Shakespeare. Tira. 8 — Superfícies planas delimitadas. Cidade do Egipto. 9 — Maior. Pronome possessivo. Eia!

Solução do problema n. 7147

HORIZONTAIS: 1—Alma. Pia. 2—Rei. Perca. 3 — Ag. Noas. 4 — Logo. Ba. 5 — Assomas. 6 — Sal. Ares. 7 — Má. Sa. 8 — Graça. Mês. 9 — Ri. Orce. 10 — Ema. Rodai. 11 — Sacrários.

VERTICAIS: 1 — Aral. Sagres. 2 — Lego. Rima. 3 — Mi. Gália. AC. 4 — Mós. Co. 5 — Samarra. 6 — Penhora. Cor. 7 — Iró. Me. Medi. 8 — Acabasse. Ao. 9 — Asas. Assis.



«CARVÕES»

FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA
Palácio Atlântico — salas 402/4
PORTO

AVISO

Avisam-se os interessados de que está aberto concurso, pelo prazo de 20 dias, a contar da data da publicação deste anúncio, para provimento de vagas de «Aspirante» e «Dactilógrafo de 2.ª».

Porto, 18 de Fevereiro de 1964.

O Presidente da Direcção
Manuel Moreira do Amaral (Eng.º)

FORÇA AÉREA

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE RECRUTAMENTO E INSTRUÇÃO

CENTRO DE RECRUTAMENTO N.º 1

ANÚNCIO

Concurso para a admissão de oficiais graduados médicos Veterinários

Faz-se público que se encontra aberto concurso para provimento de duas vagas de Oficiais Graduados Médicos Veterinários em conformidade com o Decreto n.º 44 727 de 24-11-1962.

Os interessados deverão apresentar no Centro de Recrutamento n.º 1, Rua Andrade Corvo n.º 25/A — LISBOA, os seguintes documentos, dentro do prazo de 60 dias a contar da data da publicação do presente anúncio no Diário do Governo:

— Requerimento dirigido a Sua Ex.ª o Secretário de Estado da Aeronáutica.
— Certificado do registo criminal e policial
— Declaração a que se refere o Decreto n.º 27.003
— Certidão de Nascimento (teor)
— Pública Forma da carta de curso
— Curriculum Vitae
— Outros documentos que o candidato julgue de interesse, abonatórios da sua competência profissional.

Do requerimento deverá constar a morada, e mais elementos de identificação.

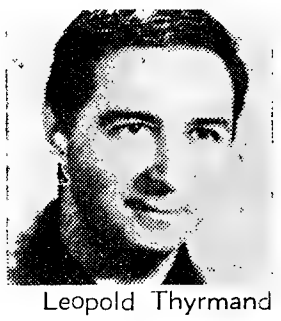
O Centro de Recrutamento n.º 1 fornecerá o Boletim Questionário de Inscrição e as informações que lhe forem solicitadas.

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1964.

O CHEFE DO CENTRO
Eurico Gonçalves Monteiro
Maj. Art.ª

A VIDA AVENTUROSA DE MARCO POLO 29

Um caso invulgar na moderna literatura mundial



Leopold Thyrmand

No período que se seguiu ao pós-guerra apareceram no panorama literário mundial muitos nomes até então desconhecidos.

Sven Hassel, na Dinamarca; Manfred Gregor, Hans Hellmut Kirst, na Alemanha; André Schwarz-Bart, Roger Vailland, Pierre Gascar, na França; Vittorini, Pratolini, Italo Calvino, na Itália; André Kedros, na Grécia; Norman Mailler, Leon Uris, nos Estados Unidos, e tantos outros, foram buscar á experiência dos tempos de guerra o material para os seus livros, documentos de uma época e da sua angustia, obras sobre uma luta vivida na carne.

Romances e livros de contos sobre a Resistência, fosse ela francesa, italiana ou judaica (essa epopeia heróica do *ghetto* de Varsóvia que é *MILA 18*, de Leon Uris!), escritos com a pujança fruto do conhecimento e do amor; fantásticas descrições que pareciam invenção de mentes delirantes se não fossem, infelizmente, retratos fiéis sobre os campos de concentração, sagas de uma luta colectiva, plena de casos de sacrifício e de uma esperança fecunda. Resumindo: toda uma literatura de testemunho, escrita por homens que tinham sentido o que narravam, que ao escreverem livros como «O Ultimo dos Justos», «Os Homens e os Outros» «A Cabra Cega», «Tempo dos Mortos», «Deus Dorme em Masuria», «A Ponte», «Os Nus e os Mortos», «Fábrica de Oficiais», etc..., ultrapassaram a mera descrição documental para a revitalizarem com a ficção, aliando á poesia um humor negro, por vezes cru, ou então mostrarem objectivamente factos e personagens, numa elaboração romanesca que possibilita aos outros homens uma visão correcta de uma época.

A Polónia também tem os seus grandes escritores do pós-guerra. Entre outros, sobressai Leopold Thyrmand, um caso invulgar de lucidez crítica. Nascido em Varsóvia, em 1920, Leopold Thyrmand estudou em Paris na Academia das Belas-Artes. Quando deflagrou a segunda guerra mundial encontrava-se em Varsóvia; deportado em 1943 para a Alemanha, evadiu-se para a Noruega em 1944. Homem de acção consciente das suas responsabilidades pertenceu á Resistência norueguesa e cooperou com a Cruz Vermelha Internacional.

Em 1946, já de regresso a Varsóvia, trabalhou na redacção de várias revistas, como por exemplo, *Przekroj*, tendo assinado numerosos artigos, incluindo alguns sobre desporto. O seu primeiro livro, uma recolha de contos, apareceu em 1948; e, depois de ter abandonado a redacção do *Przekroj*, colaborou no semanário católico *Tyodonik Powssechny*, a unica publicação independente que sobreviveu durante a era estalinista. À sua estreia literária, «Hotel Ansgar», o volume de contos que atrás referimos, seguiu-se o romance «Zly, o Mau», «O Sabor Amargo do Chocolate Lucullus» (contos), o romance «Sete Viagens Distantes» e um ensaio intitulado «Nas Margens do Jazz». Colaborou também na industria cinematográfica polaca. «Zly, o Mau», foi o romance que lhe deu renome mundial e é hoje considerado um dos maiores romances escritos no pós-guerra sobre poblemas levantados pelo grande conflito mundial.

— 100 000 exemplares esgotados vertiginosamente na Polónia quando o papel escasseava;

— Uma procura tão intensa que períodos houve em que só foi possível obtê-lo no «mercado negro» em Varsóvia a um preço equivalente a mais de 400$00 o exemplar;

— Uma imediata projecção mundial com traduções publicadas em doze países, transformaram «Zly, o Mau», com os seus 500 000 exemplares editados, num grande «best-seller».

«Zly, o Mau», é o retrato fiel da Varsóvia do pós-guerra, invadida pelos bandos de «teddy-boys», oportunistas, traficantes e inuteis que sempre proliferam nas ruínas de uma grande cidade que emerge da guerra, evoluindo para uma nova estrutura social. Sobrepondo-se a todas as outras, a figura de Zly, estranho justiceiro de força hercúlea que desafia simultaneamente a polícia e os aventureiros, vem conferir ao romance um tom épico invulgar, não desprovido de poesia.

Romance de «situação», escrito com um realismo surpreendente, «Zly, o Mau», é um magnífico retrato da juventude transviada do pós-guerra e coloca para já o nome do seu autor na primeira fila dos autores que melhor «entenderam» o seu conturbado século.

NOTA SOBRE POESIA EXPERIMENTAL

(Continuação da 17.ª página)

se conhecer e para objectivar em resultados práticos os conhecimentos obtidos. Mas, dizem os cientistas, e nós bem o sentimos, tudo está ainda no começo. O ruir de uma época pode arrastar consigo os métodos, os vícios, os preconceitos adquiridos pelos homens dessa época, mas não arrasta as qualidades e as funções biológicas e intelectuais do Homem. O fim da actividade criadora corresponderia, assim, ao fim do próprio Homem. Propõe-se o problema: no início da aventura espacial e no momento em que pela primeira vez na história se antevê a possibilidade de se resolver o problema da fome, será concebível que quem acredita que a actividade artística chegou ao termo (na ânsia de defender formas ultrapassadas) tenha plena consciência de que ao fazê-lo condena, só por isso, a Humanidade à próxima extinção?

O absurdo desta posição força-nos ainda a fazer outras perguntas: Como poderia a Humanidade, justamente no início de uma nova fase de desenvolvimento, ter perdido as virtualidades criadoras?

Como poderá no delinear do futuro, alguém pensar em humanidade destituída de actividade estética, quando uma das características já claramente visíveis desse mesmo futuro que desponta é um amplo e tenso contacto com os valores plásticos e espaciais do Mundo e até do Universo?

Os problemas da actividade criadora e das manifestações estéticas do Homem devem ser encarados de frente, tal como todos os dias se põem em dúvida e se reequacionam os problemas económicos e científicos e se propõem novas respostas e soluções.

Se para outros ramos do conhecimento e da filosofia somos capazes de encontrar as linhas de força dominantes, não se concebe que tal não seja possível para a actividade criadora. Eis porque a atitude experimental em relação à poesia não é uma determinada corrente estética mas uma atitude mental de investigação e de procura, de sincronismo vital do artista, não já com o tempo mas sim com os meios, métodos e problemas que a sociedade e a ciência dispõem e propõem como tìpicamente seus, perante a invasão inevitável do futuro.

O Homo Economicus que desponta não é um ser castrado estèticamente. A sê-lo, teria que desaparecer o radical Homo. É antes um ser psicològicamente complexo em elevado grau, em que a actividade estética só se poderá manifestar de um modo altamente evoluído correspondente aos níveis dessa mesma complexidade psicológica. E se isto é verdade em relação aos mecanismos e estruturas do processo criador e em relação à natureza específica do artista, por outro lado a arte de vanguarda e experimental propõe objectos artísticos que se colocam, como tal, mais no campo sociológico do que no psicológico. A obra de arte experimental isola-se do seu autor e coloca-se numa perspectiva de disseminação colectiva de informação: a informação da sua própria existência como objecto belo, correspondendo às necessidades estéticas da colectividade. Necessidades essas que cada indivíduo da colectividade procurará satisfazer através da percepção *sui generis* que tiver dessa mesma obra.

É neste sentido que o compositor Stockausen diz que «a obra de arte dá-se como objecto que é, compete ao público usá-la como entender e achar que melhor lhe serve, numa perspectiva humana de permuta e correlativo entendimento». É que as relações humanas necessitam de objectos exteriores para se referenciarem, estabelecendo-se assim uma plataforma concreta para o entendimento.

A atitude experimental em poesia assenta num aprofundamento do estudo da possibilidade ou impossibilidade de comunicação entre os homens através dos vários sistemas de sinalização dirigidos especìficamente às portas da percepção. A obra de arte necessita, pois, de ter existência objectiva estruturada nesses sistemas de sinalização. A relação dá-se, portanto, entre quem dela se apercebe e a obra como objecto. O autor, entidade psicológica, fica necessàriamente fora do circuito. A obra de arte experimental requer uma mudança de atitude do seu fruidor, de passiva para activa. Assim, estabelece-se uma troca de energia entre obra e fruição, sendo o tipo dessa energia dependente do princípio estrutural em que a obra assenta e da porta da percepção do fruidor que ela é capaz de impressionar.

Considerando, assim, a poesia uma síntese formal de várias tensões ou dinamismos da actividade humana ligados às funções biológicas e intelectuais, podemos considerar os seguintes tipos de poesia experimental:

1 — Poesia visual — Caligramas de Appollinaire.
Experiências Gráficas do Futurismo.
Concretismo.

2 - Poesia auditiva — Experiências com a voz humana tratada ou não tratada com o magnetofone.
Poesia rítmica ou poesia melódica com palavras, sílabas ou sons puros.
Algumas experiências dadaistas e letristas.
Composição directa na banda sonora.

3 — Poesia Táctil — O poema é um objecto. Todas as formas de colaboração com artistas plásticos.
Ready-Mades.
Objecto-poema e poema-objecto. Todos os processos de construção que dão ao poema um corpo material.

4 — Poesia respiratória — Experiências de Pierre Garnier com o sopro humano.

5 — Poesia linguística — E. E. Cummings, James Joyce, Ezra Pound e muitos outros. Tentativas de criação de palavras e línguas novas. Poesia poliglota.
Entre nós, algumas experiências de poesia 61.

6 — Poesia conceptual e matemática — Cibernética. Métodos permutacionais e combinatórios. Estrutura numérica da Obra de arte.
Experiências de Raymond Queneau.

7 — Poesia sinestésica. — Desenvimento das sinestesias. Produtos híbridos dos tipos de poesias já referidos.

8 — Poesia espacial — Mallarmé: «Un coup de dés». De um modo geral o sentimento espacial manifesta-se como denominador comum de todas as formas actuais do experimentalismo poético.

O sentimento espacial desenvolveu-se particularmente depois da guerra 39-45 e hoje é o mais vivo elemento de distinção do homem actual. A tal ponto que em relação a ele podemos estabelecer a diferenciação fundamental entre o poeta convencional e o poeta experimental. Este ocupa o espaço com a sua poesia e por vezes é o próprio poema que faz a definição do espaço que ocupa (tal como na escultura de Nicolas Schoffer). O poeta convencional apercebe-se sòmente do espaço que o rodeia ou do seu espaço psicológico, fornecendo apenas referências perceptíveis ou descrições, utilizando algumas das possibilidades linguísticas e auditivas do processo de formação das imagens, das metáforas e dos símbolos. Sob o ponto de vista da libertação de energia, parece-me que se deve fazer a distinção entre a energia potencial da obra e a energia efectivamente libertada por máquinas poemáticas e pelos objectos poéticos que se podem construir. Deste modo, a poesia visual, a linguística e a matemática são fundamentalmente do tipo potencial. A poesia auditiva, táctil, respiratória e espacial podem realizar uma libertação efectiva de energia.

Da simples proposição de uma poesia experimental pode inferir-se imediatamente a existência de algum modo de aproximação entre a actividade artística e a actividade científica. Evidentemente, que um experimentalismo estético não é o mesmo que um experimentalismo científico, mas a diferença é mais tecnológica que de atitude mental. Experimentar com fenómeno poético não implica trabalhar fora do poético, até obriga justamente a estar dentro dele, numa atitude aberta, sem preconceitos nem reservas, tentando aprofundar-lhe a natureza, delimitar-lhe os métodos, redefinir-lhe as leis e as raízes, desde as fontes mais originárias até ao seu actual desenvolvimento e adaptação ás condições humanas e tecnológicas do nosso tempo.

Não é a identificação da arte e da ciência que está em causa, mas sim o reconhecimento de um determinado tipo de paralelismo entre o artista experimental e o cientista investigador. Não entre a «arte experimental» e a «ciência laboratorial», mas os tipos de actividade neles desenvolvidos, cada um dentro da sua especificidade, é que são paralelizáveis.

Para que uma nova técnica ou novo recurso possa ser assimilado e utilizado criadoramente, é necessário primeiro submeter todo o processo poético a um despojamento do acessório acumulado, reduzindo-o rigorosamente às suas bases, de modo que essa nova técnica ou recurso possa encontrar modo de utilização pelo espírito humano na criação de poemas. Só depois desse trabalho o poeta experimental pode começar a sua aventura. Todas as tendências que de há algum tempo para cá se vêm notando na poesia moderna, tais como a procura do rigor na linguagem, o ideal de retorno às origens, as técnicas de despojamento sintáctico e linguístico, de sobrecarregamento potencial das imagens, etc. são fases desse mesmo estudo ou, se quisermos, da evolução do processo poético a caminho dos métodos experimentais como hoje se entendem.

E' assim que, para o poeta experimental, interessará sempre mais a poesia primitiva e a poesia popular, do que certa tradição culta, mesmo ainda em prática nos nossos dias. Do mesmo modo interessará mais um poema que um conceito de poesia, uma técnica desenvolvida pràticamente (mesmo a partir de outras técnicas até há pouco consideradas obsoletas), do que um surto de nebulosa inspiração de um grande poeta actual. Interessará mais uma incursão arriscada no campo escorregadio da construção metafórica feita em plena consciência dos riscos e em total liberdade de concepção, que um poema linearmente claro mas programático, portanto criado sob condições restritivas da sua necessidade poética.

E. M. DE MELO E CASTRO

ESCAPARATE

AUTORES PORTUGUESES

Título — «Angola Heróica (120 Dias com os Nossos Soldados)».
Autor — Artur Maciel.
Editora — Livraria Bertrand.
Numero de páginas — 302.
Preço — 40$00.

Título — «Terras do Demo».
Autor — Aquilino Ribeiro.
Editora — Livraria Bertrand.
Numero de páginas — 352.
Preço — 45$00.

AUTORES ESTRANGEIROS

Título — «Fioretti do Bom Papa João».
Autor — Henri Fesquet.
Tradutora — Maria Eugénia Varela Gomes.
Editora — Livraria Morais
Numero de páginas — 167.
Preço — 25$00.

Título — «Cenas da Vida Diplomática».
Autor — Lawrence Durrell.
Tradutor — Daniel Gonçalves.
Editora — Ulisseia.
Colecção — Sucessos Literários, n.º 28.
Numero de paginas — 201.
Preço — 20$00.

Título — «O Despertar dos Mágicos».
Autor — Louis Pauwels e Jacques Bergier.
Tradutor — Gina de Freitas.
Editora — Livraria Bertrand — Lisboa.
Colecção — Documentos de Todos os Tempos.
Numero de páginas - - 549.
Preço — 75$00.

Título — «Os Patriotas».
Autor — James Barlow.
Tradução — Jorge Rosa.
Editora — Livros do Brasil.
Colecção — Dois Mundos.
Numero de páginas — 404.
Preço — 55$00.

Título — «Estado de Sítio».
Autor — Albert Camus.
Tradução — João Pedro de Andrade.
Editora — Livros do Brasil.
Colecção — Miniatura.
Numero de páginas — 173.
Preço — 12$50.

LIVROS TÉCNICOS ESPANHÓIS

TORRENS

Antero Quental, 14-A

LIVRARIA BERTRAND

Acaba de sair

O DESPERTAR DOS MÁGICOS

por Louis Pauwels e Jacques Bergier

Este livro excepcional, já mundialmente conhecido, revoluciona todas as ideias estabelecidas acerca da História, do passado da Humanidade e do seu possível futuro. Com paixão e grande rigor científico, os autores, de uma erudição espantosa, abrem-nos os caminhos do pensamento mais moderno e da ciência de vanguarda.

Colecção «Documentos de Todos os Tempos»
75$00

NOVIDADES

Lawrence Durrell

CENAS DA VIDA DIPLOMÁTICA

Uma galeria de acontecimentos e personalidades conhecidas na vida diplomática britânica, escrita no estilo mordaz e vivo que define o autor do famoso «Quarteto de Alexandria», já publicado pela Ulisseia.

SUCESSOS LITERÁRIOS

20$00

E. J. Holmyard

A ALQUIMIA

A história da fascinação do ouro e as tentativas dos químicos, místicos e charlatães para descobrirem a pedra filosofal, numa obra valorizada com documentos fotográficos muito ilustrativos.

LIVROS PELICANO

25$00

PEÇA O NOSSO CATÁLOGO DE VENDAS A PRESTAÇÕES

Editora ULISSEIA — Rua da Misericórdia, 137 — Lisboa 2

Dizem os leitores...

O Carnaval em Loulé

Do nosso leitor, sr. Castro Lima, de Silves, recebemos a seguinte carta que remetemos á atenção das entidades competentes, interessadas no compensador desenvolvimento do turismo no Algarve:

«Sr. director — Assíduo leitor do jornal que V. superiormente dirige e conhecedor do relevo dado ás causas justas, tomo a liberdade de lhe expor um caso que como algarvio que me prezo me chocou bastante.

«Já vai sendo hábito realizar-se no Algarve o tradicional Carnaval de Loulé, com a sua inigualável «batalha de flores» que, excluindo o corso do Estoril, goza da fama de ser o melhor do País. Consequentemente que esse mesmo Carnaval aliado ás amendoeiras em flor e ao ameno clima algarvio atrai a esta província, na época carnavalesca, milhares de turistas nacionais e estrangeiros. Lógicamente, esses milhares de turistas vêm beneficiar largamente o comércio algarvio nos seus mais variados ramos.

«Como deve ser do conhecimento geral, este ano não se realizou o Carnaval de Loulé. — Porquê? A esta pergunta ainda ninguém obteve uma resposta satisfatória, parecendo tudo muito confuso. Claro que essa atitude não veio beneficiar gregos nem troianos, contribuindo sim para fazer decrescer a afluência de turistas, durante os clássicos três dias de Carnaval, ao Algarve. Em contacto com diversos proprietários de vários ramos da industria hoteleira, fiquei a saber que, este ano, a frequência a esses estabelecimentos baixou cerca de 60 por cento em relação á mesma época do ano passado. O mesmo se passou com quase todo o comércio algarvio, relativamente ás vendas efectuadas.

«E' assim que se faz turismo, precisamente numa altura em que estamos empenhados no desenvolvimento turístico algarvio?

«Peço licença para, através do jornal que V. dirige, chamar a atenção das entidades competentes para que casos como estes não se venham a repetir em anos futuros. Porque turismo não se faz só de Verão. E aqui no Algarve o principal turismo a fazer-se não é no Verão, mas sim no Inverno e na Primavera».

A construção de moradias, por intermédio de cooperativas de habitação

Escreve-nos o nosso leitor, sr. Francisco Marques da Silva Peres, a carta que, a seguir, se reproduz, sobre o problema das construções de moradias por intermédio de uma cooperativa de habitações, coincidindo com outras recebidas no «Diário de Lisboa» sobre o mesmo assunto:

«Em 1946 entrei, «sonhando», para sócio de uma cooperativa de habitações, onde me deram o n.º 5517, tendo, nessa altura, a chamada para construção atingido o n.º 2000 e tal. Passados 18 anos, a chamada atinge, aproximadamente, o n.º 3800. Tenho ainda, portanto, á minha frente 1717 sócios, se não levar em conta os que já desistiram. Mesmo assim depreendo que devo esperar talvez mais 20 anos, embora quando da inscrição me tivessem dito que dentro de dois anos construiria. Como acho que é esperar demasiado, quero desistir, mas agora surge o problema: tenho de perder 20 por cento sobre o capital acumulado, o qual serviu já para ajudar outros a construirem, e dar o respectivo juro a favor da cooperativa. Claro que é uma disposição estatutária, e creio que se tem de cumprir, mas não está bem que se aceite um sem numero de sócios, prometendo-lhes construir casa, para só passados uns 40 anos isso suceder.

«Parece-me que há qualquer coisa errada, e peço para quem de direito um pouco de atenção, pois com o dinheiro dos outros não se brinca. Secundo, deste modo, as afirmações feitas pelo sr. deputado dr. Armando Perdigão, em sessão da Assembleia Nacional, no passado dia 15 de Janeiro».

DÁLIAS

Elegantes flores de lindos coloridos e de produção fácil, abundante e prolongada.

Acabamos de receber uma rica colecção, composta de 60 variedades escolhidas entre as mais produtivas e bonitas.

Peça a tabela respectiva com instruções sobre a cultura das dálias, a qual se envia absolutamente grátis.

JERÓNIMO PEREIRA MENDES & C.ª

Especialistas de sementes
Praça da Figueira, 2-C, 2-D, 2-E
LISBOA

Novas ligações marítimas entre Macau e Hong-Kong

No sentido de fomentar o desenvolvimento turístico de Macau, vai ser posta em serviço uma nova linha de ligação marítima entre aquela província portuguesa e Hong-Kong. Até ao fim deste mês, devem chegar ali três aliscafos, barcos ultra-rápidos, com flutuação á superfície das águas, construídos pelos Estaleiros Navais Leopoldo Rodriguez, em Messina, Itália.

Encarregaram-se da gestão da referida linha as seguintes sociedades: Shun Tak Shipping Co. Ltd. e Yin Cheong Company, Ltd.

Apenas cheguem os barcos, estes entrarão logo em serviço, tendo o seu emprego sido apoiado, também, pelo governador de Macau, que os considera um meio de intensificação do turismo para a província e se interessou bastante pelas qualidades destas novas embarcações e pelas suas possibilidades de emprego.

Entre os demais atractivos de que dispõe Macau surgirá, também, agora, o da emoção proporcionada por este novo e velocíssimo meio de transporte, que poderia igualmente ser explorado na Metrópole.

CURSOS GARANTIDOS

Peça informes, sem compromisso nenhum, à

ESCOLA NACIONAL DE CONTABILIDADE

«Lourenço de Carvalho»

FUNDADA EM 1945

Av. Praia da Vitória, 13 — LISBOA

Telefone 73 28 80

Em MAFRA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ UNIDOS.

JÁ PODE FUMAR

USANDO A BOQUILHA COM FILTRO

Sanifab

Importador

GABRIEL BARROS LOBO

R. do Andaluz, 17-r/c. - Esq. • Telef. 54673 • Lisboa

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

S. A. R. L.

R. AUGUSTA, 237 — LISBOA

SERVE OS SEUS CLIENTES EM DEPÓSITOS À ORDEM E A PRAZO, OPERAÇÕES BANCÁRIAS, HIPOTECAS, ADMINISTRAÇÃO DE PROPRIEDADES E COFRES-FORTES

RÀPIDAMENTE

JOSÉ BAPTISTA FERNANDES

FALECEU

PARTICIPAÇÃO

MISSA DO 7.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua família cumpre o doloroso dever de participar o seu falecimento, e que amanhã, dia 21, pelas 12,30 horas na Basílica dos Mártires, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo a todas as pessoas que se dignem assistir a tão piedoso acto, bem como profundamente agradece a quantos a acompanharam na sua imensa dor.

Não foi feita participação anterior por expressa determinação do finado.

AGÊNCIA RICARDO HENRIQUES

Telef. 869184

JOSÉ BAPTISTA FERNANDES

FALECEU

PARTICIPAÇÃO

MISSA DO 7.º DIA E AGRADECIMENTO

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS J. B. FERNANDES, S. A. R. L., participa o seu falecimento, e que será celebrada missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 21, ás 12,30 horas, na Basílica dos Mártires, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir a tão piedoso acto, bem como reconhecidamente agradece a quantos que de qualquer forma manifestaram o seu pesar pela perda irreparável de tão grande amigo.

Não foi feita qualquer participação anterior por expressa vontade do defunto.

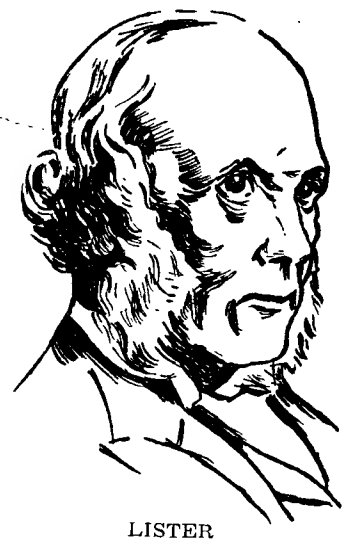
AGÊNCIA RICARDO HENRIQUES

Telef. 869184

DEUSES E DEMÓNIOS DA MEDICINA

6

por FERNANDO NAMORA



LISTER

BREVE HISTÓRIA DE LISTER, A QUEM SE DEVE A ASSEPSIA

I

No primeiro quartel do século XIX, residia em Upton, no condado de Essex, a família de um rico negociante de vinhos que pertencia à seita dos puritanos. A educação dos filhos regia-se por severa disciplina moral, que teria ameaçado de definhamento a personalidade de cada um deles, tão rigorosa era a intransigência que lhes censurava os costumes e as ideias, se o chefe da tribo não fosse tentado por certas excentricidades: a óptica e o mundo fascinante da ciência. Na verdade, Joseph-Jackson Lister ocupava os seus lazeres no aperfeiçoamento desse brinquedo mágico que era o microscópio e na observação extasiada das coisas e dos seres insuspeitados que as lentes desvendavam. Tal cisma abria uma janela à imaginação dos filhos, constrangida naquele fortim de inibições, e particularmente o quarto rebento do rancho, o pequeno Joseph, mostrava um vivo interesse pela história natural, preferindo aos folguedos da sua idade as horas em que o pai consentia que ele o acompanhasse nessas surtidas ao reino fabuloso do microscópio. Era uma aventura excitante, uma evasão para as emoções reprimidas, que o compensava das aterradoras prédicas a que o sujeitavam diàriamente.

Ainda verde nos anos e domesticado pelo receio de uma impertinência que ofendesse Deus e os pais, Joseph, em cuja docilidade já fermentava uma vontade, teve o rasgo de anunciar que pretendia a carreira de cirurgião, imprópria de um burguês distinto, bem o sabia, mas a única para que se sentia atraído. A heresia, tomada primeiro à conta de criancice, mas nem por isso menos reprovável, baldeou a rígida harmonia dos Lister, pois nenhum castigo ou prelecção conseguia vergar o rapaz.

E, no entanto, clareavam tempos bonançosos para a cirurgia, já no alvor de uma fulgurante promoção social e profissional. Escorada nas aquisições anatómicas, fisiológicas e patológicas dos últimos decénios, e numa nova mentalidade científica que coordenava os vários ramos da medicina, distribuindo-lhes o prestígio por igual, a arte cirúrgica fazia rápidos progressos. Pela primeira vez se reconhecia que se devia exigir àqueles que a praticavam uma segura preparação universitária, que o ensino da cirurgia era parcela essencial dos estudos médicos. Porém, na primeira metade do século, antes das vitórias sobre a infecção e do uso da narcose e da anestesia, estímulos decisivos para a técnica operatória, até aí temerosa das regiões anatómicas mais profundas, ainda certas escolas conferiam diplomas sem prévio lastro de outras disciplinas. Foi por isso que o rico comerciante de Upton anuiu, por fim, ao capricho do filho, mas sob a condição de ele cursar primeiro uma universidade; deste modo, o brio da família ficaria parcialmente limpo de nódoa tão inesperada e talvez, entretanto, no decurso dos estudos, Joseph esquecesse o desvario.

Matriculado o rebelde no «University College» de Londres, desde o começo que o viram seduzido pelo ensino de William Sharpey, professor de fisiologia, pois as experiências com que este aliciava os discípulos atestavam, de modo empolgante, a inquietação e o poder da ciência, desbravadora de terras virgens, adversária de jugos e de mitos. Ateava-se, assim, a curiosidade insaciada e insubmissa que, na infância, lhe fora espertada pelas lentes prodigiosas do microscópio do pai Lister. Se dessa raiz abrolhara o gosto pela histologia, enxertava-se-lhe agora a atracção pelas pesquisas fisiológicas. Outro acontecimento, porém, devia mantê-lo fiel ao sonho de cirurgião: em 21 de Dezembro de 1846, ainda escolar, Joseph teve a dita de assistir à primeira operação sob anestesia praticada em Inglaterra. A medicina americana e europeia acompanhava, com ansiedade, os múltiplos ensaios, uns bem sucedidos, outros fracassados, que tinham por objectivo vencer a dor, pois sem esse escolho resolvido, a cirurgia, que era forçada a actuar em condições dramáticas de sofrimento dos operados, não podia arrojar-se aos cometimentos de que se sabia capaz, cingindo-se a intervenções superficiais e de curta duração. Até aí, os padecentes eram embriagados para que a sensibilidade amortecesse, ou comprimiam-se-lhe brutalmente a raiz dos membros, quando se intervinha sobre tais regiões, conquanto, desde a Antiguidade, um ou outro prático já tivesse empregado substâncias de acção hipnótica que se davam a cheirar aos enfermos para lhes atenuar a sensação dolorosa.

Mas essas tentativas não tinham consistência nem continuidade. A dor, tal como a infecção operatória, pareciam companheiras definitivas da odisseia cirúrgica. Ainda em 1839, o grande mestre Valpeau exprimia a atmosfera de impotência em face do trágico problema nas seguintes palavras: «Evitar a dor, em cirurgia, é uma quimera que, actualmente, já não é lícito tentar prosseguir». Em ciência, porém, toda a previsão desencorajadora é um risco que o tempo as mais das vezes ridiculariza. Três anos depois, a 30 de Março de 1842, um obscuro médico de província, o americano Cawford Long, graças a inalações com o éter, extraía um tumor do pescoço sem que o enfermo tivesse sentido qualquer sofrimento. Começava aí verdadeiramente a história da narcose e da anestesia, cujos primeiros lances se deviam ao inglês Humphry Davy, que, em 1800, propusera aos cirurgiões o protóxido de azoto, gás que, numa primeira fase, provocava acessos de riso espasmódico (por isso lhe chamavam gás hilariante), para logo depois deprimir e insensibilizar as pessoas que, por divertimento, se submetiam à sua acção. Em 1846, a anestesia pelo éter ia entrar, de um modo decisivo, na prática cirúrgica: na sala de operações do «Massachusetts Hospital» de Boston, o dentista Morton, que estimulara o professor John Warren a usar o éter numa grande intervenção, depois de o ter usado, ele próprio, em extracções dentárias, administrou o anestésico enquanto Warren operava sem que o padecente sentisse qualquer dor. A partir daí, a narcose, sob o alvoroço emocionado do público e da medicina, difundia-se espectacularmente nas duas bandas do Atlântico. Em 1847, Malgaigne induzia os membros da Academia ao emprego do éter e no ano seguinte Flourens anunciava as virtudes semelhantes do clorofórmio, experimentado, pela primeira vez, ao que parece, por James Simpson, de Edimburgo, num parto laborioso. Uma das limitações da cirurgia fora, ao cabo de séculos, vitoriosamente dominada.

II

Lister era um estudante aplicado. Embora afável e bom companheiro, preferia a solidão, apartando-se das amizades muito íntimas que o fariam delapidar o tempo e expor-se á futilidade e ás desilusões. Não se satisfazendo com os deveres rotineiros, antepondo dúvidas e críticas aos ensinamentos ministrados, ponderando certas incógnitas para as quais ainda não se aventara uma decifração, já nessa altura surpreendia os mestres com reparos embaraçosos. A mortalidade operatória, obra da infecção, que anulava o engenho dos cirurgiões e o progresso das técnicas, fazendo de cada acto cirurgico uma aventura, era dos problemas que mais o inquietavam. Daí, ter apresentado uma resenha sobre a «gangrena dos hospitais», primeiro brado de armas daquele que, treze anos mais tarde, seria o esforçado pioneiro da cirurgia asséptica.

Após um curso brilhante, Lister recebe, em 1582, o diploma de médico. Mas não se apressa. O diploma pouco representa para ele. Não precisando da profissão para viver, poderá gastar os anos que lhe apetecerem como estudante, exercitando-se com outros mestres, documentando-se, ampliando a sua cultura, antes de iniciar uma carreira. Não contrariou o velho Lister para ser um clinicastro como a maioria. Toma parecer com Sharpey, que o aconselha a estagiar algum tempo na equipa de James Syme, famoso mestre de Edimburgo, introdutor da cirurgia articular que tinha por objectivo evitar as temidas amputações, quase sempre complicadas de infecção, e a percorrer depois as boas escolas do continente. Também ele, Sharpey, se aperfeiçoara em Paris, junto de Dupuytren e de Lispane, aliciado pelo prestígio das universidades do outro lado da Mancha, que eram, sem duvida, as de mais frutuosa inquietação.

Lister acatou o aviso. Após umas férias na Irlanda, partiu para Edimburgo, feudo de James Syme, que se achava no apogeu da sua aura. Ali acudiam estudantes de todas as bandas. Entre o jovem Lister, metódico, perspicaz, interessado, e o professor de técnicas arrojadas, estabelece-se, desde logo, uma viva simpatia: não tarda que Syme lhe confie o posto de cirurgião residente na Enfermaria Real da cidade e o receba, como amigo, no seu lar. Dessa intimidade resulta, com aprazimento de todos, o noivado de Joseph Lister com Agné, filha do mestre.

Lister encontra na serena Agné uma companheira terna e arguta, que havia de chamar a si, sem uma ruga de desanimo, o papel de colaboradora da sua obra, ao passo que lhe adoçava o temperamento austero. Lister vai-se libertando dessa armadura de frieza que herdara do ambiente paterno, mostrando-se gradualmente sociável, lhano e de hábitos desenfastiados. Grave ou despretensioso, o traço dominante era, contudo, a nobreza de carácter. A sua aptidão para o trabalho continuava a ser modelada por uma inexorável disciplina, que não lhe permitia um desaviamento, mas se não era indulgente para si, os outros podiam esperar dele generosidade e complacência.

Lister persiste no rumo traçado na sua primeira comunicação científica: em 1857 e 1859 expõe á Sociedade Real os resultados dos seus trabalhos sobre processos inflamatórios e coagulação sanguínea. Nessa altura é obrigado a uma escolha melindrosa: vagara a cátedra de cirurgia em Glasgow, uma oportunidade que lhe estava talhada, mas Lister, por um lado, hesita em abandonar Edimburgo e as tão proveitosas lições de Syme, e, por outro, duvida da sua capacidade de desempenhar cargo de tal envergadura. Não se sente ainda com porte para responsabilidades de tamanho vulto e receia também que os zoilos, ciumentos de seara assim temporã, insinuem que a cátedra lhe veio confortàvelmente ás mãos graças ao arrimo do sogro.

Hesita e, como tem feito noutras circunstancias embaraçosas, recorre ao experimentado conselho de seu pai. Este, porém, instiga o filho a ir por diante. Que deixe vozear os aleivosos. O velho comerciante confia nesse filho de uma só peça que soube lutar pela carreira da sua eleição. Amuado, ressentido na aparência, o certo é que sempre se sentiu ancho de tal rebeldia. Foi uma entrevista decisiva para o escrupuloso Joseph. Não só lhe robusteceu a fibra de que se tecem as grandes vidas, como o aproximou mais ainda desse homem severo mas justo e ponderado, ao qual, a partir daí, dará conta dos seus projectos, dúvidas e vitórias

Apesar desse incitamento, Lister aceita a cátedra com apreensão. Não desconhecia quanto, subterraneamente, lhe u r d i a m uma atmosfera desfavorável: resmoneava-se que ele não evidenciara ainda dotes pedagógicos nem uma convincente virtuosidade de cirurgião. No entanto, todos usavam de uma afabilidade capciosa que o magoava mais que a rude malevolência. Perante esse cinismo reverencioso, pérfido e temível, apetece-lhe, pela ultima vez, recusar o ensejo, por desdém e por orgulho, visto preferir o trabalho sem cobiças junto de quem tinha apenas por mira a perícia e o saber. Mas esse recuo nem ele próprio já o poderá admitir.

No dia da sua primeira lição, sem um apoio, sem a presença de um amigo, Lister atravessa o auditório de mestres, estudantes e curiosos como quem marcha sobre um atoleiro de cobras. Porém, ao ocupar a cátedra, toda a sua angustia desapareceu. Empalidecido, mas já seguro, responde ao desafio que pressente nesses rostos de uma ironia expectante; não lhes dará o gosto de poderem saborear-lhe a timidez ou o nervosismo. E a lição redunda num êxito.

Todavia, as condições de trabalho são parcas: não havia camas no hospital para os seus doentes e só quinze meses depois lhe foi entregue uma nova ala cirurgica na Enfermaria Real de Glasgow, que ele logo povoou de dinamismo e de crença no trabalho. Dentro em pouco, Lister é rodeado de uma turma sempre mais numerosa de discípulos, e, conhecidas as suas iniciativas na técnica cirurgica, o seu desamor á rotina, a sua invulgar destreza, logo o afamam como um dos primeiros cirurgiões do Reino Unido. Esse rápido prestígio, contudo, não lhe evita dissabores com o conselho directivo do hospital de Glasgow, um conselho de leigos presumidos, recrutado entre os comerciantes e industriais que administravam sàbiamente as suas empresas, para quem as exigências de ligaduras, pensos, material escrupuloso e frioleiras quejandas mais não eram que luxos perdulários. Ainda naquele tempo, a rouparia dos hospitais provinha dos fragalhos comprados a pataco ás donas de casa e vestidos aos doentes ou colocados sobre os ferimentos sem, muitas vezes, uma lavagem prévia. As tentativas de Lister de contrariar a mortalidade provocada pela infecção operatória valiam como arengas num deserto. Ninguém lhe compreendia e apoiava a esquisitice. Dir-se-ia que o horror desse espectáculo de a maioria dos operados ser dizimada pela gangrena, por mais hábeis que fossem as mãos do cirurgião, só nele encontrava um adversário pronto a esclarecer-se e a agir.

A urbanização rápida das populações, repercutida no acréscimo da clientela hospitalar, mais agravava o problema. A septicémia tornara-se o pesadelo das gentes e da medicina. As enfermarias semelhavam-se a antecamaras de necrotérios e não a casas de saude. Tinham de se manter as janelas escancaradas, de noite e de dia, de Inverno ou de Verão, para que a densa fetidez da gangrena fosse soprada pela corrente do ar. Quem podia suportar tal ambiência? Apenas os que eram forçados a escolher entre dois modos de morrer.

Os hospitais gozavam de sombria reputação; perguntava-se se não valeria mais fechá-los e incendiá-los, para assim exterminar esses antros de fedor e agonia. E nem apenas os leigos assim reagiam: o cirurgião John Bell opinava que os doentes deviam ser libertos o mais rápidamente possível das enfermarias e transferidos para uma atmosfera purificada, pois a infecção, a gangrena, eram males do hospital. Cerca de metade dos que se submetiam a uma intervenção tão simples como uma amputação morria, inexorávelmente. Os enfermos entregavam-se á frágil tutela da cirurgia como um guerreiro a quem, no campo de batalha, exigem a luta mas negando-lhe as munições. James Simpson dizia-o á sua maneira, mas com igual desalento, advertindo: «O homem deitado sobre a mesa operatória de um dos nossos hospitais corre mais riscos que os soldados no inferno de Waterloo». O acaso era o unico juiz.

O aperfeiçoamento e o êxito da cirurgia estavam bloqueados por esta dramática contingência, que tanto conduzia á renuncia como ao desespero.

III

Mas Lister, por turvas que fossem as alternativas, porfiava. O objectivo de prevenir e dominar a infecção tornara-se o lema obsidiante dos seus dias. Tinha por seu lado a meticulosidade, a sóbria mas eficaz perseverança, estigmas do seu carácter; e conquanto o antagonista fosse de monta, tais armas eram de boa têmpera. As observações microscópicas haviam-lhe alumiado o mecanismo fisiológico da infecção, mas a causa inicial do processo escapava-se aos mais ladinos. Lister apurava gradualmente os seus métodos, as amputações eram realizadas com extremo rigor, não havia um descuido na técnica, mas nada disso chegava para melhorar as estatísticas: dias após o acto cirurgico, eis que traiçoeiramente acudiam a vermelhidão, o inchaço, o pus, a febre — preludios da morte. Lister, em certos momentos, perdia a serenidade, exasperando-se com a inutilidade dos seus esforços, embora já ninguém mostrasse impressionar-se com o trágico desfecho das intervenções cirurgicas. Aceitavam-se como lance inevitável, perante o qual seria ingenuidade alguém sublevar-se. Lister, contudo, não podia admitir essa abdicação, as grandes frases espectaculares que pareciam satisfazer os mais conscientes do drama, mas que não incitavam a uma luta proficua. O mal, coisa concreta, embora invisível, devia semear-se pelas mãos do cirurgião ou residir, dissimuladamente, naquilo que contactava com o enfermo. Nas marés de irritado desanimo, Lister censurava os assistentes, como da vez em que uma mulher operada de fractura exposta veio a falecer, inesperadamente, quando tudo parecia correr de feição. Mas ele, como todos, bem sabia que não havia perícia nem desvelo que evitassem as surpresas do pós-operatório. A bem dizer, não se podia falar em bons ou maus cirurgiões, a morte visitava o hospital sem escolher os que tinham sido zelados na sua adversidade, troçando, enfim, dos que, como Lister, pensavam que uma assistência esmerada era uma condição de vitória.

Certos factos, porém, ofereciam-se á meditação: uma fractura fechada, por exemplo, recompunha-se sempre sem incidentes; o sinistrado regressava ás suas lidas com o braço ou a perna tão aptos como dantes e sem que se verificasse um esboço, sequer, de processo inflamatório. Então, por que motivo uma fractura exposta, na qual os tecidos se laceravam até ao exterior, era desde logo ameaçada de supuração? O doente, abrasado de febre, delirava; a erisipela progredia a partir dos lábios da ferida, a carne intumescia, formavam-se abcessos, só a morte era esperada. Esse contraste podia ser o fio da meada. Como reconhecê-lo, como deslindá-lo? Lister procurava incitar os colegas a esforços concertados nesse sentido, mas a maioria alheava-se de tão desatinada obsessão. A gangrena, conhecida desde os mais recuados tempos da medicina, era inevitável; além disso, devia considerar-se o pus como a tradução fisiológica da capacidade defensiva do organismo, necessário ao processo curativo. As chagas serviam de drenagem aos humores nocivos. Já Paracelso escrevera: «As feridas têm as suas leis de reparação; a natureza não nos segue, nós é que devemos segui-la». O pus, enfim, era o preambulo da cura, embora, por vezes, a natureza se excedesse ao desencadear os mecanismos restauradores e já não soubesse domesticá-los, como também poderia acontecer que estes fossem escassos em face da violência do agressor.

(Continua)

RECORDANDO COELHO NETO NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO ROMANCISTA BRASILEIRO

por MARQUES GASTÃO

O GRANDE romancista brasileiro, cuja obra os especialistas dos fenómenos literários integram na escola parnasiana, dentro de um regionalismo muito específico, nasceu em Caxias, no Maranhão, no dia 21 de Fevereiro de 1864 e faleceu, no Rio de Janeiro, em 28 de Novembro de 1934.

O Brasil prepara-se já para comemorar o centenário do autor de «Miragem» com a elaboração de um programa, a que se associa também o Governo do Estado da Guanabara, a Academia Brasileira de Letras, etc.

Devo dizer desde já, que também Portugal devia participar nessas homenagens a um escritor que Brito Broca, por exemplo, estudou admirávelmente e que o «Petit Trianon» chegou a indicar para o Prémio Nobel da Literatura.

Autor de obras como «Sertão», «Seara de Rute», «A Tormenta», «A Esfinge» e «Jardim das Oliveiras», estas ultimas editadas no Porto, pela Lello, creio que em 1928, Coelho Neto chegou a ser, também, presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1926, além de jornalista (grandes escritores começam quase sempre pelo jornalismo) e deputado. Não foi, naturalmente, nesta qualidade, que Coelho Neto foi eleito também «Principe dos Prosadores Brasileiros».

O escritor e a sua obra

Embora Carpeaux afirme que a influência de Coelho Neto se limita, hoje, aos «círculos académicos e provincianos», convirá referir a necessidade de se conhecerem os estudos realizados por José Veríssimo, Maria Amália Vaz de Carvalho, Lima Barreto, Tristão de Ataíde, Agripino Grieco, Humberto de Campos, João Luso, Octávio de Faria, Lucia Miguel Pereira e João Neves da Fontoura (em edição da Agência-Geral do Ultramar de 1944), para se avaliar da grandeza do romancista que Afranio Coutinho, por exemplo, em «A Literatura no Brasil» (Vol. II, páginas 25 e seguintes), inclui na escola do parnasianismo, que foi «o movimento correspondente em poesia ao Realismo-Naturalismo».

Escritor «com forte dom criador, contista que faz ressurgir ante nós a pujança da nossa natureza e a hostilidade do meio em oposição á debilidade e á inconsistência das criaturas que contra ele se debatem», Coelho Neto, na análise crítica de Afranio Coutinho, que põe em relevo o «inexcedível vocabulário» (calculado mais ou menos em vinte mil palavras), «pode ser considerado, no domínio da prosa, um escritor dos mais completos, devendo os seus romances e crónicas, contos e críticas, e mesmo as suas peças de teatro (mais de 120 obras publicadas), ser colocados entre os melhores dos nossos melhores autores».

Pessoalmente, perfilho este juizo, pondo de parte o de Carpeau —, a despeito do seu profundo senso crítico.

Identico juizo o teve também Machado de Assis: «é um dos nossos primeiros romancistas, e, geralmente falando, dos nossos primeiros escritores» (Vidé «A Semana», II, pág. 448 e não 415, conforme erradamente se anotou em «A Literatura no Brasil»), que «tem o dom da invenção, da composição, da descrição e da vida, que coroa tudo». Isto, a despeito de Coelho Neto ser uma «natureza de grande isolado literário», o que leva Coutinho a afirmar: «Aliás, sua maior força foi justamente essa de ter conseguido pairar sempre acima das escolas e dos grupos: vivendo da pena e vivendo para a pena, jamais cedeu á sedução das capelas literárias. Escreveu por escrever sem se preocupar em saber como a posteridade o iria rotular» (Vidé «Estudos de Literatura Brasileira», nos quais se encontram as mais diversas opiniões de Péricles de Moraes, de José Maria Bello, de José Veríssimo, etc.).

Homem de fidelidades, escritor sem desfalecimentos, Coelho Neto foi ainda e também um grande brasileiro, «preocupado com os destinos da nacionalidade» (Péricles de Moraes, «Coelho Neto e a sua Obra», pág. 60). Afranio Coutinho, porém, em dado momento, situa Coelho Neto na «corrente naturista» de um Gonçalves Dias e de um José de Alencar, de um Castro Alves e de um Euclides da Cunha», por entre as influências recebidas de Eça de Queiroz e de Camilo, em Maupassant e Flaubert (continuo a socorrer-me de Coutinho), para o aproximar desses grandes escritores, o que não impede a afirmação do próprio Coelho Neto: «A minha fantasia é o resultado da alma dos negros, dos caboclos e dos brancos. É o choque permanente entre esse fundo complexo e a cultura literária que decorre toda a minha obra».

Escritor de enormes recursos, sem ser «um retórico, nem um declamador», Coelho Neto foi um homem exacto: «Buscando o termo exacto, Coelho Neto o encontrava sempre — e o usava. Sua não é a culpa de que, nem sempre, seus leitores estejam aptos a entender o seu vocabulário, como é o caso também com relação a Euclides da Cunha, Camilo, Aquilino Ribeiro...» (Vidé «A Literatura no Brasil», pág. 138). Afranio Coutinho conseguiu dar-nos uma magnífica escultura do escritor, «o mais fecundo prosador da língua portuguesa, em todos os tempos», como dirá dele Humberto de Campos, permitindo o seu estudo o acerto de juizos, por entre modernidades que começam já a estar ultrapassadas.

★

Antes de concluir este artigo de homenagem a Coelho Neto, cujo centenário agora se celebra, gostaria de trazer para aqui algumas referências ao magnífico estudo de Brito Broca (e não o faço por o ter conhecido pessoalmente e entrevistado), sobre o grande romancista brasileiro. Claro: «muita opinião sobre Coelho Neto poderia resumir-se na já famosa «boutade» de Oswaldo de Andrade: «não li e não gostei». E, aludindo, depois, aos trabalhos de Lucia Miguel Pereira e Fernando de Azevedo, o estudioso atento, que era Brito Broca dá-nos em «O Romance Brasileiro», num trabalho de 20 páginas, uma preciosa e profunda análise de Coelho Neto, não sem se referir ao que chama «As flutuações da crítica». Exactas as apreciações a José Veríssimo, que depois de «dirigir os maiores elogios ao escritor, acabou reconhecendo-lhe os maiores defeitos». Bem gostaria de me alongar, para citar o esquecimento dos modernistas, como lhes chama Brito Broca, e relembrar a reacção de Octávio de Faria, que veio a terreiro defender Coelho Neto do esquecimento a que o votaram e ás críticas injustas a que o sujeitaram. Curiosos também os paralelos que Brito Broca faz entre Coelho Neto e Eça de Queiroz, sobre «A Capital Federal», do primeiro, e a «Cidade e as Serras», do segundo. O «itinerário do romancista» é enorme e Brito Broca dá-o em esplendidas pinceladas, no desenho desse escritor de rosto largo, olhos amplos e luminosos, por debaixo dos óculos enormes; bigode farto e fronte alta e larga.

Creio, como o acreditou Brito Broca, que as comemorações do centenário do escritor terão o relevo merecido. E, pessoalmente, sentir-me-ei satisfeito, fazendo minhas as palavras do ensaista, «se puder concorrer para que leiam Coelho Neto, os que pretenderem doutrinar sobre ele».

É esta a minha homenagem a Coelho Neto, para assinalar o centenário do seu nascimento, a 21 de Fevereiro deste ano. — M. G.

COELHO NETO

JORGE DE LIMA

VISTO POR MURILO MENDES

Passou em 15 de Novembro transacto o 10.º aniversário da morte do grande poeta brasileiro Jorge de Lima. Para assinalar essa data, pediu a revista «O Tempo e o Modo» ao também excelso poeta Murilo Mendes, ligado a Portugal pelos mais estreitos laços, uma apreciação da personalidade e da obra do autor de «A Invenção de Orfeu». O artigo publicado na revista é uma impressionante evocação em que se retratam, igualmente, duas figuras admiráveis da moderna literatura brasileira: a de Jorge de Lima e a de Murilo Mendes.

Dessas páginas reproduzimos, com a devida homenagem a «O Tempo e o Modo» pela sua iniciativa, algumas passagens expressivas:

«O que distinguia inicialmente Jorge de Lima como homem, era a nota de afectividade, sua abertura de coração e de espírito, sua acessibilidade á gente e ás ideias.

«...Rica e variada natureza, a sua! Ele representou bem o tipo do mestiço brasileiro, meio anárquico, trazendo no sangue elementos de contraste e férteis oposições. Nele coexistiam o homem sensual e o homem religioso. Os dois lutavam entre si e dessa luta dão testemunho os seus livros.

«...A natureza de Jorge de Lima, como disse, era rica e sensual, o que é de resto aparente em toda a sua obra, mormente nesses adoráveis poemas nordestinos que, a meu ver, dum ponto de vista especificamente brasileiro, formam com a «Cobra Norato» de Raul Bopp o vértice da nossa poesia.

«...A vocação do trabalho, a necessidade de trabalhar, marcou des-

(Continua na 24.ª página)

MIGUEL

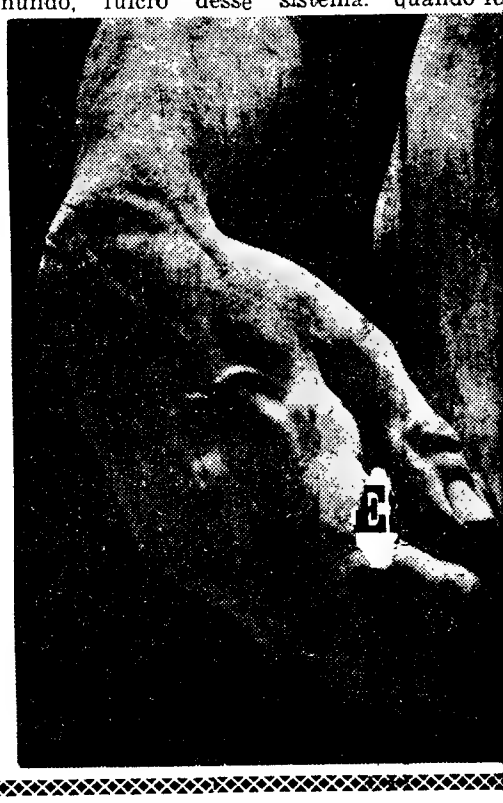
(Continuação da 17.ª página)

biografia de Miguel Angelo é, consequentemente, ao brilhante ciclo do Renascimento italiano.

O panteão dos Médicis, na sacristia de S. Lourenço de Florença, é uma extraordinária obra em que a arquitectura, preciosíssima, e a escultura — meia duzia de formidáveis e inigualáveis estátuas alegóricas — se harmonizam noutra espantosa unidade, regulando, no seu século, novos princípios estilísticos, canonicamente apurados na arquitectura da Biblioteca Laurenciana. E, ainda, na mesma arte arquitectónica, a cupula de S. Pedro, do final da sua vida, e que já anuncia a aproximação do Barroco, coroa a sua ardente e pura paixão da forma, dominando material e simbólicamente toda a bela paisagem de Roma.

O poder criador de Miguel Angelo é, como nenhum outro, semelhante a um sistema solar, com a órbita resplandecente das suas obras incomparáveis, obedientes ás leis internas da sua vasta e coerente concepção do mundo, fulcro desse sistema.

Porque a
da *Obra*
está só na
artista, na
de elevadí
de que no
rebatam.
torna isol
Arte, que
Dante, de
travejame
poderosa
pela refle
efémero e
tisfatória
gravita á
do mund
chauung»,
toda a cr
tando o s
za junto
O seu le
dência, d
sua obra
Daí a sua
pressão d
sentir e d
dentro de
sentranha
leza pela
terrívelme
se quedou
quando fe



divulgação

LIVRARIA — GALERIA DE ARTE

Rua D. Estefânia, 46-B-C-D — LISBOA

INAUGURAÇÃO A 14 DE MARÇO

LIVROS DO BRASIL APRESENTA O MAIS SENSACIONAL BEST-SELLER DOS ÚLTIMOS TEMPOS:

Col. DOIS MUNDOS 65$00

OS PATRIOTAS de **JAMES BARLOW**

A HISTÓRIA DRAMÁTICA, INTENSA E VIOLENTA DE DOIS EX-PARA-QUEDISTAS QUE ENVEREDAM PELO CRIME

TRADUZIDO EM 10 LINGUAS «Um romance radicado na realidade... um autor que se preocupa com os seres humanos e faz nascer em nós a mesma preocupação».

Richard Lister (Evening Standard)

● **Superando as interpretações deformadas ou tendenciosas, o livro mundialmente discutido de Roger Garaudy, «D'un Réalisme sans Rivages», está a desvendar as perspectivas mais largas da crítica de propósitos conjugadamente estéticos e humanistas. Como assinala Pierre-Henri Simon, dos três estudos centrais da obra o primeiro é consagrado a Picasso, motivando uma análise desmistificadora do formalismo pictural; o segundo põe em relevo o valor da obra poética de Saint-John Perse, interpretando com largueza exemplar o hermetismo de grande parte da poesia contemporanea; o terceiro vai até ás raízes mais fundas do interiorismo e da espiritualidade mística da obra de Kafka. Assim deconstra Garaudy, que o realismo social pode comportar muito mais compreensiva e ampla visão do que supõem ou pretendem atribuir-lhe os que intentam diminuir o seu alcance. «D'un Réalisme sans Rivages», foi publicado em Paris pela Editorial Plon.**

● **As Obras Completas de Kafka, em oito volumes, incluindo numerosos e importantes inéditos, vão ser publicadas em francês pelo «Cercle du Livre Précieux», em edição crítica definitiva, organizada por Marthe Robert. As obras serão ilustradas com desenhos originais do artista Mittelberg, escolhido para esse efeito pelo sentido kafkiano do seu estilo angustiado e enternecido.**

● **A vida e a obra de Sigmund Freud constituem o tema de uma peça que tem sido muito apreciada do autor norte-americano Henry Denker, com o título «A Far Country». O dramaturgo não intentou sómente a representação teatral da criação da psicanálise: procurou ressuscitar o Freud social e humano, empenhado em libertar as consciências dos pesadelos permanentes e em servir a liberdade sob todas as formas. A cena começa em 1937, com Freud**
das, guardado á
do campo de co
plomata britanico
Bonaparte. Só d
peça volta ao a
o criador da psi
digiosa de irradi

● **O cinema b**
entre nós só
zar em escala c

REL
DO
LITE

escritores nacio
mero os filmes
cnhecidos. Eis
cinema brasilei
cas», de Gracil
Er... Donato;
valcanti Lins;
Condé; «Luba»,
tória vigorosa

UEL ANGELO

página)

Angelo é,
brilhante
o italiano.
cis, na sa-
o de Flo-
nária obra
preciosis-
meia du-
igualáveis
se harmo-
sa unida-
século, no-
cos, cano-
na arqui-
Laurencia-
a arte ar-
de S. Pe-
da, e que
mação do
ardente e
dominan-
ólicamente
de Roma
de Migue
um outro,
ema solar,
ecente das
veis, obe-
as da sua
cepção do
sistema.

Porque a excepcional grandeza da *Obra* de Miguel Angelo não está só nas raras capacidades do artista, nas qualidades formais de elevadíssimo grau e amplitude que nos impressionam e arrebatam. Essa grandeza, que o torna isolado no panorama da Arte, que apenas o irmanará a Dante, deriva de um ordenado travejamento interior, de uma poderosa inteligência lapidada pela reflexão e integradora do efémero e do multiplo numa satisfatória Unidade. A sua Obra gravita á volta de uma visão do mundo, de uma «weltanschauung», portanto, sem a qual toda a criação se retrairá, limitando o seu alcance e profundeza junto da Humanidade.

O seu legado é, de toda a evidência, de um *artista*, mas a sua obra é fruto de meditação. Daí a sua consistência, como expressão da intensidade do seu sentir e do seu pensar. Veio de dentro de si mesmo. E' obra desentranhada. Não procurou a beleza pela beleza, ainda que fosse terrivelmente sensível a ela, nem se quedou no decorativo, mesmo quando fez decoração, como tantos dos seus contemporaneos maneiristas, que imitariam o modo formal e externo do seu estilo, mas não podiam refazer a sua dolorosíssima e quase mistica experiência interior, fonte da sua pessoal inspiração.

Pela magnitude e transcendência da sua herança, Miguel Angelo superou as naturais limitações do tempo. Hoje, é certo, não pode já servir de modelo, porque a História não parou e as buscas artísticas são agora outras e até opostas ás suas. Mas em tudo o que ergueu, esculpiu, pintou e exprimiu permanecem aqueles valores radicais a que sempre se será sensivel, quaisquer que sejam os nossos idelais estéticos. E de tal modo que Paul Klee o considerou entre os *modernos*.

O mundo culto, ao render, este ano, as devidas homenagens á memória de Miguel Angelo, mais não fará, afinal, do que prosseguir a veneração viva, espontanea e ininterruptamente testemunhada por milhões de seres, como num generoso coral beethoviano, ao artista que tudo e todos ultrapassou.

ADRIANO DE GUSMÃO

A prodigiosa arte de Miguel Ângelo representada no pormenor: a mão da estátua de David, que se encontra na Galeria Accademia, de Florença

«Revista de Occidente»

O reaparecimento da revista fundada e, durante longos anos, dirigida por Ortega y Gasset, de extenso interregno de um quarto de século, tem sido saudado em todo o mundo culto como acontecimento intelectual de relevo. Agora sob a direcção do filho do consagrado pensador e ensaista, José Ortega Spottorno, a «Revista de Occidente» está a reunir de novo á sua volta um escol de colaboradores das mais diversas nacionalidades.

No n.º 5 da nova série da revista destacam-se os trabalhos de Werner Heisenberg sobre «A abstracção na ciência natural moderna»; de Francisco Ayala sobre «O ponto de honra castelhano»; de Enrique Gil, sobre «Sonho e responsabilidade moral no pensamento antigo»; de Mildred Adams, sobre «O escritor John Updike», seguido de um texto deste autor. Notas e comentários de Julio Caro Baroja sobre Velásquez, de Fernando Vela, J. Sampedro, Diez del Corral, etc., completam a colaboração deste numero da «Revista de Occidente».

Fragmento do «Juizo Final» alusivo à acção histórica portuguesa

A ACÇÃO HISTÓRICA PORTUGUESA ASSINALADA NO «JUÍZO FINAL» DE MIGUEL ÂNGELO

Na obra prodigiosa e imensa de Miguel Ângelo — pintor, escultor, arquitecto, poeta, músico, humanista da Renascença em toda a grandeza e multiplicidade das suas representações — a composição majestosa do «Juízo Final», na Capela Sistina do Vaticano, constitui um dos mais altos cumes. A faina gigantesca foi iniciada em 10 de Maio de 1508. Prosseguiu entrecortada de sofrimentos e de angústias, num esforço de epopeia individual que fez nascer no tecto e nas paredes da Capela o espectáculo esplendoroso e dramático da Humanidade em todas as suas expressões essenciais perante o eterno. No dia 1 de Novembro de 1512 foi a obra concluída e desvendada — essa «obra terrível em que se despenha, como um furacão toda a força de viver», nas palavras apaixonadas de Romain Rolland. O artista findou essa obra, contando apenas 37 anos, precocemente alquebrado, quase cego, deformado pela posição em que se manteve, por milhares de horas sobre os andaimes, atormentado pela tensão heróica que o absorvera em contraste com as solicitações e fragilidades da sua vida sentimental.

Foi dessa experiência tremenda que Miguel Ângelo emergiu, pouco depois, para as criações em que o seu génio apaziguado se revela nas formas mais perfeitas: o Moisés, os Escravos, etc. Como pintor, como poeta épico e trágico, como visionário metafísico, o artista tinha-se realizado plenamente no «Juízo Final». Nunca mais essa criação da pintura foi excedida em grandeza, em intensidade significativa e em poder dramático.

Interpretações a que não faltam motivos de justificação assinalam que a acção descobridora dos portugueses — que então enchia o mundo com os seus ecos — não foi esquecida por Miguel Ângelo na obra portentosa. Um pormenor do fresco, que se reproduz nesta página como testemunho, representaria o esforço português arrancando os povos gentios da barbárie milenária para os trazer à espiritualidade ocidental. A hipótese é sugestiva — e vale a pena evocá-la neste 4.º centenário da morte do genial artista.

«O HÓSPEDE DE JOB» de Cardoso Pires em tradução italiana

A Editora Lerici, de Milão, apresentou simultaneamente com a edição publicada em Portugal a tradução em italiano do romance de José Cardoso Pires «O Hóspede de Job». A Imprensa e a crítica têm feito a este livro as mais destacadas e lisongeiras referências, salientando a sua notável qualidade literária e o seu valor representativo da moderna novelística portuguesa

A conhecida revista *Tempo*, por exemplo, destacou «O Hóspede de Job» como «o livro da semana», dedicando-lhe um extenso artigo em que chamou a atenção para a literatura portuguesa contemporânea.

Giancarlo Vigorelli, director de um dos mais importantes órgãos literários internacionais — o destacado mensário *Europa Letteraria* — na crítica que fez a esta obra, considera-a «um romance fulgurante, verdadeiramente digno de ser como que a carta de descoberta da nova literatura portuguesa». Giuseppe Surian, nas colunas do *Rinnovamiento* assinala: «O Hóspede de Job» é um documento tocante onde o acento directo é substituído por uma força sugestiva admirável e por uma atmosfera de permanente tensão»

Por sua vez Mário Criggi destaca neste romance a sua «linguagem narrativa densa de sugestões» e conclui: «Estamos em face de um mundo antigo e surpreendente. Tudo é dado no livro de Cardoso Pires através de uma lenta, constante e comovida poesia capaz de elevar ás regiões do mito a casual crónica do quotidiano».

Também o grande jornal diário de Roma *Paese Sera*, pela pena qualificada de Antonio Bertini, salienta a maneira como foi construído o romance, «por meio de rápidos momentos de vida que se organizam para dar um quadro grotesco, realista e ao mesmo tempo dramático».

Acaba de sair:

O ÚLTIMO DOS BARÕES

(A Guerra das Duas Rosas)

Romance de

BULWER LYTTON

Vol. N.º 62 da Colecção:

«Obras Escolhidas»

Preço: 30$00

À venda nas Livrarias e Tabacarias

Edições Romano Torres

R. Alex. Herculano, 70 — LISBOA

1937, com Freud paralítico na sua cadeira de rodas, guardado á vista por um S. S. sinistro e salvo do campo de concentração pelo esforço de um diplomata britanico com o auxílio da princesa Maria Bonaparte. Só depois, em retorno ao passado, a peça volta ao ambiente vienense de 1887, quando o criador da psicanálise inicia a sua carreira prodigiosa de irradiação mundial.

● **O cinema brasileiro, dando um exemplo, que entre nós só encontra raros ecos, está a utilizar em escala crescente as obras romanescas dos** escritores nacionais. São cada vez em maior numero os filmes baseados ou inspirados em livros conhecidos. Eis algumas das obras literárias que o cinema brasileiro está aproveitando: «Vidas Secas», de Graciliano Ramos; «Selva Trágica», de Erico Donato; «Curral Novo», de Adalberto Cavalcanti Lins; «Um ramo para Luísa», de José Condé; «Luba», de Luís Lopes Coelho, etc. A história vigorosa e dramática sobre o Nordeste que é «Vidas Secas», de Graciliano Ramos, livro já traduzido em doze idiomas, foi filmada nos próprios lugares descritos pelo autor e onde ele mesmo viveu. O elemento fundamental no argumento, a luz calcinante do sol nordestino, exigiu um trabalho fotográfico de excepcional responsabilidade. O filme está em fase final de montagem.

RELANCES DO MUNDO LITERÁRIO

● **Uma nova geração vigorosa de escritores, isentos da trágica herança do passado recente, está a surgir na Alemanha. Entre as novidades de maior sensação, a crítica tem salientado o valor da primeira obra de Peter Faecke, de apenas 23 anos, o romance «Der Brandstifter» («O Incendiário», Editora Walter-Verlag, Olten e Freiburg). Nada menos de oito editoras estrangeiras adquiriram na Feira do Livro, em Francfort, os direitos de tradução. A «Frankfurter Allgemeine Zeitung» declara que «neste livro se ouve uma voz firme e segura, com timbre próprio. Está-se imediatamente convencido da envergadura e da originalidade deste talento».**

● **A literatura contemporanea japonesa está a encontrar acolhimento cada vez mais largo na Europa. Romances de Kawabata, Osamu Dasai, Jiro Osaragi, Mishima, etc. — geralmente traduzindo o turbilhão de angustia, de desilusões, de horror pela guerra atómica, que ficou da passada guerra — têm sido traduzidos em inglês e francês com assiduidade significativa. Mas não são apenas os escritores jovens que beneficiam deste renovado interesse ocidental. Junichiro Tanizaki, que conta actualmente perto de oitenta anos, Yasushi Inoué, de cinquenta e quatro, entre outros, estão a suscitar grande interesse com as suas narrativas de análise psicológica pessimista, mas voltada a uma esperança social que permita corrigir os trágicos erros da natureza humana abandonada a si-mesma.**

Obras completas de
AQUILINO RIBEIRO

Acaba de sair

TERRAS DO DEMO

edição vulgar: 45$00
edição especial numerada e ilustrada por Abel Manta: 115$00

LIVRARIA BERTRAND

LIVRARIA BERTRAND

Acaba de sair

ANGOLA HERÓICA

120 dias com os nossos soldados
por ARTUR MACIEL

Artur Maciel escreveu uma obra de palpitante interesse em que nos são revelados os antecedentes da actual situação em Angola, as particularidades étnicas, mentais e políticas dos indígenas, num vasto panorama histórico, seguido de um relato dramático da luta desencadeada em Fevereiro de 1961. Numerosas fotografias colhidas em plena acção.

Colecção «Crónicas e Viagens»
40$00

TRIBUNA LIVRE

LIÇÃO DE HUMANIDADE dada por um cônsul português

Os acontecimentos ultimamente registados no Kenya, e o encerramento do consulado de Portugal em Nairobi, trouxeram á luz dos noticiários uma extraordinária figura de homeme e de cidadão: o nosso consul em Nairobi, dr. Luís de Oliveira Nunes.

Peço licença á sua reconhecida modéstia para relembrar nas colunas amigas do «Diário de Lisboa» aqueles dias negros de Julho de 1960, em que grande numero de portugueses fugiam á agitação criada no Congo Belga após a independência daquele território. Desejo, ainda, que estas palavras de gratidão contribuam para compensar um pouco a enorme dívida com que ficámos todos nós os que tivemos a felicidade de conhecer um homem bom em momento de tanta amargura e desespero.

Foi em Julho de 1960. Julho do êxodo. Os brancos precipitavam-se para as fronteiras do Congo, abandonando tudo atrás de si, deixando haveres e sonhos, deixando os frutos amadurecidos por longos anos de porfiados esforços. Só as raízes ficavam, porque estavam entranhadas fundo naquela terra generosa. Essas raízes haveriam de reconduzir ao Congo, meses ou anos depois, a grande maioria dos nossos compatriotas.

Como nós, outros milhares de portugueses do Norte e Oriente do Congo, passaram as fronteiras do Uganda e procuraram refugio no Kenya. Antes da nossa caravana nocturna de trinta pares de faróis, outras tinham já atravessado as centenas de quilómetros da reserva de animais selvagens do Parque Albert, por pistas onde o elefante e o hipopótamo tinham prioridade sobre as viaturas! Muitas mais expedições de refugiados nos seguiriam, enfrentando os riscos e perigos de movimentadas fugas através das selvas equatoriais.

A coberto da noite, passou-se, finalmente, a divisória com o Uganda. Alguns choravam, uns de desespero, outros de satisfação. Mas, do outro lado esperava-nos o chá quente e a simpatia dos colonos e funcionários ingleses. Um calor humano tal que desfez em nossos corações os preconceitos sobre a frialdade dos subditos britanicos.

Ao cabo de milhares de quilómetros de selva e savana, bordejando o Kilimandjaro, atingimos Nairobi, sujos de corpo e de alma, completamente vasios e... *dégonflés!* Chusmas de indianos abateram-se sobre nós, pretendendo «saldos» das nossas viaturas. Fomos conduzidos para um dos vários campos de refugiados, onde conhecemos a eficiente organização inglesa, adequada ás piores eventualidades, e onde vivemos durante alguns dias todo o ambiente próprio de tais lugares

Logo ao acordar da primeira noite de camarata, fomos informados de que nos procurara, durante a noite, o nosso cônsul, que viera inteirar-se das nossas condições ali, das nossas necessidades e dos nossos problemas. Ficara penalizado por estarmos já a dormir, e prometera regressar na manhã seguinte.

A notícia foi para nós o bálsamo que abranda a dor. Surpreendeu-nos tão pronto carinho. Não só a nós portugueses, como aos amigos belgas, tanto mais que não haviam, ainda, recebido a visita do seu representante consular. Alguns deles, ao ter, depois, conhecimento das muitas provas de amizade do nosso cônsul, não se contiveram: «Que pena não poder o vosso cônsul ocupar-se também de nós!»

O dr. Luís de Oliveira Nunes surgiu-nos ás primeiras horas da manhã. Dir-se-ia o pai inquieto que recebe os filhos pródigos! Tanta e tanta bondade e desvêlo, a ponto de ficarmos confundidos... De tudo ele queria inteirar-se, das dificul-

(Continua na 26.ª página)

Devem ser reconhecidas aos técnicos de contas a competência e a idoneidade reveladas no exercício da profissão

As esclarecedoras explanações nas colunas do «Diário de Lisboa» sobre a situação criada pela doutrina da Portaria n.º 20 317 aos contabilistas profissionais, suscitaram um amplo movimento esclarecedor, com o objectivo de facilitar ás entidades competentes o estudo ponderado para a revisão do referido diploma, de modo a conseguir-se uma solução justa e equitativa do problema, que se apresenta com sombrias perspectivas para a referida classe.

Hoje, publicamos um valioso depoimento, que se impõe, pela serena e clarificadora objectividade na análise desse premente problema e na argumentação em prol da solicitada modificação da portaria em causa. Além disso, a equilibrada e judiciosa exposição é feita por individualidade de reconhecida autoridade e largo prestígio, o que lhe confere autoridade especial para se ocupar do assunto. Trata-se do sr. prof. Martim Noel Monteiro, perito contabilista e consultor técnico, director da Associação Científica Internacional de Contabilidade e Economia, e autor de uma obra importante e de larga expansão, na qual se incluem os livros: «Curso de contabilidade para agentes de administração», «Peritagem e revisão de contas (teoria, técnica, legislação e prática)», «Organização e prática de escritório das empresas», «Teoria relativista da contabilidade», «A contabilidade em face da lei fiscal», «Contabilidade industrial», além de outros trabalhos notáveis. Segue-se o elucidativo depoimento do sr. prof. Martim Noel Monteiro:

As empresas perante o mito do licenciado ou do diplomado

A propósito da actual questão dos chamados «técnicos de contas», levantada por uma portaria que pretende condicionar-lhes o exercício profissional, já tivemos ocasião de, noutro lado, e escudados em autorizadas opiniões, advertir que os conhecimentos teóricos que devem possuir não são exclusivo de diplomados por quaisquer escolas. O publico, e principalmente as empresas interessadas, ficaram assim sabendo — se não o soubessem já pela experiência — que bons e maus profissionais podem virtualmente ser encontrados entre técnicos diplomados e não diplomados.

Parece-nos este esclarecimento importante, porquanto a questão que se discute não interessa só aos profissionais, mas, também, ás empresas que os empregam, e a não ser o mesmo feito devidamente, poderia criar-se o mito do licenciado, do diplomado, como o de um valor absoluto, quando a realidade é bem diferente E é triste que, no momento em que bons e autênticos profissionais tremem pelo seu futuro e se sentem vexados por ser posta em duvida as suas competência e idoneidade, só porque não possuem um curso que, á ultima hora, foi inventado como indispensável para o exercício da sua profissão, andem outros indivíduos, que nunca foram técnicos de contas, nem pensaram sê-lo, a preparar-se á pressa para ocupar o lugar daqueles, preparação essa que, deve dizer-se, não pode ser feita de pé para a mão.

Exemplos positivos

E, se preciso é citar exemplos flagrantes, aí vai aquele de rapaz amigo (ele que nos perdoe), licenciado em Economia, que nos procurou para lhe indicarmos o caminho dessa preparação, pois que, tendo-se limitado no seu curso aos conhecimentos de um ano de contabilidade geral, e nunca tendo pensado em ser contabilista, mas sim economista, jamais se dedicou áquela especialidade, pensando agora em fazê-lo, já que, á ultima hora, o consideram «técnico de contas».

E aí vão o daquele contabilista diplomado, que contabilizou uma quota de uma empresa noutra como se fosse uma comissão; o daquele licenciado em Finanças, que, tendo tomado conta da contabilidade de uma empresa, modificou, dentro do mesmo ano, o plano de contas, acabando por movimentar contas novas e apresentar o balanço pelas antigas; o do seu sucessor, licenciado em Economia, que passou sete meses a tentar deslindar as trapalhadas do antecessor, e acabou por fazer transferências de contas sem lançamentos no diário; e, com certeza, tantos outros que não são de nosso conhecimento, mas que acontecem por aí fora...

Seja qual for, pois, a decisão final sobre este momentoso assunto, devem as empresas — como, em regra, faziam até aqui — recusar-se a aceitar técnicos de contas, diplomados, licenciados ou não, sem primeiro se assegurarem, mediante provas adequadas ou do testemunho de outras empresas, de que eles possuem, não só os conhecimentos gerais e experiências convenientes, como a capacidade para os aplicar a determinados ramos especiais, o que nem sempre acontece, como ainda recentemente vimos num caso de sociedade anónima em que, surpreendido pela novidade do ramo, o contabilista (?) criou uma conta de exploração que, na realidade, não existia. Para tanto, as empresas têm sempre o recurso ao conselho de peritos contabilistas experimentados, profissionais de conta própria, que, não se sabe porquê, constando da tabela de actividades anexa ao «Código do Imposto Profissional», e como tal colectados, parece que não podem inscrever-se como técnicos de contas responsáveis, já que, não tendo sindicato próprio, não têm organismo que, nos termos da portaria, certifique estarem em actividade (não será prova bastante o pagarem imposto ao Estado?).

O perigo dos mitos

E aqui também se deve desfazer o mito de que o perito tem de ser, por força, um diplomado, pois só o é quem, na realidade, adquiriu a perícia na sua profissão, o que não se consegue na frequência de cadeiras da especialidade, que nem sequer existem no curso oficial de contabilista. Mas também não se deve, em sentido contrário, criar o mito da prática, pois todo o profissional consciente precisa de ter bons conhecimentos teóricos, salvo o que pode, indefinidamente, repetir os mesmos erros.

Consta da sabedoria das nações que no meio é que está a virtude e, por isso, não se deve cair em qualquer dos extremos, banindo todos os práticos como maus e aceitando todos os teóricos (?) como bons.

No dia em que haja associações profissionais de contabilistas e estas, escrupulosamente, só admitam como seus componentes — a exemplo do que fazem as associações inglesas e americanas de *chartered accountantes*, de *incorporated accountants* e de *certified public accountants* — os indivíduos que dêem inequívocas provas de qualificação teórica e prática, nesse dia, as empresas poderão descansar nos diplomas que elas concederem aos respectivos técnicos, salva a diferenciação qualitativa que vai de um indivíduo naturalmente pouco dotado, passando pelo de inteligência média, até o génio, e que, como todos sabemos, faz com que haja, saídos da mesma escola, um medíocre facultativo e um Egas Moniz ou um Sousa Martins, um obscuro causídico ou um Cunha Gonçalves, um Manuel Quintino qualquer ou um Ricardo de Sá.

Até lá, as empresas têm de se regular pelo seu bom-senso na escolha dos profissionais que lhes convêm, e não cremos que, constitucionalmente, lhes possa ser negado este direito, nem áqueles de procurarem o melhor e mais bem pago emprego, dentro dos princípios consagrados pelo Estatuto Nacional do Trabalho.

Jorge de Lima visto por Murilo Mendes

(Continuação da página central)

de cedo o carácter e o temperamento de Jorge de Lima. Ele aspirava ao repouso mas tinha a intuição que jamais o atingiria. Daí sua atracção por certos aspectos do budismo em que o repouso é uma lei de constancia espiritual. Desdobrou se em vários homens aos quais esperavam multiplas tarefas. Com efeito ele foi médico: no batente, como vimos, de manhã á noite. Foi professor, jornalista, tradutor. Praticou a fotografia, a pintura, a escultura. Fez política durante alguns anos. Produziu uma obra enorme como poeta, romancista, dramaturgo, ensaísta. Interessou-se, embora sem continuidade, pela história, a sociologia, a etnografia.

«.. Teremos sempre, pelos anos afora, o recurso dos textos. Através deles poderemos reconstituir o espírito, a inteligência, a estrutura mental, a fantasia, a sabedoria técnica do escritor Jorge de Lima. Entretanto nos faltará para sempre a presença do meninão fabuloso de União e Penedo, o sensível mestiço que nas suas multiplas cambiantes representava como poucos o Brasil anárquico e irrequieto; o ductil e fino, o subtil Jorge, com suas artes e requintes, simpático até na fraqueza; nosso querido, humaníssimo Jorge de Lima».

O 27.º aniversário da «Revista da Marinha»

A «Revista da Marinha», publicação mensal que se destina a bem servir a causa da Marinha portuguesa e dirigida, com toda a proficiência, pelo nosso prezado camarada de redacção Maurício de Oliveira, completou mais um ano de existência. Ao fazer 27 anos de publicação ininterrupta, esta magnífica revista inicia mais um, dentro do rumo que tem sabido manter com toda a isenção e brilhantismo. Além de noticiário e informação de muito interesse, o n.º 490 insere artigos da especialidade e crónicas, da autoria do director, Philippe Reine, José Bensaude, P. R. e dr. Fernando Costa.

De boa apresentação gráfica, a «Revista da Marinha» impõe-se pela actualidade dos assuntos que versa.

NO PORTO

O «Diário de Lisboa», no Porto, encontra-se á venda a partir das 21 horas, nas tabacarias de MATOSINHOS, FOZ, AVENIDA DA BOA VISTA, ROTUNDA DA BOA VISTA, CARVALHOSA, PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, RUA DE COSTA CABRAL, CONSTITUIÇÃO, PRAÇA DA REPUBLICA e BONFIM.

MONUMENTOS DE LISBOA

RAMALHO ORTIGÃO

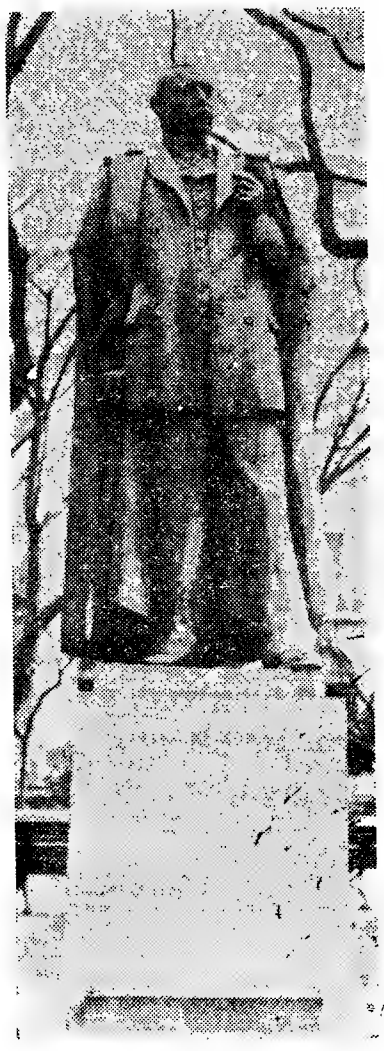
No Jardim Vasco da Gama, em Santos está sobre simples bloco de pedra a estátua de José Duarte Ramalho Ortigão, obra do escultor Numídico Bessone, inaugurada em 1957.

Embora no plinto apenas tenha gravado o nome do escritor e os anos entre que a sua vida medrou, quem ignorará, nesta época de glórias tão diferentes, que aquele é o Ramalho de «As Farpas» dos «Vencidos da Vida» ou do célebre tricentenário de Camões?

Nasceu no Porto em 24 de Novembro de 1837 e morreu em Lisboa, na rua que hoje tem o nome de João Pereira da Rosa, em 27 de Setembro de 1915

A sua obra começou em 1866, na terra natal, com a publicação do folheto «Literatura de hoje», assim intervindo na célebre polémica *Bom senso e Bom gosto* o que lhe valeu ser desafiado e vencido num duelo á espada, por Antero, ponto de partida para admiração que se tornou votiva até ao fim da vida, nele reconhecendo o homem superior o Santo Antero, como lhe chamava Eça de Queiroz.

A sua grande obra, aquela que encerra páginas de flagrante actualidade, e em cujos primeiros numeros teve a colaboração do seu dilecto amigo Eça de Queiroz, era a crónica mensal da política, das letras e dos costumes, «As Farpas», onde Ramalho se revelou exímio na ironia e na caricatura. Que pena que o reduzido espaço de que dispomos não permita pelo menos a transcrição da algumas passagens da carta dirigida ao então príncipe D. Carlos, de Bragança, bem humorada fantasia sem quebra de respeito



pelo homem, nem comprometimento de salutares conceitos educativos!

É ainda com essa fina ironia que se torna colaborador de Rafael Bordallo Pinheiro, principalmente no «Album de Glórias», onde, a par de Guilherme de Azevedo, escreveu algumas páginas que assinou com o pseudónimo de *João Rebaixo*.

Com Teófilo Braga, Eduardo Coelho, Luciano Cordeiro, Rodrigues da Costa, Pinheiro Chagas, Jaime Batalha Reis Sebastião de Magalhães Lima e Rodrigo Pequito, fez parte da comissão executiva quando do Tricentenário de Camões. Na autobiografia que escreveu no album de seu filho e que «O Primeiro de Janeiro» publicou poucos dias após a sua morte, afirmou:

... ...

«Massar o menos possível que seja o meu semelhante, procurando tornar para os que me cercam a existência mais doce, o mundo mais alegre, a sociedade mais justa tem sido a regra de toda a minha vida particular. O acaso fez de mim um crítico. Foi um desvio de inclinação a que me conservei fiel. O meu fundo é de poeta lírico».

... ...

Assim se definiu o homem que constituiu, com Eça, Arnoso, Luís Mayer, Soveral Lobo d'Avila, Junqueiro, Ficalho, António Cândido, Oliveira Martins e Fabugosa, esse tão discutido e célebre grupo dos «Vencidos da Vida»!

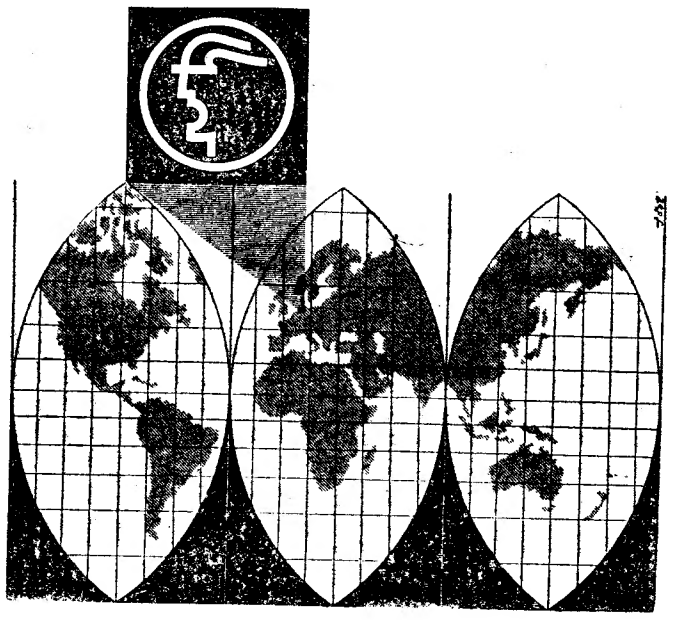
Quem folhear as páginas do curioso livro «Grandes de Portugal», deparará com Ramalho Ortigão assim definido pelo visconde de Villa-Moura:

«Talento são e vida forte A sua obra: — anos bons de lida á pena nos curros burgueses de Portugal e Brasil. O seu lema: — na Arte pelo Realismo, no mais pela Realeza . ».

ZACARIAS DA SILVA

É essa a sua tarefa?

V.Exª ocupa uma posição de responsabilidade? V.Exª conhece a fundo o mercado, os seus fornecedores, as últimas novidades produzidas em todo o mundo? Quantas viagens crê V.Exª são necessárias para adquirir tal experiência? Há um processo mais simples: Todos os anos, durante 10 dias, realisa-se na Alemanha à Feira Internacional de Hannover. Aí encontrará representadas firmas de categoria e renome vindas de todo o mundo. Cerca de 5.500 empresas estarão instaladas, numa área de 590.000 m², agrupadas por especialidades, o que lhe evitará grandes caminhadas. Os Serviços de Assistência da Feira estão ao seu inteiro dispor para ajudá-lo no que for necessário. Venha à Alemanha e visite a Feira de Hannover.



FEIRA DE HANNOVER 1964

26 de abril a 5 de maio

Peça informações à: Câmara de Comércio Alemã em Portugal, Rua do S. José, 41-2°-Dt°, Lisboa 2 Telefone: 328053, 31655

motores Petter

PETTER DIESEL

PARA TODAS AS APLICAÇÕES

- DUMPERS
- BETONEIRAS
- BRITADEIRAS
- MÁQUINAS AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS, ETC.

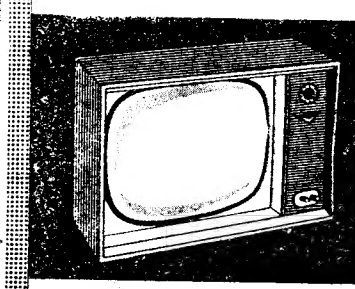
- STOCK DE ACESSÓRIOS DE ORIGEM
- ASSISTÊNCIA TÉCNICA

POTÊNCIAS DE 1,5 A 100 CV

GRUPOS DE MOTO-BOMBAS

COMETNA
COMPANHIA METALÚRGICA NACIONAL, S.A.R.L.
Sucessora de Alfredo Alves & C.ª (Filhos)
Lisboa — Rua da Academia das Ciências, 5 — Lisboa-2
Telefone P. P. C. A. 3 17 10 (5 linhas)
Stand de exposição e vendas: Boqueirão do Douro, 38
Telefone 66 47 88 Lisboa-2

EM SUA CASA... A CATEGORIA DA MARCA GEP



SEM ENTRADA INICIAL
SEM FIADOR
PRESTAÇÕES MENSAIS
DESDE ESC. 100$00

A. OLIVEIRA
Av. Almirante Reis, n.º 91-A — Telefones 73 63 08/53 83 23

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei N.º 26.852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Seixal, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento de um ramal aéreo, a 30 kV, com 1035 m, do apoio n.º 89 (antigo n.º 84) da linha dupla Coina-Laranjeiro ao posto de transformação da Central Elevatória de Águas de Vale Milhaços, da Câmara Municipal de Almada na freguesia de Amora, no referido concelho

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 15 de Fevereiro de 1964.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei N.º 26.852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Barreiro, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, para o estabelecimento de um ramal aéreo a 30 kV, com 1012 m, do apoio n.º 49 da linha dupla Coina-Barreiro ao posto de transformação da Parceria Geral de Pescarias, Ld.ª, na freguesia de Palhais, no referido concelho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Fevereiro de 1964.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei N.º 26.852 de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento de um ramal aéreo, a 30 kV, com 187 m, do apoio n.º 29 da linha dupla Cachofarra-Alcácer ao posto de transformação de Máquinas Sispal, Ld.ª: modificação, sem alteração de traçado, da linha dupla, a 30 kV Cachofarra-Alcácer, com a deslocação e substituição do apoio n.º 29, na freguesia de S. Sebastião, concelho de Setubal.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Fevereiro de 1964.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei N.º 26.852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento de um ramal aéreo, a 15 kV, com 103 m, do apoio n.º 98 (antigo n.º 97) do ramal para Ermidas (Sado) ao posto de transformação da povoação de Ermidas, da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, na freguesia de Ermidas, concelho de Santiago do Cacém.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Fevereiro de 1964.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-lei N.º 26.852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento de um ramal aéreo, a 30 kV, de interligação da linha Coina-Barreiro, com a linha dupla Coina-Laranjeiro (Variante de Coina II) com 25 m, entre os apoios n.ºs 2 das referidas linhas, na freguesia de Palhais, no concelho do Barreiro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Fevereiro de 1964.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

ESTUDANTE

Atravessando crise difícil, pede auxílio. Resposta a este jornal ao n.º 427.

Máquinas de costura

Portáteis, modernas e mais baratas que nunca. Todas as peças para reparações. — Largo da Trindade, n.º 17.

FOLHA-DE-FLANDRES
SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CICC, LDA. - RUA D. JOÃO V, 7-1.º
LISBOA - TELEFS. 68 41 41/2/3

FORÇA AÉREA

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE RECRUTAMENTO E INSTRUÇÃO
CENTRO DE RECRUTAMENTO N.º 1

ANÚNCIO

Concurso para a admissão de oficiais graduados médicos da Força Aérea

Faz-se público que está aberto concurso para provimento de duas vagas de Oficiais Graduados Médicos em conformidade com o Decreto n.º 44 727 de 24-11-1962.

Os interessados deverão apresentar no Centro de Recrutamento n.º 1, Rua Andrade Corvo n.º 25/A — LISBOA, os seguintes documentos, dentro do prazo de 60 dias a contar da data da publicação do presente anúncio no Diário do Governo:

- Requerimento dirigido a Sua Ex.ª o Secretário de Estado da Aeronáutica.
- Certificado do registo criminal e policial
- Declaração a que se refere o Decreto n.º 27.003
- Certidão de Nascimento (teor)
- Pública Forma da carta de curso
- Curriculum Vitae
- Outros documentos que o candidato julgue de interesse, abonatórios da sua competência profissional.

Do requerimento deverá constar a morada, e mais elementos de identificação.

O Centro de Recrutamento n.º 1 fornecerá o Boletim Questionário de Inscrição e as informações que lhe forem solicitadas.

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1964.

O CHEFE DO CENTRO
Eurico Gonçalves Monteiro
Maj Art.ª

LUÍS ROMERO AFIRMA:

O romance espanhol atingiu uma expansão que antes não se previa

★ **Cem contos para o Planeta 1963**

★ **Escreve pela manhã e ama a independência**

MADRID, *Janeiro* — É difícil encontrá-lo na capital. Quando aqui vem, é sempre de fugida. A sua residência habitual fixou-a em Barcelona. A oportunidade esteve pelo nosso lado — conseguimos encontrar Luís Romero, prémio «Planeta 63». Para nós foi uma escassa meia hora de conversa; trinta minutos que Luís Romero transformou em agradável colóquio. Em Madrid tem o tempo contado segundo por segundo.

Luís Romero tem mais de quarenta e cinco anos. Está bastante calvo. Bigode negro e farto. Olhar voluntarioso. Expressão sempre aberta a um sorriso largo. As mãos não param — nunca deixam de secundar as palavras. Veste sem cuidados de etiqueta — gosta da naturalidade. Há pouco mais de um mês começou a ser célebre. De um espanhol entre milhões — um espanhol escritor — tornou-se no escritor Luís Romero, mais um «Planeta». Coisas dos prémios literários!

— Acreditava no triunfo da sua novela?

— Efectivamente tinha confiança.

— Por que se apresentou sob pseudónimo e mudou o título á obra?

— É simples. Em meados do ano passado dei uma entrevista; ao falar do livro que estava a escrever referi o título da obra. Precisamente para que a minha presença no concurso fosse de todo incógnita, apresentei-me sob o pseudónimo de Fabián Suárez e intitulei a novela de «El Relevo», quando na verdade o título original é «El Cacique».

— E afinal a novela acabou por ser publicada com o título de concurso. Qual o problema posto pelo seu livro?

— É a história da terra que viveu sob o domínio de um cacique. O meu livro começa no instante em que se efectua o funeral do cacique. Quanto ao problema... são mais os problemas humanos daquela gente e a comoção experimentada pelo momento que vivem.

— O que é cacique?

— Uma pessoa que apoiando-se no poder conseguiu impor a sua autoridade a um povo inteiro, e ás vezes apenas por capricho.

— Vive exclusivamente da literatura?

— Agora sim. Aliás, práticamente após escrever a minha primeira novela, abandonei a profissão que antes tinha.

— E qual era?

— Inspector de seguros. Há até uma história curiosa, e posso contá-la em meia duzia de palavras. Como inspector de seguros viajei por toda a Espanha. Ao surgir a oportunidade de ir para a Argentina levei minha mulher. E não sei bem porquê, um dia, apeteceu-me escrever um conto. Esse conto transformou-se em novela, e com ela concorri ao prémio Nadal. O prémio foi meu. Intitulava-se o livro «La Nória». Isto aconteceu em 1952. Antes tinha aproveitado as minhas viagens como inspector de seguros para escrever artigos, alguns foram publicados no diário «Solidaridad Nacional».

— Que livros publicou depois?

— «Carta de ayer», «Las viejas voces», «Los otros», «La noche buena», e mais três ou quatro, até chegar ao prémio «Planeta».

— Que pensa fazer com os cem mil escudos do prémio?

— Não imagino! Gastar dinheiro, não é preocupação minha. Aliás sou de gastar pouco dinheiro.

— A que atribuir tão longa ausência dos prémios literários. Onze anos não é verdade?

— Sim. Não sou contra os prémios literários, mas acho que há mais prémios do que possibilidades de autores novos.

— Tem uma divisa?

— Amo a liberdade e a independência.

— Que altura do dia escolhe para escrever?

— Sempre que posso pela manhã.

— Escreve pensando no êxito comercial?

— Seria como trair-me! A grande e unica preocupação é a qualidade da minha obra.

— Há pouco tempo esteve a assinar exemplares do seu livro. Que impressão ficou dessa tarde?

— Encanta-me todo o contacto com o publico. Por isso estive contente. Por outro lado encontrei-me com amigos que há muito não via, e iniciei amizade com pessoas que nem imaginava poder vir a conhecê-las.

— A sua opinião sobre o momento actual da literatura espanhola?

— É um momento de interesse e fecundidade mais do que plenitude. O romance espanhol atingiu uma expansão, além fronteiras, que antes não se podia prever.

— Luís Romero é um sonhador?

— Sim, mas um sonhador com os pés bem assentes no chão!

— Que impressão lhe ficou de tantas entrevistas para jornais, revistas e rádio?

— Não sou vaidoso. Parece-me, contudo, que é mais um testemunho da situação actual da literatura espanhola. O publico interessa-se a sério pelas pessoas que escrevem e quer saber tudo acerca da sua obra. Ainda bem que assim acontece. — *J. R.*

LIÇÃO DE HUMANIDADE

(Continuação da 24.ª página)

dades pessoais ao pequeno pormenor de alojamento.

A partir daí, e até á nossa partida para Bruxelas, foi um não mais findar de gestos amigos e de atitudes reveladoras do grande e generoso coração que se abrigava no peito do nosso querido consul Oliveira Nunes. Deslocava-se infatigávelmente ao campo de refugiados — distante da cidade alguns quilómetros — para saber se tudo corria bem, conduzia-nos ás entidades oficiais, ocupava-se com a expedição das nossas bagagens e viaturas, acompanhava-nos por todo o lado, custeava as nossas refeições na cidade, pagava do seu bolso despesas de viagem de alguns, enfim, só descansava já noite quando nos deixava a repousar nas camaratas do campo.

Em resposta aos nossos efusivos agradecimentos finais, só estas comovedoras palavras que jamais sairão dos nossos corações:

— A Pátria é como uma mãe que abre generosamente os braços para acolher os seus filhos em perigo. Eu sou aqui o representante de Portugal. Não fiz, portanto, mais do que o meu dever!

Alguns dias depois, perante o frio acolhimento dispensado pela nossa embaixada em Bruxelas, teriamos ocasião de meditar com ironia na generosidade de tais palavras.

Hoje, o consul Oliveira Nunes deixou o posto de Nairobi e a África, e prepara-se para continuar a sua missão humana noutras paragens. Seja qual for o ponto da terra onde prosseguir a sua carreira, saiba, porém, que todos nós, os refugiados do Congo, que tivemos a felicidade de o conhecer em Nairobi, recordaremos o seu nome com a maior gratidão. Creia que tem um amigo em cada um de nós.

HERMANO M. SANTOS

PEREGRINAÇÃO

por Maria Letícia

Vem da noite longínqua a [distância
Da dura caminhada.

Vem da noite ubérrima
O castigo
De ser o que não sou.

Vem, da distância tremenda
E ampliada,
O segredo, o mistério em que [me vou.

Nada nem ninguém vêm por [mim.
Por mim só eu me sou,
E mais ninguém.

Mas sinto que do lado da [montanha,
— da montanha da minha [alma —
Um canto novo me vem

Da distância que não foi ul- [trapassada.

(Do livro no prelo: «MAR LIVRE»)

Uma enciclopédia que é uma obra de cultura

A distribuição agora efectuada do primeiro fascículo da Enciclopédia Internacional *Focus*, edição da Livraria Sá da Costa, permite ajuizar em relance imediato do alcance cultural desta iniciativa, que vem preencher no nosso País uma missão de grande interesse. Baseada no plano e, em importante parcela, na realização de uma editora sueca que se propôs condensar, na síntese de quatro volumes, uma sumula de cultura básica, a versão portuguesa da *Focus* foi reconstruída sob um signo luso-brasileiro e é aos dois países de língua portuguesa que se destina como instrumento de trabalho e fonte de informação concisa sobre todas as matérias de ciência, arte e actividades sociais. Uma vasta equipa de colaboradores de Portugal e do Brasil, sob a direcção do eng. Manuel Rocha e dos profs V. Magalhães Godinho e Celso Cunha, assegura a integração da modelar Enciclopédia Internacional no ambito das necessidades e interesses destes dois países. A chefia redactorial confiada a Joel Serrão, tendo como coordenador brasileiro Alberto da Costa e Silva e assistentes Augusto Abelaira, eng.º Fernando Branco e Idalina Sá da Costa, completam o quadro desse trabalho magistral.

O primeiro fascículo da Enciclopédia *Focus* constitui só por si, na verdade, um testemunho eloquente. Uma condensação rigorosa de conhecimentos sobre os mais diversos temas abrangidos na letra inicial do alfabeto; um conjunto numeroso e gráficamente modelar de ilustrações instrutivas; alguns capítulos de exposição brilhantemente desenvolvida como os que se reportam a Absolutismo, Arte Abstracta, Academias, Acordos de Pagamentos, Acrópole, Actor, etc. — permitem constatar antecipadamente o valor prático, pedagógico e cultural da obra. E' de salientar que as ilustrações preenchem cerca de uma terça parte das páginas da Enciclopédia e que extratextos coloridos, a partir de fascículo próximo, vão valorizar gráficamente a edição.

A Livraria Sá da Costa presta um serviço relevante com esta iniciativa editorial, cuja regularidade impecável de publicação está inteiramente assegurada.

VIDA MUSICAL

Concerto de piano em Ponta Delgada

A pianista Angeles Presutto da Gama segue a bordo do navio «Funchal», em direcção aos Açores, a fim de dar um concerto em Ponta Delgada, sob o patrocínio da delegação local da Pró-Arte.

Cantora francesa no Conservatório

A cantora francesa Nadine Santereau, que amanhã se estreia em São Carlos, foi convidada pelo Instituto Francês para dar um recital no Conservatório.

O recital será no sábado, ás 21 e 30, e inclui obras de Carissimi, Giordani, Monteverdi, Scarlatti, Ravel, Poulenc, Rosenthal e Hugo Wolff.

Os bilhetes são distribuídos, gratutitamente, no Conservatório e no Instituto Francês.

Imprensa literária regional

Tem tomado meritório incremento e testemunha a irradiação crescente dos interesses literários, sobretudo entre as gerações novas, a publicação de suplementos ou páginas literárias em numerosos órgãos da Imprensa regional portuguesa. A seguir se dá notícia de alguns que nos têm sido enviados.

«Labareda»

Suplemento quinzenal de artes e letras de «O Templário», de Tomar, inseriu «Labareda», no seu 8.º numero, a «Declaração Universal dos Direitos do Homem», um estudo de Serafim Ferreira sobre Vergilio Ferreira, um trabalho de actualidade económica e reproduções de arte, entre as quais uma gravura de António Areal.

«Quadrante»

Neste suplemento cultural do «Jornal da Bairrada», dirigido por Jorge Ramos, incluem-se, em edição referida a Fevereiro corrente, artigos e ensaios sobre «Universidade da Cultura», «O que é a Poesia», «O Diário na Literatura», «Filosofar», etc. Poemas de Baudelaire, de Yacov Cohen e Luís Aliaga, comentários e notícias do mundo literário, preenchem outros espaços do suplemento. «Quadrante» entrou com este numero no 6.º ano de publicação.

«Notícias da Amadora-Artes e Letras»

Na edição de 1 de Fevereiro deste suplemento cultural são publicados um estudo de Alexandre Cabral sobre Camilo, uma entrevista com Assis Esperança, crítica de Nelson de Matos á peça «O Diabo e o Frade», de João Pedro de Andrade, poemas de Fernando Alves dos Santos e Aureliano Lima, etc. Nas páginas de cinema, são publicadas colaborações de Manuel Pina e P. Brillard, além de numerosos comentários e informações de interesse.

«Sol»

A página literária do jornal bairrista «Ecos de Belém», também dirigida por Jorge Ramos, fala de Rómulo Gallegos e Steinbeck, insere um poema de Antunes de Paiva e um panorama de actualidades literárias mundiais com muito interesse. Iniciada há pouco, esta página literária apresenta-se com nível que muito dignifica o jornal a que está ligada.

«Portas do Sol»

Nos numeros 61, 62 e 63 de «Portas do Sol», suplemento de cultura e arte do jornal «Correio do Ribatejo», de Santarém, que é coordenado por Hugo Paulo Rodrigues, incluem-se colaborações de Moisés Espírito Santo, Orlando Neves, Nelson de Matos, Francisco da Costa Félix, António Augusto Menano, Egito Gonçalves, Virgilio Martinho, João Rui de Sousa, etc., sobre os mais diversos temas de interesse literário. Informação ampla e variada e ilustrações de arte valorizam estes suplementos.

«Vida do Espírito»

Começou a publicar-se recentemente, em coordenação de Lino Mendes, o suplemento de literatura e arte do jornal «O Riomaiorense». Na sua ultima edição insere crónicas de António Augusto Sales e J. M. Cruz, um poema de Amaral da Silva, transcrição de uma página de Luís Francisco Rebelo sobre o teatro de Bernard Shaw e informação criteriosa.

«Vértice», n.º 242-243

Consagrada por uma acção cultural que é aspecto dos mais significativos na vida literária e artística portuguesa do último quarto de século, a revista «Vértice», de Coimbra, prossegue com exemplar continuidade a sua missão divulgadora e estimuladora. O número duplo 242-243, há pouco distribuido, insere o estudo «A produção antes do industrialismo», de Luís de Carvalho e Oliveira; poemas de Rui Namorado e Luís Manuel; uma narrativa regionalista de Pedro da Silveira; «Introdução à sociologia de Morris Ginsberg», por Flausino Torres; uma breve mas sugestiva história ilustrada do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra; crónica de Joaquim Namorado sobre «A Paleta e o Mundo», de Mário Dionísio; notas críticas de artes plásticas, ciência e técnica, cinema, literatura, teatro, etc.; e, ainda informações e comentários de actualidade com grande interesse.

Semana de Madrid

por MANUEL RIUTORT

DIRECÇÃO prudente de Cayetano Luca de Tena, na peça «La Prudência en la mujer» reposta agora do Espanhol.

☆

PARA o pintor José Planés foi o prémio extraordinário para a melhor obra do certame Nacional de Artistas Plásticos. Prémio no valor de cem mil pesetas.

☆

DENTRO do expressionismo informalista pode dizer-se que a pintura de De Sucre é novidade que merece análise atenta. Expõe na sala Santa Catalina.

☆

OS quadros de Portoles têm perfeição na minúcia do desenho. Expõe na Galeria Grifé.

☆

TRATA-SE de uma recompilação de textos dispersos escritos por Juan Ramón Jiménez. Título da obra: «La Colina de los Chopos».

☆

PROJECTA Guillermo Fernandez Shaw, director da Sociedade de Autores, a criação de um teatro espanhol permanente em Nova York com o patrocínio do Instituto de Cultura Hispânica.

☆

A Fundação March instituiu prémios no valor de dez mil contos destinados ao concurso de projecto para o novo Teatro de Ópera.

☆

O prémio «Fraternidade Hispânica», correspondente a 1962, no valor de cem mil pesetas, foi para o jornalista e romancista Castillo Puche.

Pintura e escultura em Cuba

Nas amplas salas do Museu Nacional de Havana, foram expostas obras representativas de meio século da evolução das artes plásticas cubanas, sob o título de «50 anos de Pintura e Escultura em Cuba» e como parte principal dos diversos actos organizados para comemorar o cinquentenário dessa instituição.

As diferentes correntes artísticas do período compreendido entre 1913 e 1963 foram recolhidas e agrupadas cronológicamente e estéticamente em salas que oferecem ao visitante uma reveladora visão plástica pela combinação de obras esritamente clássicas com outras de feição absolutamente moderna.

PRÉMIOS CALOUSTE GULBENKIAN

Continuará aberto, até final do corrente mês, o prazo para entrega, nas condições estabelecidas nos regulamentos respectivos, dos trabalhos destinados aos concursos para atribuição dos Prémios Calouste Gulbenkian de Estética, História da Arte, Arqueologia e Crítica de Arte referentes ao ano de 1963.

Os mesmos trabalhos deverão ser entregues no Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, onde se distribuem os referidos regulamentos e se prestam todos os esclarecimentos.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

A CILADA

por W. T. BRANNON

FOLHETIM SEMANAL DO

Diario de Lisbôa

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES — A pequena cidade de Palmview fica horrorizada quando o seu chefe político, Jim Elliot é assassinado a tiro. Terry Kane confessa-se o autor do crime mas recusa dar razões suficientes. Duramente maltratado, Kane é conduzido ao hospital sob prisão. O dr. Allison interessa-se pelo caso, principalmente porque a viúva da vítima, Laura Elliot, foi um dos muitos bebés que ele ajudou a vir ao mundo. Também simpatisa com Kane. O médico interroga neste momento Laura Elliot.

CAPÍTULO IV

Levantei-me e tornei a aproximar-me da janela.

— Não te preocupes — disse-lhe. — Hei-de conseguir livrar Kane do sarilho em que se meteu.

— Nada pode fazer — objectou Laura com desânimo.

— Porque dizes isso?

— Jim possuia a mais poderosa máquina política que até hoje se viu. É uma máquina que controla toda a cidade. Não há um polícia na cidade que não tenha sido nomeado pelo grupo de Jim. E deles não conseguirá auxílio. Especialmente desse homem untuoso que é Graham. — esboçou uma careta ao mencionar o nome do chefe da Polícia. — Mesmo que ele fosse honesto, não teria interesse em o ajudar.

— Ora! A sua máquina pode controlar Palmview, mas não domina todo o condado. Não esqueças que o julgamento é em Clearwater. Vou arranjar um bom advogado para Kane.

— O doutor! — disse Laura e havia lágrimas nos seus olhos. — Se conseguisse fazer qualquer coisa para o salvar!

— Continuas a amá-lo, não é verdade?

— Sim, nunca deixei de o amar todos estes anos.

— Pois bem, vou procurar Johnny Brent. É o

melhor advogado da região. Podes confiar nele e fazer o que te mandar.

Num impulso, ela levantou-se e aproximou-se da minha cadeira. Inclinou-se e deu-me um beijo na careca. Já devia estar habituado a essas coisas, mas não estou. Embatuquei, todo corado e tratei de me dirigir para o carro o mais depressa que pude.

— Toquei a buzina e Alec surgiu atrás de uma árvore, de máquina em punho. Provàvelmente andara a fotografar cada metro quadrado da propriedade dos Elliot.

— O senhor não imagina os cenários maravilhosos que há por aqui, doutor — observou ele.

Limitei-me a resfolegar e a pisar no acelerador. Estava demasiado enfronhado em pensamentos para dar importância a fotografias. Voltei a Palmview e parei à porta do hospital. Alec não fez qualquer objecção quando lhe disse que me esperasse no carro. Continuava muito entretido a manipular as engenhocas da máquina fotográfica.

Voltei à enfermaria do primeiro andar e sentei-me na borda da cama de Terry Kane.

— Esta manhã, quando o interroguei, fi-lo apenas por curiosidade. Desta vez, porém, não estou para brincadeiras e quero conhecer o jogo todo.

— Já lhe disse tudo o que podia dizer.

— Não disse tal.

— Leu a minha confissão?

— Li. E até mesmo uma criança de imaginação débil saberia inventar uma história mais plausível.

— Pois é a minha história — retrucou ele teimosamente.

— Você inventou essa confissão no intuito de proteger Laura Elliot.

Kane sentou-se no leito e fitou-me com raiva.

— Meta-se no que lhe diz respeito, ouviu?

— Jovem — aconselhei-o, usando de modos paternais — é melhor deitar-se e acalmar. Fui eu a primeira pessoa a pôr os olhos em Laura. E desde que nasceu, tenho sido sempre o seu médico. Por-

tanto, o caso diz-me tanto respeito como a si.

Ele deitou-se para trás e esboçou um sorriso fraco.

— Desculpe, doutor, mas já receava que o senhor tentasse querer envolvê-la.

Contei-lhe a conversa que tivera com Laura a respeito dos «acidentes». Terry mostrou-se mais propenso a abrir-se, após a minha observação que «Elliot merecera o fim que tivera».

— Eu também vim a saber desses acidentes — disse ele — mas nunca me dei conta da sua verdadeira importância. A princípio, Laura negou que se passasse qualquer coisa de especial, mas por fim, contou-me tudo o que havia. Eu pouco podia fazer, a não ser propôr-lhe que fugisse comigo. Mas ela recusou-se. Pedi-lhe então que não desanimasse, pois eu arranjaria outra maneira de remediar as coisas. Depois, saí.

— E aonde foi?

— Fui para um local deserto e ali estive a pensar, cerca de uma hora. A única solução que me ocorria era pedir a Elliot o seu consentimento .. Resolvi então ter uma explicação clara com ele. Meti-me no carro e voltei atrás, indo parar a dois quarteirões da sua casa.

— A que horas foi isso?

— Um pouco antes das seis. Aproximei-me da casa pelas traseiras e tenho a certeza de que ninguém me viu. Não queria que Laura soubesse que me encontrava lá, de forma que introduzi-me por uma janela aberta da sala de estar. Aí, aguardei o regresso de Elliot. Quando o miserável chegou, disse-lhe que sabia que Laura era infeliz e pedi-lhe que lhe desse o divórcio. Ele limitou-se a rir na minha cara.

Kane fez uma pausa e continuou:

— A sua atitude teve o condão de me enfurecer. Atirei-lhe no rosto a sua crueldade e ele zangou-se então. Insultámo-nos mutuamente. Havia uma automática sobre a mesa. Agarrou-a e mandou-me erguer os braços. O senhor dá-se conta do que isso representaria para mim, não é verdade?

— Posso imaginar. Elliot atirá-lo-ia para a cadeia sob a acusação de chantagem.

— Foi o que pensei também. De forma que mergulhei para a arma que ele me apontàva, justamente quando Elliot já estendia a mão para o telefone. Segurei a pistola com uma das mãos e o pulso com a outra. Ele deixou cair o telefone e com a mão esquerda, apertou-me a garganta. Quando senti a sua mão apertar-me a garganta, torci-lhe o pulso e nesse momento a pistola disparou-se. A bala penetrou-lhe no coração, dando-lhe morte instantânea. Quando caiu, eu segurava a arma do crime.

— Que fez então?

— Corri para a janela o mais depressa que pude. Ao entrar no carro, percebi que continuava a empunhar a automática. O meu primeiro pensamento foi ver-me livre dela. Conduzi o carro à baía, atirei a pistola ao mar e voltei para casa. Foi esse, é claro, o meu erro.

— A Polícia já lá estava à sua espera?

— Sim. Eu tinha a certeza que ninguém me viu entrar e não creio que me tivessem visto sair. Imaginei portanto que seria boa ideia ficar em casa, se os polícias mais tarde começassem a fazer perguntas.

— Sabe dizer-me porque foi então apanhado tão depressa?

— Bem, a resposta acorreu-me demasiado tarde. O mordomo devia estar de orelha colada à fechadura quando eu fora visitar Laura da primeira vez. Certamente, Elliot dava-lhe um ordenado extra para a espiar. O facto é que o mordomo relatou a minha visita à Polícia. E esta teve pouco trabalho em me deitar a mão.

— Bateram-lhe para o obrigar a falar?

— Não acha que basta olhar para mim?

— Mas foi uma morte acidental! Não compreendo o motivo por que você confessou.

— A Polícia jamais acreditaria num acidente. De forma que nada lhes disse. E eles tão-pouco conseguiram obrigar-me a falar.

— Acredito bem. Com que foi que o ameaçaram?

— Tinham já uma confissão preparada que envolvia Laura. Recusei-me a assiná-la. Foi então que me espancaram. Por fim, Graham ameaçou-me que contaria aos jornais que eu tinha ligações amorosas com a Laura. Fiz então um acordo com ele. Graham concordou em deixar a Laura de parte em troca da minha confissão forjada. Foi então que me trouxeram para o hospital, alegando que eu caira do catre, quando dormia na cela. — Dizendo isto, passou a mão pelo rosto entumecido e sorriu.

— E continua na disposição de não deixar que as autoridades saibam o que se passou realmente?

— Naturalmente que sim. Não me importo de confessar ter morto aquele bandido, mas não quero ver o nome da Laura envolto no caso.

Julgo que sou um romântico incurável. E apreciava a maneira heróica como aquele rapaz tentava defender a reputação de Laura Elliot.

— Escute, eu vou livrá-lo deste sarilho.

Kane soltou uma risada.

— Aprecio as suas boas palavras, doutor, mas não tem a mínima probabilidade a seu favor. Aquele velhaco era o herói da cidade. Só os seus colaboradores políticos lhe conheciam a têmpera de que era feito. E esses não vão abrir a boca, porque querem continuar a dominar Palmview. Muita sorte já eu terei se não for linchado pela populaça antes do julgamento.

— Vou arranjar-lhe um bom advogado. Ele saberá preparar meia dúzia de truques que nos são inteiramente desconhecidos.

— O que eu preciso é de um mágico que me faça desaparecer, e não de um advogado.

— Escute, Johnny Brent não é nenhum mágico, mas é um excelente advogado. Quando ele vier falar consigo, faça o que lhe disser.

— Obrigado, doutor. Fica combinado.

Ri-me e apertei-lhe a mão. Mas intimamente não sentia o optimismo que queria aparentar.

(Continua)

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

EST. VALENTIM DE CARVALHO, LDA.

95, Rua Nova do Almada 99

LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 84 — LISBOA

A casa que melhor trabalha

ALTA-FIDELIDADE

JORGE GONÇALVES

Av. 5 de Outubro, 53-1.º andar

BEJA ESPERA-O

O LIDADOR, também.

Qtos. c/ ág. cte. Tel. 734.

Restaurante até ás 24 h.

Prop. AMBRÓSIO PEREIRA

BILHETE TURÍSTICO

Estadia no Algarve

VIAGEM DE 5 DIAS COM TODAS AS DESPESAS INCLUÍDAS POR 745$00

PARTIDAS TODOS OS DOMINGOS

APROVEITE A AMENIDADE DO CLIMA ALGARVIO PARA UMA VISITA A OLHÃO, LAGOS E SAGRES E UMA APRAZÍVEL ESTADIA NA ILHA DE ARMONA ALOJADO EM "BUNGALOW" DO CAMPO DA "ORBITUR"

OS BILHETES SÃO VENDIDOS NAS ESTAÇÕES DO ROSSIO E DO TERREIRO DO PAÇO, NOS DESPACHOS CENTRAIS DA C. P. E NAS AGÊNCIAS DE VIAGENS AUTORIZADAS ATÉ 10 DIAS ANTES DO DOMINGO DE INÍCIO DA VIAGEM

PEÇA FOLHETO DESCRITIVO

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — T. 45587

Dr. Abel Alves — Ouv., nariz e garganta, 14 h.
Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç., olhos, 18 h.
Dr. Armando Valle — Anál. clin. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Luzes — Rins e vias urinárias, 17 h.
Dr. Benard Guedes — Raios X, 16 h.
Dr. Câmara Leme — Boca e dentes, 9 às 20 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues — Doenças nerv. mentais (2.ªs, 4.ªs e 6.ªs), 18 h.
Dr. Formigal Luzes — Ag. Físicos, 15 h.
Dr. Fernando Castro Amaro — Med. geral, 14 h.
Dr. Marques Pinto — D. das crianças, 15 h.
Dr.ª Maria do Carmo Martinho — Clínica médica. Doenças do coração Electrocardiogramas, 15 h.
Dr. Souto Soares — Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.
Dr. Pedro da Cunha — Partos e doenças das senhoras (3.ªs, 5.ªs e sáb.), 15 h.
Dr. Tito de Noronha — Doenças da pele e sifilis (2.ªs, 4.ªs e 6.ªs), às 12 1/2.
Dr. Xavier de Brito — Clínica Médica, estômago, intestinos, fígado, ás 18 h.

PARA PROTEGER A VELHICE

HYPERSEX

COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO

Esgotamentos, cansaço cerebral, astenias da idade senil, etc.

Propaganda (grátis) da FAL — Apartado 2 142 — LISBOA

DINHEIRO

SOBRE PROPRIEDADES (urbanas e rusticas) e AUTOMÓVEIS

BOAS CONDIÇÕES, RAPIDEZ E SIGILO

ORCOSI

R. 1.º Dezembro, 45-3.º, Es.

Telefs. 367444/323172

beba

BOACEPA

TINTO·BRANCO DE ORIGEM 12°

CALDEIRA Lda

LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«Perspectivas do Século XIX»

por Victor de Sá

Com tenacidade e coerência que se salientam entre os seus mais notáveis méritos, tem vindo Víctor de Sá a construir uma obra que é espelho fiel do seu voto intelectual e moral: «Escrevo por imposição de consciência cívica; sinto e sofro os problemas do meu tempo e do povo a que pertenço». Como homem do seu tempo e como consciência cívica, tem concentrado no século XIX português a sua faina generosa de investigador e de ensaista, porque no século XIX se situam as raízes decisivas das realidades nacionais, no que é negativo e no que é virtualmente positivo, na cultura e na acção necessária. O volume de ensaios «Perspectivas do Século XIX» vem enquadrar-se na linha voluntária dos seus estudos sobre Antero e Amorim Viana e, em mais largo ambito das responsabilidades

Victor de Sá

do intelectual perante aquelas realidades, da série de trabalhos que constituíram a colecção «Cultura e Acção».

Parte Víctor de Sá do pressuposto certo de que as traves-mestras da vida portuguesa no presente, derivando em linha de continuidade do século passado, não foram afectadas pelas alterações políticas dos ultimos cento e cinquenta anos porque estas foram mais simbólicas do que substanciais. Mas nessa linha permanente vieram inserir-se novas estratificações, quadros sociais e valores, cujos desajustamentos e condicionalismos é indispensável analisar profundamente para que o futuro possa ser encarado com capacidade transformadora. O ensaísta tem o sentido claro da evolução e aplica com justeza o método que daí resulta. E na sua perspectiva, compartilhada com os que têm vindo a construir a revisão indispensável do século transcorrido, insere paciente investigação própria, desvenda novos angulos de apreciação, traz á luz personalidades e factos que o tempo tinha obscurecido, alarga com eficácia documental a visão do tempo que trouxe até nós as realidades oitocentistas essenciais. As páginas que consagra á história da introdução do ensino de economia política em Portugal, ao aparecimento da imprensa socialista, á acção de António Pedro Lopes de Mendonça, Sousa Brandão, Custódio José Vieira, etc., ás diferenciações ideológicas de atitude perante o liberalismo económico, á influência de Proudhon, aos aspectos sociológicos da obra de Amorim Viana — constituem fundamentais contribuições para a análise fecunda da mentalidade portuguesa na sua trajectória moderna. A metódica ordenação e o assíduo apoio dos textos ressuscitados são qualidades relevantes neste trabalho meritório de Víctor de Sá.

Por isso mesmo se justificam mais vivamente as dúvidas ou perplexidades ante os aspectos de menor segurança que neste livro se deparam: o optimismo precário, como na afirmação de que «cada vez mais as pátrias se impõem e os povos se engrandecem, não pela força destruidora dos seus exércitos, mas pela consciência edificante dos seus cidadãos»; certas injustiças perante o passado próximo, como ao assinalar a ausência prolongada de polémica no ultimo meio século, deixando esquecida e sem advertência a acção de Raul Proença e de António Sérgio na polémica pedagogicamente e civicamente mais construtiva; a simplicidade excessiva com que qualifica de extemporanea e retrógada a adopção de Proudhon pelas maiores figuras da chamada «geração de 70». Também o estilo de exposição precisa de ser mais cuidadosamente controlado por Víctor de Sá, depurando-o de expressões redundantes, formalmente floridas e simplistas, que só comprometem a clareza da observação e do raciocínio.

A experiência actual do ensaísta, em estágio investigador no estrangeiro, vai ser certamente muito proveitosa á continuidade da sua obra. Se ela representa já um valor positivo e sério na consciencialização da nossa cultura, mais o poderá ser com a abertura de horizontes e o equilíbrio de confrontação crítica que uma experiência cosmopolita pode facultar. *(Colecção Portugália, Portugália Editora, Lisboa).*

«Poemas de Edmundo de Bettencourt»

Divulgando mais largamente valores novos, a Colecção Poetas de Hoje está a desempenhar missão tão meritória como ao ressuscitar perante as gerações presentes valores injustamente esquecidos ou apagados do passado próximo. Expressivamente o assinalam os «Poemas» agora publicados de Edmundo de Bettencourt — um criador lírico que teve lugar dos mais altos no movimento renovador da *Presença* e que é expoente inapagável do que houve de mais profundo e sério no modernismo poético português. Com um unico livro anteriormente publicado, «O Momento e a Legenda», de 1930, a sua obra dispersou-se, para além da revista coimbrã, em publicações circunstanciais que não impediram o esmorecer ante os leitores da sua voz discreta. O reaparecimento do poeta

Edmundo de Bettencourt

nesta colectanea que condensa uma trajectória longa — desde 1917 a 1962 — não é apenas um acto de justiça literária para o autor que se distanciou: é o preenchimento de um vazio que subsistia na própria literatura facultada ao grande publico. Romantico perene, mesmo nas criações de aparência mais descarnada e intelectualista; renovador de formas, de temas, de tratamentos da imagem ou do símbolo, na esteira livre de Gomes Leal, de Pessoa e Sá Carneiro; curiosamente tentado pelo surrealismo na década de trinta, mas logo retornado á sua límpida veia pessoal — Edmundo de Bettencourt trouxe até á actualidade uma poesia sempre actual e que é tão moderna hoje como há quarenta anos. Mas poesia sempre romantica, no sentido mais universal e não escolástico do termo—pelo solipsismo e apelo individualista do «sonho imortal de liberdade»; pelo narratismo, que vai ás fórmulas apologais devassar os íntimos dramas, e pela ansia de sair de si-mesmo e do seu mundo: «... quando será outro este jardim/onde todo o movimento de princípio/só no regresso encontra fim?...; pela nostalgia do que nunca foi ou nunca poderá vir a ser; pelo eterno retorno da «memória ambiciosa» e dos constantes elementos que assinalam a flutuação inquieta e o porto de destino nunca alcançado: «... o luar, o mar, a estrada». E grande poeta, sempre, na pureza da sua linguagem, na sobriedade sentimental e formal, na fluência linear dos seus ritmos. Se foi *presencista* antes da *Presença*, continuou a sê-lo Edmundo de Bettencourt depois de ter deixado a revista e muito para além da sua extinção. Mas, para além das afinidades de corrente ou de grupo é a personalidade só, é a voz irredutivelmente pessoal e nunca infiltrada — mesmo na breve experiência quase surrealista — que a tudo sobreleva no longo caminho de quarenta e cinco anos de poesia.

O prefácio de Herberto Helder a este livro de impressionante unidade e limpidez só lhe acrescentou o que não lhe fazia falta: confusões e obscuridades onde tudo é rectilíneo e claro, injustiças crassas e estreitezas sectárias onde tudo é isento e largo. O leitor advertido passará adiante, talvez meditando sobre o que há de caduco na pretendida renovação de alguns jovens escritores de agora. Mas da poesia de Edmundo de Bettencourt, sobre o que há nela alheio ao tempo e á pressão das verdades humanas fundamentais, ficará o grato sentimento do encontro com um puro lírico que, romanticamente, nunca pôde nem quis ser outra coisa. *(Colecção Poetas de Hoje, Portugália Editora, Lisboa).*

«A Astronave»

poema de Armando Ventura Ferreira

De uma obra de ensaista e crítico em que testemunhou notáveis qualidades e de experiências novelísticas pouco convincentes, transitou Armando Ventura Ferreira para a poesia com esta criação original e vigorosa. A pluralidade das suas aptidões literárias, que só contingencial e irregularmente se revelam ao publico leitor, fica assim mais evidenciada — mas deixando em suspenso interrogações antigas. De uma personalidade virtualmente tão rica a obra publicada é apenas um éco fugidio. O poeta que escreve agora: «a minha época é a melhor que tem existido», afigura-se precisamente uma vítima da sua época — que não lhe trouxe nos momentos próprios as condições de realização plena dessa personalidade multiforme, vàriamente dotada, enigmática nas suas temporárias desistências e esporádicas revelações.

O poema «Astronave», conjuga, com íntima força, o sentimental e o épico, e a ambos exprime numa forma varonil, de entusiasmo subjugado e de energia que voluntàriamente se reprime. A aventura espacial é a sua temática aparente, entrecortada de alusões de amor. Mas a substancia mais íntima do poema é a desesperada ansia de evasão, de partida exorbitante para além de tudo o que é conhecido, de esperança imaginativa num outro mundo totalmente diverso. E' á «meta longínqua», ao «delírio incongruente de inserir todo o espaço», ao alvo das «estrelas que parte dos olhos», á aspiração de alcançar «algo de diferente que seja lirismo», a um outro «universo correndo no infinito» — talvez, afinal, á liberdade absoluta e ao nada — é a tudo isso que visa o poema «astronáutico» de Armando Ventura Ferreira. Na sua exasperação, só parcialmente contida ou mascarada, há uma peculiar grandeza dramática, como na sua forma quente e versátil há os lances fortes de uma inesperada beleza poética.

Também nestes versos se evade o escritor da sua plena realização, embora reafirmando mais um testemunho da sua rica e densa personalidade literária. A «melhor das épocas» não foi, decerto, a propícia época de Armando Ventura Ferreira *(Editora Arcádia, Lisboa).*

Registo

- *A* Editorial Minerva *concluiu, do a valorizar a sua excelente Colecção Pelicano com obras de relevante interesse cultural. Os dois ultimos volumes publicados na série são «A Ciência e o Mundo Moderno», de A. N. Whitehead, em que é magistralmente analisada a projecção dos progressos científicos na cultura dos ultimos três séculos; e «Curiosidades da Matemática», de Eugene P. Northrop, em que são coligidos curiosos divertimentos operados com numeros, de interesse para os matemáticos e para os leigos.*

  A mesma editorial acaba de publicar, também, na série intitulada Documentos do Tempo Presente, um livro sensacional e muito dscutido mundialmente: «Conversações com Estaline», do político jugoslavo Milovan Djilas, que deu motivo a um julgamento célebre. Na referida colecção foi igualmente apresentado o documentário «O Império do Petróleo» de Harvey O'Connor, em que são versados todos os aspectos importantes das industrias petrolíferas. Nas suas colecções de leituras ligeiras (3:C e Marabu Junior) publicou a Editora Ulisseia *o livro clássico de ficção científica «O Incêndio da Grande Piramide», de Hans Dominik; a novela de aventuras* western *«Bravados», de Frank O'Rourke; e a novela de guerra «A R. A. F. Resiste», de Willy Bourgeois.*

- *O livro documental «O Caso Cícero», de Elyssea Bazna, em que se narra com animação flagrante a história mais extraordinária de espionagem durante a ultima Guerra Mundial, acaba de ser publicado em tradução portuguesa pela editorial* Estudios Cor. *A tradução do livro, que é de sugestivo interesse para o mais largo publico, é do escritor Alfredo Margarido.*

- *Dois livros de histórias para crianças, encadernados e gràficamente muito bem apresentados, trouxe há pouco a lume a editora* Lello e Irmão, *do Porto. Intitulam-se «As Aventuras de Pequenu» e «Pequenu e os seus Amigos» e é seu autor o consagrado escritor da especialidade Dick Laan. As capas e as ilustrações dos dois volumes, muito graciosas e sugestivas, são da desenhadora Mizé.*

- *E* Editorial Minerva *concluiu, com os dois ultimos volumes ultimamente distribuídos, a edição popular do romance de Leão Tolstoi «Guerra e Paz», em seis volumes. Fica assim acessível a mais largo publico, em tradução correcta e com um prefácio excelente de João Pedro de Andrade, uma das obras mais belas e perfeitas de toda a história da literatura mundial. Na sua Colecção Xis apresentou, também, a mesma editora a narrativa policial «Vinte+Dois», de Frank Gruber, traduzida por Joana Fradique.*

- *Pela* Colecção Imbondeiro *(Sá da Bandeira, Angola) foram apresentados mais dois cadernos de ficção: o conto «O Rapaz Doente», do escritor cabo-verdiano Gabriel Mariano — uma narrativa de interessante cunho local muito bem construida; e a colectanea de contos breves «Sol na Janela», de Manuel Amaral que revela um ficcionista com vivas qualidades de observação mas carecido de maior personalidade de estilo. A* Colecção Imbondeiro *prossegue, assim, a sua obra valiosa e séria de divulgação de valores.*

- *Com o volume de poemas «Rio Subjacente« obteve o escritor e escultor Aureliano Lima o* Prémio Galaica, *instituído pela livraria portuense do mesmo nome, por escolha de um juri de que faziam parte Óscar Lopes, David Mourão Ferreira, Ramos Rosa, Egito Gonçalves e Alberto Uva. Boas autoridades para julgar uma poesia em que há inspiração veemente, sonoridade, bela musica formal, imagens límpidas e reveladoras, o hausto largo dos espaços abertos ás mais diversas solicitações da vida. Walt Whitman mais lírico mas menos seguro de si parece evolar-se destes versos amplos de «Nascemos sob escombros» ou de «Regresso a ti». Aureliano Lima tem a personalidade inteira de um poeta. Edição do autor.*

- *César Príncipe persiste com «Verdura nos Papiros», seu quarto livro de poesia, na rebusca de uma originalidade que não se lhe apresenta fácilmente nem talvez venha nunca a apresentar-se sériamente pelo caminho que tomou. O extravagante, o absurdo, o exótico, o desconcertante por desconcertado, a plena desordem nos temas e nas formas, continuam a ser o seu suposto reino lírico. Não é ainda desta vez — e o caso começa a afigurar-se sem remédio — que César Príncipe consegue ser o autêntico poeta que algumas qualidades por ele desprezadas deixavam admitir.*

- *Para a sua Colecção BAB (Biblioteca Arcádia de Bolso) fez a* Editora Arcádia *traduzir o já clássico «Ensaio sobre a Liberdade», de Stuart Mill. A obra é um dos pilares do pensamento filosófico-sociológico no século XIX e valor indispensável de cultura histórica. Um prefácio extenso de Orlando Vitorino, em que se confunde o inconfundível (tudo o que aproxima ou separa os conceitos essenciais de liberdade entre um Álvaro Ribeiro (!) e um Stuart Mill) embaraça, em vez de facilitar, o ingresso numa obra magistralmente límpida como é este ensaio do filósofo e economista inglês.*

A REVELAÇÃO EM PORTUGAL DE UM DOS MAIORES ESCRITORES POLACOS CONTEMPORÂNEOS

ZLY, O MAU

DE LEOPOLD THYRMAND

Um retrato fiel da Varsóvia do pós-guerra, invadida por bandos de oportunistas, «teddy-boys», traficantes e inúteis.

Colecção SÉCULO XX, N.º 59

60$00

ZLY, O MAU

De LEOPOLD THYRMAND

Um livro já publicado em 12 países

Um «best-seller» mundial com mais de 5.000.000 de exemplares vendidos

Colecção SÉCULO XX, N.º 59

60$00

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, Rua das Flores, 45 Lisboa-2

Peça-nos o catálogo e informe-se sobre as condições de venda de todas as nossas edições em pagamentos suaves